

QUANDO O MUSEU VAI À FAVELA E A FAVELA VAI AO MUSEU: AÇÕES TERRITORIALIZADAS DO MUSEU DA VIDA



Alessandro Machado Franco Batista
Denyse Amorim de Oliveira
Priscilla Abrantes da Silva
Renata de Oliveira

QUANDO O MUSEU VAI À FAVELA E A FAVELA VAI AO MUSEU:

AÇÕES TERRITORIALIZADAS DO MUSEU DA VIDA

Autores:

Alessandro Machado Franco Batista,
Denyse Amorim de Oliveira,
Priscilla Abrantes da Silva
e Renata de Oliveira

Rio de Janeiro: Fiocruz - Casa de Oswaldo Cruz, 2021

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidente: Nísia Trindade

CASA DE OSWALDO CRUZ

Diretor: Marcos José de Araújo Pinho

DEPARTAMENTO MUSEU DA VIDA

Chefe: Héilton da Silva Barros

LIVRO QUANDO O MUSEU VAI À FAVELA E A FAVELA VAI AO MUSEU: AÇÕES TERRITORIALIZADAS DO MUSEU DA VIDA FIOCRUZ

Autores:

Alessandro Machado Franco Batista,
Denyse Amorim de Oliveira, Priscilla
Abrantes da Silva e Renata de Oliveira

Produção e revisão de texto:

Fernanda Costa Távora de Castro

Projeto gráfico e capa:

Loja Interativa

Programação e design:

Loja Interativa

Audiodescrição das imagens:

Graciela Pozzobon da Costa

Consultoria da acessibilidade:

Carolina Sacramento e Hilda Gomes

Intérprete de Libras:

Jadson Abraão

LIBRAS e Legendas:

JDL - Traduções Acessibilidade na
Comunicação

Audiodescrição e Finalização de Acessibilidade:

Cinema Falado Produções

Produção de Conteúdo:

Clarice Ferreira Ramiro de Souza

Produção Executiva:

Geraldo Casadei e André Bordalo

Agradecimento a Barbara Mello



Patrocínio Master



Patrocínio



Co-patrocínio



Realização



Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel

- Q1 Quando o museu vai à favela e a favela vai ao museu: Ações Territorializadas do Museu da Vida / Organização Alessandro Machado Franco Batista, Denyse Amorim de Oliveira, Priscilla Abrantes da Silva, Renata de Oliveira. -- Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2021.
1 e-book: il. color.

Modo de acesso: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes>>.
ISBN 978-65-87465-50-0 (e-book)

1. Museus e comunidade. 2. Favelas. 3. Periferias. 4. Participação social. 5. Território sociocultural. 6. Popularização da ciência. I. Batista, Alessandro Machado Franco. II. Oliveira, Denyse Amorim de. III. Silva, Priscilla Abrantes. IV. Oliveira, Renata de. V. Museu da Vida. Casa de Oswaldo Cruz. VI. Título.

CDD – 069

Catálogo na fonte: Ana Claudia Vieira Vidal - CRB7/7087

Prefácio

A presente publicação reforça a tradição da Fundação Oswaldo Cruz no sentido de promover o direito à saúde como forma de garantir qualidade de vida da população brasileira e uma ciência eticamente orientada para a qualidade de vida e o desenvolvimento social. Isso significa empreender esforço máximo na defesa do Sistema Único de Saúde, da democracia e da cidadania ampla como valores centrais, trazendo para primeiro plano a redução das desigualdades sociais e suas diversas formas de reprodução. Este *ebook* revela este esforço, bem como a realização das Ações Territorializadas desenvolvidas no interior do Museu da Vida.

As experiências reunidas aqui versam sobre a atuação em projetos voltados a um público socialmente vulnerável às desigualdades, submetidos as mais diversas condições de violência: este é o público das favelas e periferias. Mais do que tratá-los como objeto de investigação, o que está em jogo é a possibilidade destes sujeitos políticos se tornarem co-autores dessas ações. Atuando junto ao público, as ações territorializadas revelam o propósito de pensar o futuro a partir de um novo quadro de referências, capazes de partilhar valores fundamentais ao modelo democrático, como o direito à vida, e à vida digna, contemplando potenciais humanos associados ao mundo da arte, da cultura, da produção do conhecimento, da reflexão sobre a cidade e o meio ambiente.

E, neste movimento, essas ações ressignificam a atuação da própria Fundação Oswaldo Cruz. Trata-se de uma instituição vocacionada para a proposição de políticas públicas, produzir indicadores, construir tecnologias sociais e essas ações territorializadas, reunidas neste livro, ajudam a redefinir o lugar da própria Fiocruz em suas diversas formas de intervenção nos territórios. Ou seja, para além de pensar a relação imediata do Museu da Vida com seu entorno – notadamente as comunidades de Manguinhos, Maré e adjacências – o que está em jogo é o modo pelo qual uma instituição pública atua e refaz o sentido de sua atuação a partir das demandas territoriais.

Trata-se, portanto, de projetos que vislumbram possibilidades de edificação de novos futuros, mas que, ao mesmo tempo, buscam a restauração de princípios fundamentais às pessoas e às relações sociais, em um contexto marcado, ainda, pela hegemonia da negação desses pressupostos.



Daniel Pinha Silva – Professor do Departamento de História da UERJ
Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2021.

A publicação deste *ebook* sobre as experiências e reflexões políticas e socioeducativas do nosso Museu da Vida, a partir das ações territorializadas empreendidas em três grandes complexos de favelas do Rio – Mangueiras, Maré e Jacarezinho – é uma realização que orgulha a toda a comunidade da Casa de Oswaldo Cruz (COC). Enquanto instituto da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) dedicado à preservação e à gestão do patrimônio cultural, à história e à divulgação das ciências e da saúde, alicerçamos nossa atuação em um conceito que é caro à toda a instituição, o de território, sobre o qual proponho uma breve digressão.

O pensamento sobre o patrimônio cultural teve sua constituição no Brasil marcada por intelectuais ligados às belas artes e à literatura, em uma região que – como observa Nestor Garcia Canclini ao analisar esse campo na América Latina – era majoritariamente analfabeta e afastada da chamada cultura culta na primeira metade do século 20. Talvez por conta disso, e da necessidade de consolidação de uma identidade nacional imaginada, aqueles dedicados ao patrimônio cultural dessem tanta ênfase ao bem cultural em si. Ao torná-lo central, entendiam tudo aquilo que o circunda como entorno, como área de influência e de proteção ao bem eleito. Essa eleição e centralidade foi privada de uma maior participação social na escolha de suas representações simbólicas e culturais.

Esse entendimento vem sendo desconstruído, especialmente a partir do início deste século e de uma maior compreensão da noção de valor. Segundo essa visão mais contemporânea, longe de ser algo intrínseco ao bem cultural, seu valor se origina da apreensão social sobre ele e – por que não? – da imaterialidade que dá sentido ao patrimônio, trate-se de um bem tangível ou intangível. Talvez os museus tenham sido mais sensíveis à importância dessa participação social, uma vez que ondas de reflexões e transformações se sucederam desde os anos 1970 a partir de um debate sobre a função social dos museus e a proposição de uma nova museologia.

Essa noção de entorno, porém, não se circunscreve ao patrimônio cultural. A pressuposta existência de um núcleo central e, por conseguinte, de uma periferia espalha-se por outras áreas do conhecimento, na vida cotidiana e na academia. Por mais que se argumente que o conceito de entorno valoriza aquilo que está ao redor do que se estabelece como central, na prática ele possui significados excludentes e hierárquicos. Em outras palavras, o que é aplicado ao que é visto como periférico deriva do que se entende como centro. Em contraposição, a noção de território pressupõe que, sendo todos parte de um lugar, embora diversos e singulares, compartilhamos e construímos conjuntamente histórias, memórias, problemas e soluções.

Na COC, bem como em outras instâncias da Fiocruz, há já uma tradição na concepção de projetos com base na noção de ações territorializadas e na realização de pesquisas sobre favelas e seus moradores com metodologias nas quais estes não são objetos, mas sujeitos de sua própria história e memória. Na seara do patrimônio cultural, preservamos e difundimos conjuntos documentais de extrema relevância para a história das favelas do Rio, incluindo fotos de diferentes localidades que datam dos anos 1960. Entre nossas ações de educação patrimonial, por sua vez, estão cursos de formação profissional que priorizam alunos dos territórios onde a Fiocruz se situa. O curso de afrescos, com o artista plástico e professor Lídio Bandeira de Mello, por exemplo, teve como resultado a execução de afrescos em espaços públicos escolhidos conjuntamente com alunos e comunidades nos territórios.

Destaca-se também o Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos, constituído pelas edificações centenárias da Fiocruz às margens da Avenida Brasil, no Rio. Dentre seus valores e princípios, o plano trabalha com os conceitos de conservação integrada e requalificação sustentável, segundo os quais a participação ativa da comunidade é um pressuposto ao seu desenvolvimento. A ampliação dessa participação e as ações territorializadas são objetos centrais do Programa de Sustentabilidade do plano de requalificação.

Gostaria, por fim, de mencionar as ações realizadas pelo Museu da Vida, um dos departamentos da Casa de Oswaldo Cruz (COC), desde sua origem, em especial sua relação com o Museu da Maré e outros museus de territórios, sua aproximação com o campo da Museologia Social, as parcerias com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (Ceasm), a Casa Viva/Rede CCAP e a EJA Manguinhos, e iniciativas como o Pró-Cultural, voltadas a jovens moradores de diversas comunidades do território. Esses exemplos servem apenas para instigar o leitor, pois certamente aqui estão ausentes diversas das inúmeras iniciativas realizadas pelo Museu da Vida que se apresentarão ao longo desta publicação.



Marcos José Pinheiro

Fala Institucional

Esta publicação consolida e registra uma das experiências mais exitosas nas pouco mais de duas décadas de existência do Museu da Vida. Hoje, podemos dizer com convicção que o Museu é uma referência institucional em ações territorializadas – fruto de um trabalho consistente, apoiado em conceitos sólidos, mas sobretudo de muita escuta e participação. Neste *ebook*, o leitor entrará em contato, por meio de entrevistas, relatos pessoais, textos autorais e registros fotográficos, com um universo efervescente de cultura, comprometimento social e infinitas trocas de saberes que permeiam as potentes relações construídas pelo grupo de Ações Territorializadas do Museu da Vida.

Ancorados na missão de “*despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, e seus processos históricos, visando à **promoção da cidadania e à melhoria da qualidade de vida***”, a equipe dedicada às ações territorializadas do Museu da Vida foi, ao longo dos últimos anos, cultivando parcerias, consolidando relações e desenvolvendo projetos com a participação de diversas instituições, como movimentos sociais, organizações não-governamentais, associações de moradores, entre outras, do território ao qual a Fiocruz pertence. A experiência aqui relatada é inovadora e fruto de um trabalho contínuo, que certamente tem suas origens ainda no início da década de 1990, quando o Museu da Vida começa a ser gestado. É importante destacar que, se hoje existe uma ação territorializada forte e institucionalizada, se deve também ao incondicional apoio dado pela direção da Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade a qual o Museu da Vida está vinculado. Atualmente, o trabalho, além de ser integrado às linhas de atuação do museu, também conta com colaborações de outros profissionais da COC.

Os desafios permanecem, mas, agora, nós temos uma estrada pavimentada, ainda carente de melhoria na sinalização, mas que certamente nunca deixará de ser uma via de mão dupla. Seguimos juntos, construindo conhecimento compartilhado com nossas amigas e amigos dos territórios, principalmente da Maré e de Manguinhos. Quem acompanha de perto o cotidiano relatado nesta obra sabe que há muito a avançar, mas o futuro é, sem dúvida, promissor. Sigamos em frente, multiplicando esforços e semeando as sementes lançadas pelos belos frutos deste trabalho.



Um forte abraço,
Héilton Barros
Chefe do Museu da Vida - Fiocruz

Sumário

14 Introdução Ebook

23 A trajetória de construção do trabalho territorializado em museus de ciências

1. Experiências Predecessoras	27
1.2. Programa de Iniciação à Produção Cultural (Pró-Cultural)	31
1.3. Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável	33
1.4. Exposição Manguinhos: Território em transe (2010-2013)	35
1.5. Amigos do Museu da Vida e o Expresso da Ciência	40
2. As Ações Territorializadas	41

51 Caminhos formativos: experiências de popularização e divulgação da ciência com favelas e periferias

1. Formação de Mediadores nas Ações Territorializadas	57
2. Formação junto a parceiros territoriais	63
2.1. Formação de jovens no Pró-Cultural	64
2.2. Rede CCAP	69
2.3. Relato de atividade junto à EJA	70
3. A formação não para...	72

78 Experiências educativas para popularização da ciência em favelas e periferias

1. Nosso processo de permanente encontro ou de comunhão permanente...	82
---	----

2. Atividades educativas	89
2.1. Atividades apropriadas pelos parceiros	90
2.2. Oficinas desenvolvidas para a itinerância	93
3. O que já mudou...	96

104 Quando a favela e periferia vão ao Museu da Vida: as ações do Expresso da Ciência

119 Entre subúrbios, becos e vielas promovendo afetos

1. A vida exige ação não temos tempo de esperar: Ações de parcerias imediatas provocadas pela AT/MV.	120
2. Curadoria com participação social: democratizando a construção do conhecimento	123
2.1. A dupla inserção do Museu da Vida	127
2.2. Os seminários de Curadoria com Participação Social (CPS)	131
3. Alinhamento institucional com a Fiocruz	137
4. AT/MV, as redes territorializadas e o futuro...	139

146 Considerações: exercícios para não esmorecer

1. A travessia de uma tormenta e a solidez de um trabalho	147
---	-----

169 Referências Bibliográficas

Introdução Ebook

Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que eu te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.

(Ensaio sobre a cegueira – José Saramago)

O maior inimigo do pensamento autoritário é o pensamento livre, porque ao ser livre, ele se torna libertário.

(Discurso da 8ª Conferência Nacional de Saúde – Sérgio Arouca)

Caro leitor(a),

Este *ebook* foi pensado e produzido a partir de um amplo processo de reflexão sobre a importância do diálogo e da participação social de territórios de favelas e periferias em museus e centros de ciências. Esse debate vem sendo desencadeado ao longo dos anos por múltiplos sujeitos e sujeitas que integram a equipe do Museu da Vida Fiocruz e estabelecem uma relação permanente de troca com os movimentos sociais, moradores, escolas e demais instituições e organizações de territórios de favelas e periferias. Compartilhamos nesta escrita as experiências e reflexões políticas e socioeducativas constituídas a partir da atuação das Ações Territorializadas, pois elas nos evidenciam elementos importantes para pensarmos a construção de um museu que efetivamente alcance e envolva a todas e todos.

Cabe destacar que o Museu da Vida Fiocruz, localizado em Manguinhos, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, está inserido em um território com três grandes complexos de favelas - Manguinhos, Maré e Jacarezinho-, dentro do *campus* da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e integra a Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico científica dedicada a preservação da memória, patrimônio e divulgação

científica da instituição. A Fiocruz é uma das maiores instituições de ciência e saúde da América Latina, tendo mais de 100 anos de existência. Sua história está intrinsecamente relacionada com a história da saúde e da ciência brasileira, assim como, com a história da cidade e do território na qual se encontra. Pode-se perceber então que a singularidade do Museu da Vida Fiocruz enquanto museu de ciências está na sua vinculação tanto com a Fiocruz, quanto com o território no qual se insere. É um misto de museu e centro de ciências que busca promover a participação da população nas questões ligadas à saúde, ciência e tecnologia.

O Museu da Vida Fiocruz ocupa vários espaços separados geograficamente dentro do *campus* Fiocruz. São cinco espaços interativos com exposições de longa duração, um teatro, um salão de exposições temporárias e um borboletário. Além disso, realiza várias ações extramuros, seja pelas suas exposições itinerantes que alcançam todas as regiões do Brasil, pelas ações do Ciência Móvel (Caminhão da Ciência), que circula por todas as cidades da região sudeste do Brasil – considerado o Museu da Vida itinerante –, seja pelas ações territorializadas que o Museu realiza, por meio de um movimento dialógico de ida aos territórios e vinda destes para a instituição, construindo ações/atividades conjuntas com parceiros atuantes nas favelas e periferias do Rio de Janeiro e colaborando para um inovador processo de popularização da ciência.

Assim sendo, desde a sua origem, o Museu da Vida Fiocruz busca estabelecer uma relação colaborativa com diferentes atores e instituições públicas e/ou não governamentais que atuam em territórios urbanos socioambientalmente vulnerabilizados¹. Ao longo dos anos, construíram-se diversos projetos e ações com o objetivo conjunto de fomentar a participação de professores da educação básica e jovens de favelas e periferias em suas atividades museais. Partindo deste acúmulo de ações, em 2015 é implementada a linha de trabalho as Ações Territorializadas (A.T), que, atualmente, integra o Núcleo de Desenvolvimento de Público do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

O enfoque que motiva o trabalho das Ações Territorializadas desde os seus primeiros passos compreendia a necessidade da implementação de um trabalho dialético em que propunha um encontro nos territórios entre o saber científico, principalmente,

¹ A respectiva expressão tem como base conceitual o termo de referência do Programa Institucional da Fiocruz “Territórios Sustentáveis e Saudáveis (PITSS)”.

o produzido Fiocruz, e o saber popular, ao mesmo tempo em que a populações socioambientalmente vulnerabilizadas das favelas e periferias eram convidadas à ocuparem o espaço público (Fiocruz), ambiente de fazer da ciência e da cultura. Assim, era realizada também a provocação para dentro do museu e da instituição de resignificarem-se. De forma que o Museu vai ao encontro da favela e a favela ocupa o espaço do Museu.

Com o passar dos anos, o trabalho realizado pelas Ações Territorializadas possibilitou a ampliação e o fortalecimento de parcerias interinstitucionais com diferentes setores da Fiocruz e com atores públicos, coletivos sociais e culturais dos territórios de Manguinhos e Maré. Tais processos resultaram em debates e reflexões sobre participação social, democratização da ciência, repartição do poder em espaços museais, construção de territórios sustentáveis e saudáveis, Direitos Humanos e saúde, impactos da violência na saúde, entre outros. Os referidos debates e reflexões materializaram-se em eventos realizados ao longo do tempo com o protagonismo da equipe das Ações Territorializadas e a ativa interlocução com os demais setores da Fiocruz e dos movimentos sociais de favelas e periferias.

Portanto, em nossa estrada, registrada nessa obra, optamos por trilhar a o seguinte caminho:

O primeiro capítulo – intitulado “A trajetória de construção do trabalho territorializado em museus de ciências” – versa sobre o histórico de formação e a consolidação das Ações Territorializadas do Museu da Vida. Ainda que a implementação deste grupo tenha se dado em 2015, é possível perceber seus antecedentes presentes em diversos projetos do Museu da Vida, desde a sua origem. Esta linha de trabalho é fruto, entre outras coisas, de uma conjunção de vários atores e mudanças que aconteceram na Fiocruz e no Museu da Vida. Tais mudanças, paulatinamente, aproximaram e estabeleceram contatos com interlocutores dos territórios próximos à Fiocruz. Tem destaque nesse primeiro capítulo a parceria com a Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, que se desdobra na exposição Manguinhos Território em Transe, o embrião do trabalho das Ações Territorializadas. Igualmente, destaca-se o processo de amadurecimento do campo da Museologia Social e o surgimento de museus, como o Museu da Maré, o Museu das Remoções, o Museu das Favelas, entre outros.

O segundo capítulo - intitulado “Caminhos formativos: experiências de popularização e divulgação da ciência com favelas e periferias” – versa sobre a formação. Discutem-

se duas dimensões, a formação da equipe e as formações que se dão junto a cursos de formação nos territórios, por meio de parcerias. Inicialmente, é interessante entender a formação interna da equipe porque isto envolve a escolha do perfil de seus componentes e os temas debatidos nos espaços. Por outro lado, os espaços formativos territoriais, majoritariamente em Manguinhos e Maré, apresentam-se como a possibilidade de compartilhar a responsabilidade de trabalhar módulos junto a coletivos e grupos. Destacam-se parcerias variadas, como as realizadas com o CEASM, a Casa Viva/Rede CCAP, a EJA Manguinhos e mesmo o Pró-Cultural, iniciativa do Museu da Vida voltada à jovens moradores dos territórios já mencionados. Entende-se que a cada experiência formativa, interna ou externa, consolidamos e retroalimentamos nossa própria base conceitual, incorporando conceitos que estão na ordem do dia, como o debate da negritude e da diversidade sexual. É uma via de mão dupla, o trabalho forma os membros da equipe e os membros da equipe formam o trabalho e, tal qual a gente colabora para formar, juntos aos parceiros, somos também formados nesse processo.

O terceiro capítulo – intitulado “Experiências educativas para popularização da ciência em favelas e periferias” – versa sobre a dimensão dialógica do trabalho das Ações Territorializadas, que se dá em sua ida aos territórios e na vinda desses sujeitos à Fiocruz, quando da visita ao Museu da Vida. Especificamente, neste capítulo tratamos do primeiro movimento, a ida aos territórios com ações do Museu da Vida *in loco* dentro de escolas, de unidades básicas de saúde, das ruas e vielas das favelas, em praças públicas e equipamentos culturais. Hoje, extrapolamos o município do Rio de Janeiro, atendemos, por exemplo, a Baixada Fluminense, Niterói e São Gonçalo. As ações são múltiplas e pactuadas com os parceiros envolvidos na visita. Exemplos de atuação nos territórios são a exposição Manguinhos Território em Transe, oficinas com microscópio, peças de teatro do Ciência em Cena, entre outras. Há um leque de opções, mas elas podem também ser modificadas. A ida aos territórios é um processo super complexo, rico e cheio de possibilidades. Nossa tentativa nesse capítulo é apresentá-lo.

O quarto capítulo – intitulado “Quando a favela e periferia vão ao Museu da Vida: as ações do Expresso da Ciência” – versa sobre o mesmo movimento dialógico mencionado no parágrafo anterior, mas agora em seu segundo movimento, a vinda dos parceiros territoriais ao Museu da Vida. Vamos falar nesse capítulo sobre o Expresso da Ciência, o projeto que possibilita, por meio de um ônibus, o deslocamento de visitantes até a Fiocruz. Trabalharemos com dados de visitação e

com depoimentos de pessoas que realizaram suas visitas, buscando dimensionar esse processo de forma quantitativa e qualitativa. O movimento de vinda ao Museu da Vida completa a experiência pedagógica das Ações Territorializadas, que se inicia com a ida aos territórios. Apontamos que há, claro, um limite nessa atuação. Atendem-se mais pessoas do território do que levam-se para a instituição. Nesse ponto, fazemos uma inflexão nos debates para refletir sobre o acesso aos espaços públicos e a questão da mobilidade, apontando como essas questões estão emaranhadas e não existe solução em uma única instituição, apenas uma mitigação de um problema histórico e estrutural das cidades brasileiras.

O quinto capítulo – intitulado “Entre subúrbios, becos e vielas promovendo afetos” – versa sobre os desdobramentos do trabalho das Ações Territorializadas e seu alinhamento com parceiros, movimentos sociais dos territórios e, principalmente, com a Fiocruz. A ideia nesse capítulo é mostrar como as Ações Territorializadas do Museu da Vida estão em consonância com os grandes programas institucionais da Fiocruz, os definidores de sua linha de atuação política. Destaca-se nesse processo um dos maiores desdobramentos, que exerceu muito impacto nos debates políticos-conceituais do Museu da Vida, que foi o debate sobre a Curadoria com Participação Social. Fechamos um conceito a partir desses debates no Museu da Vida e começamos a estabelecer diálogos na Fiocruz junto à esses programas e políticas institucionais. O debate hoje extrapola o Museu da Vida e está na unidade Casa Oswaldo Cruz, influenciando o NAHM (Núcleo Histórico e Arquitetônico de Manguinhos), que é um projeto para a revitalização dos prédios históricos da Fiocruz transformando-os em áreas de exposição. Portanto, por meio do debate da Curadoria com Participação Social, pretendemos apresentar os desdobramentos institucionais do trabalho das Ações Territorializadas, especialmente, por meio dos debates territorializados em saúde da Fiocruz e do anseio e demanda de participação dos movimentos, coletivos e escolas dos territórios parceiros. Esse debate não estava dado no Museu e na Fiocruz antes do trabalho das Ações Territorializadas e o registro se faz necessário.

O sexto capítulo – intitulado “Considerações: exercícios para não esmorecer” – versa sobre a noção de esse é um trabalho vivo e que teriam diversos outros enfoques possíveis. Nossa opção ao abordarmos a manutenção das ações conjuntas com os parceiros territorializados em pleno período de pandemia da COVID 19, onde a imposição do isolamento social direcionou a atuação do Museu da Vida para os ambientes virtuais, ao mesmo tempo que colocava o nosso museu por conta de seu vínculo com Fiocruz no epicentro do enfrentamento da pandemia, possibilitou

identificarmos a solidez e a profundidade do trabalho da AT/MV que permitiu caminharmos por esse período turbulento junto e em diálogo com os parceiros construídos no caminho. Nós pensamos em elaborar um *ebook* que tivesse a dinâmica com depoimentos, links onde se pudesse ir para além do texto e da imagem. Queremos trazer o nosso embasamento conceitual, óbvio, mas trazê-lo à luz da nossa prática, das nossas relações afetivas.

Assim, o presente *ebook* é uma narrativa construída também com as vozes e os olhares dos seus múltiplos parceiros e atores que a construíram, sejam os bolsistas, professores, lideranças comunitárias dos territórios, demais profissionais da Fiocruz. Nossa história é contada junto, porque é construída em conjunto.

Em celebração aos seis anos de existência das Ações Territorializadas, produzimos este *ebook* como forma de agradecimento aos nossos parceiros e parceiras e com o intuito de documentar as experiências que foram constituídas ao longo deste tempo, promovendo uma reflexão mais ampla acerca do trabalho realizado e destacando a importância de ampliarmos cada vez mais o processo de participação social em museus institucionais de ciências.

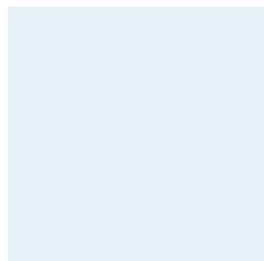
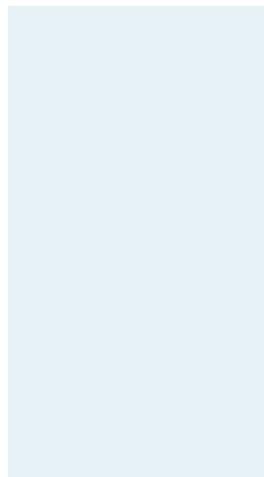
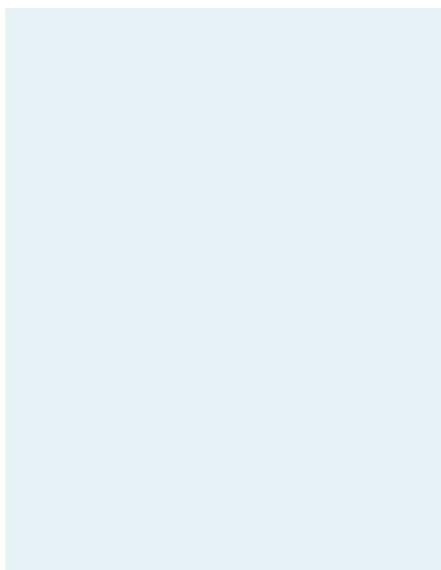
O presente *ebook* objetiva registrar nossa estrada e acúmulo de popularização da ciência territorializada com foco na saúde, bem como, permite provocar o debate sobre a importância para os museus, particularmente os museus de ciência, de realizar um trabalho com esse perfil em um país como o Brasil e por fim, também homenageia todos os que resistiram e ainda resistem na luta nos territórios de favela e periferia nesse momento pandêmico e conturbado de nossa história.

Todo o esforço de idealização e execução da proposta desse *ebook* nasce em meio à emergência sanitária da COVID-19, um tempo que nos impôs um isolamento social e impactou nossas vidas, incluindo o fazer territorializado da nossa prática de trabalho. Foram inúmeras as adaptações pelas quais nossa equipe passou durante esse momento e a realização deste registro no formato de um *ebook* é uma materialização desses movimentos de reinvenção. As entrevistas que subsidiam essa publicação foram colhidas via plataformas virtuais e os contatos com nossa rede de parceiros aconteceu também por esses meios, demonstrando que mesmo diante de adversidades é possível manter os laços constituídos com

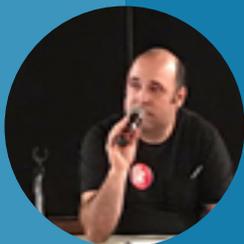
os territórios, as bases das nossas ações de divulgação e popularização da ciência.

Vale registrar que esse cenário pandêmico esteve acompanhado de um contexto político e histórico extremamente conturbado. O período vivido no Brasil e no mundo assumiu particularidades preocupantes, que reacenderam perspectivas ideológicas autoritárias, segregacionistas, fundamentalistas que fortaleceram ondas negacionistas no campo da ciência. Essa publicação é também uma forma atuar nesse contexto e homenagear as vítimas dessa pandemia, seus entes enlutados e os que resistiram em todas as favelas e periferias no Brasil, por meio da organização popular e da solidariedade, defendendo a vida.

Organizadores(as)



Mini-bio



Alessandro Machado Franco Batista

Mestre em Educação, Ciência e Sociedade pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Fundador das Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz/COC. Integra a Coordenação do Fórum Favela Universidade. Coordenador do GT Ciência e Cultura do Fórum Divulgação Científica Fiocruz.



Denyse Amorim de Oliveira

Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. Graduada em Comunicação Social (UFRJ) e em Ciências Econômicas (UERJ). Coordenadora do Núcleo de Desenvolvimento de Público do Museu da Vida Fiocruz/COC.



Priscilla Abrantes da Silva

Moradora de São João de Meriti / BXD e professora da educação básica é mestre em geografia pelo PPGGEO-UFRRJ, especialista em educação pública pelo CESPEB-UFRJ, graduada em Geografia pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ) e educadora das Ações Territorializadas do Museu da Vida.



Renata de Oliveira

Cria da favela da Maré, especialista em Sociologia Urbana (UERJ), Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) e educadora das Ações Territorializadas do Museu da Vida.

CAPÍTULO 01

A trajetória de construção do trabalho territorializado em museus de ciências

A trajetória de construção do trabalho territorializado em museus de ciências

A relação do Museu da Vida (MV) com os territórios os quais a Fiocruz está inserida, é longa e está ligada à abertura das portas do Museu para a sociedade. Hoje, ela se dá, principalmente, por uma linha de ação do Serviço de Educação do Museu, particularmente do Núcleo de Desenvolvimento de Público, chamada de Ações Territorializadas (AT/MV). As Ações Territorializadas surgem no antigo Serviço de Visitação e Atendimento ao Público do Museu da Vida e, na nova estrutura do Museu, implantada em 2018. Mas o que estamos chamando de Ações Territorializadas?

As Ações Territorializadas do Museu (AT/MV), conforme consta no [plano museológico do Museu da Vida](#), lançado em 2018, são todas as atividades, oficinas e atuações em geral de Divulgação e Popularização da Ciência, realizadas pela equipe de educação do MV. Essas ações, realizadas dentro e fora do *campus*, integralmente ou parcialmente, priorizam a população dos territórios ao redor da Fiocruz e demais populações de territórios favelizados, periféricos ou socialmente vulnerabilizados.

A história das Ações Territorializadas remonta ao projeto original do Museu da Vida, que desde a sua elaboração no anos 1990, está ancorado numa discussão muito forte relacionada à democratização do saber científico. Um tema que também ganhou fôlego na Europa e nos Estados Unidos e trouxe ao debate o papel dos museus no processo de aproximação da ciência com a sociedade. É mirando nisso que a Fiocruz e as pessoas envolvidas no projeto vão lançar as pedras fundamentais do Museu da Vida: o construtivismo, com uma dimensão educativa; o interacionismo, com base fortíssima em Piaget e Vygotsky; mas também uma educação libertária dialógica, de forte inspiração freireana. Além da defesa da relação da arte com a ciência que são base estruturante do projeto original do Museu.

Alessandro Batista



Entrevistado aborda ideias e conceitos cunhados por Paulo Freire, tendo a centralidade no Dialogismo. Apresenta a maneira como essa dimensão do pensamento do autor se correlaciona com o trabalho das Ações Territorializadas no Museu da Vida.

[Acessar o vídeo](#)

Tudo isso vai ajudar a materializar o que hoje são as ações de educação do Museu da Vida. Em 25 de maio de 1999, quando o Museu abre suas portas ao grande público, a primeira ação é a criação do Curso de Formação de Monitores do Museu da Vida.



O Museu da Vida tinha particularidades muito centrais, não só para a sua concepção, mas seu desenvolvimento. Primeiro era o fato de estar no interior de uma instituição com as características das Fiocruz. Naquela época, eram raros os museus que primeiro lidavam com a questão do campo biomédico, da vida, da Saúde Pública, porque a tradição forte era sempre mais das áreas de física, química. Era isso que era o central. Alguns trabalhavam com essa temática. Também era muito raro ter um museu integrado com o grau de destaque, o peso que o Museu da Vida e a Casa de Oswaldo Cruz tinham na própria condução institucional da instituição. Nós tínhamos um exemplo interessante dessa associação entre Divulgação Científica, museus e o campo biomédico com o Instituto Weisser (impreciso). E a outra característica também era o fato do Museu estar ocupando um território (e aí eu estou colocando esse território primeiro a partir do próprio campo de Manguinhos) de uma forma mais aberta, estruturando o espaços e maneiras de integração disso, num nicho territorial extremamente complexo e variado, que envolvia tanto camadas médias do bairro de Bonsucesso, população universitária do Fundão, mas com uma gama

enorme de populações vulneráveis, que estavam ali no entorno com todas as características que se colocavam para a interação entre a Fiocruz e essas populações.

Então, na concepção do Museu, o fato de não ser um museu que reproduzisse a maneira do que, por exemplo, havia, com a experiência da Califórnia e de outros, um cookbook, quer dizer, é quase uma receita, um receituário para a implantação de processos interativos ou temas básicos do conhecimento científico e da alfabetização em ciência, ele na verdade sempre foi pensado como um instrumento articulado e bem protagonista da maneira como a Fiocruz se colocava frente à sociedade, às políticas e a sua maneira de se relacionar com a população. Temas como, por exemplo, a consciência sanitária, que é um tema muito forte na construção do processo da reforma sanitária e constituição do SUS, ele já implicava também uma série de referenciais nesse sentido.

Portanto, o Museu da Vida sempre foi pensado com essas qualidades diferenciais e a questão do território era uma das questões centrais. A Fiocruz já tinha na saúde pública uma longa tradição que vem evoluindo pelas propostas lá atrás do chamado DELIS (impreciso), que era o Desenvolvimento Local Integrado de Saúde. Depois, passando por várias reconceituações e designações, mas todo o processo de pensar o campo da geografia, as influências de Milton Santos. Então, essa reflexão de como se relaciona o território, considerado aí como um território com uma trajetória de produção, de ocupação, de referências e ao mesmo tempo de formas que permitiam atuação da integralidade no campo da saúde, pensar as determinações da saúde e doença na localização da vida real das pessoas. Tudo isso eram componentes que conformavam no sentido mais geral o referencial onde o Museu da Vida, pertencendo à Casa de Oswaldo Cruz, isso é muito relevante porque ao pertencer à Casa de Oswaldo Cruz, ele também incorpora uma série de elementos do campo da memória, do campo da pesquisa histórica, do campo da construção e de revisão do fazer a história associada com projetos de futuro. Também características como vão acontecer adiante, como a utilização de narrativas como parte constituinte das suas atividades, tudo isso era um diferencial muito grande que orientou o Museu da Vida.

E, obviamente, desde esse processo da sua criação e na interação subsequente, que a gente pode explorar isso adiante, ele foi interagindo com os projetos mais gerais da Fiocruz, como por exemplo, durante ainda no período da gestão do Paulo Buss, onde eu era vice-presidente de desenvolvimento institucional e de recursos humanos, a constituição do PDTSP, que era o Programa de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde Pública para também dar conta desse campo da inovação, já que tínhamos também constituído o PDTIS, que era o Programa de Desenvolvimento Tecnológico em Insumos de Saúde.

E ali no PDTSP esse sentido da inovação foi voltado para vários desdobramentos e esses desdobramentos, entre os quais, a questão da ação territorial. E vai se desdobrar em uma série de projetos e que hoje estão configurados, entre outros, mas muito relevantemente nas abordagens do PITSS, que é o Programa Institucional de Territórios Sustentáveis e Saudáveis, e, obviamente, na questão da Agenda 2030, que é, eu diria assim, o grande resultante do ponto de vista mundial, mas que estabeleceu com essa tradição da Fiocruz uma relação extremamente amigável do ponto de vista da expansão das visões que a instituição tinha, foi reconstituindo, foi recriando ao longo da sua história.

Então, temas como a questão da localização, aí vem de novo a questão do território, temas como a questão da integração entre os componentes econômicos, social e ambiental, vários desses temas e o papel do museu em geral e do Museu da Vida tendo um protagonismo muito especial. (informação verbal)¹.

Paulo Gadelha – Ex-presidente da Fiocruz/ Coordenador da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030



¹ Fala de Leonídio Madureira em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 18 out. 2021.

1. Experiências Predecessoras



Já lá na formação do CEASM, a gente já tinha aquela intenção, a ideia de criar um projeto de memória e foi feito. Então foi pensado, idealizado esse projeto de memória concomitantemente ao projeto do pré-vestibular comunitário.

E algo que a gente pensou como relevante, fundamental dentro desse projeto, que se chamou Rede Memória da Maré, foi a História Oral, um projeto de História Oral, que a gente pudesse... as pessoas que trabalhavam na Rede de Memória serem qualificadas para poder fazer um registro mais adequado das narrativas, dos depoimentos das moradoras e dos moradores, principalmente os mais velhos. Aí a gente buscou parcerias e uma das primeiras parcerias foi com a Casa de Oswaldo Cruz, já lá em 1997, pensando uma parceria para o projeto de História Oral do Museu, uma vez que a Casa de Oswaldo Cruz tem o programa de memória focado na questão da História Oral. Essa foi a primeira parceria que aconteceu e que depois se desdobrou numa continuidade, que foi a criação do Museu da Vida.

Então, lá na criação do Museu, já em 1998, se pensou, quando se idealizava todo o projeto do Museu da Vida, numa parceria dentro da Casa de Oswaldo Cruz, uma parceria com o CEASM. E a parceria era muito focada nessa formação das monitoras e dos monitores, que, naquela época, o que se pensou é que seriam todos moradores da Maré e adolescentes e estudantes do ensino médio e foi assim que aconteceu. Então o projeto, a primeira turma, a abertura aconteceu em 1999 e foi muito interessante porque a gente participou muito. Eu, como era diretora, na época, do CEASM e coordenadora da Rede de Memória, participei muito ativamente de todo esse processo de seleção dos jovens, do início da turma.

Mas quando houve o lançamento do curso e o início da formação desses monitores, isso aconteceu alguns meses antes da inauguração do Museu da Vida, que aconteceu em maio e essa formação dos monitores algum tempo, acho que, se eu não me engano, em março de 1999. Então, alguns meses antes da abertura do Museu, da inauguração do Museu. E eu não pude estar nesse primeiro momento da abertura da turma, que foi um momento celebrativo, que ocorreu nas instalações do Museu da Vida e que galera toda do CEASM participou e eu não, mas por um motivo também muito feliz, porque eu estava grávida em todo esse processo. E a Júlia nasceu justamente em fevereiro de 1999 e aí em março, quando foi o lançamento da turma, eu não pude estar presente. Eu estava de resguardo. Mas foi emocionante mesmo assim. Não existiam todas essas tecnologias que a gente tem hoje, então, eu não pude acompanhar remotamente, mas eu tive toda a curiosidade de perguntar. Fiz assim: ‘diz tudo o que aconteceu, todos os detalhes, como é que foi’ para todo mundo que tinha participado, do CEASM, do lançamento do curso, que foi um momento forte tanto para a caminhada do CEASM, quanto para o Museu da Vida. (informação verbal)²

**Cláudia Rose - Centro de Estudos e Ações solidárias da Maré /
Museu da Maré**



1.1. Curso de Monitores

O Curso de Monitores para Centros e Museus de Ciências tem seu início em conjunto com a abertura do Museu da Vida, em 1999. Criado a partir de uma parceria do Museu da Vida com o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), a formação de monitores atingia principalmente os jovens moradores daquela comunidade. Após 2002 o Curso se expandiu e passou a impactar jovens, entre 16 e 21 anos, que estavam cursando o ensino médio na rede pública oriundos, prioritariamente, das comunidades vizinhas ao *campus* de Manguinhos da Fio Cruz: o Complexo da Maré, o Complexo de Manguinhos, o Complexo do Jacarezinho e o Complexo do Alemão.

² Fala de Cláudia Rose em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 de out. 2021.

O Curso de Monitores durou dez anos e foi coordenado pelo então Centro de Educação em Ciências do Museu da Vida (CEC). Ele tinha como objetivos gerais “formar, com ênfase nas áreas de educação, saúde, divulgação científica e cultural, jovens estudantes do ensino médio da rede pública para atuar na mediação em Museus e Centros culturais” (SEDUCS, 2010, p. 2).

A formação era organizada em três módulos: Básico, Específico e Iniciação Profissional. O módulo Básico, que tinha a duração de seis meses e tinha uma carga de 480 horas, abordava aspectos da história da ciência, da saúde e do patrimônio cultural, inclusive da Fiocruz. Apresentava também aspectos da divulgação científica, da popularização da ciência e dos Museus e Centros de Ciências, explorando conceitos como a educação não formal, educação e promoção da saúde, entre outros

O Módulo Específico tinha uma carga de 320 horas, acontecia nos cinco meses seguintes e constituía-se em um período de aprofundamento nas temáticas específicas dos espaços, conduzido pelos profissionais dos espaços de visitação – que também constituíam o corpo docente do curso. Ao final desse módulo os alunos do curso encontravam-se capacitados a fazer o estágio, ou seja, participar do Módulo de Iniciação Profissional. Este módulo tinha a duração de 800 horas, durava dez meses e constituía-se na atuação dos monitores no atendimento ao público, junto aos mediadores dos espaços de visitação do Museu da Vida (SEDUCS, 2010, pp. 5-6).

Em dez anos (1999-2011) o curso passou por diversas fases, tanto do ponto de vista do currículo quanto do ponto de vista do financiamento, chegando a tornar-se parte de um programa, o Programa de Qualificação de Monitores durante o ano de (2004-2011).

Originalmente ele visava a formação de jovens para atuar no campo dos Museus e Centro de Ciências e tinha a duração de dois anos. Porém em 2009, o curso sofreu uma reformulação e passou a ser oferecido anualmente com recursos advindos somente da Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico-científica da Fiocruz à qual pertence o Museu da Vida (MENDES-HENZE, 2011, p. 64).

Segundo Isabel Aparecida Mendes-Henze, porém, o curso acabava tendo contradições. Se por um lado ele estimulava e procurava construir de forma dialógica

a cidadania dos seus alunos, por outro ele servia como um fornecedor de mão de obra de baixo custo e precária para centros e museus de ciências (MENDES-HENZE, 2011, p. 88). Essas contradições levaram à descontinuação do curso pela Casa de Oswaldo Cruz (COC) em 2010 e as ações de formação de jovens do ensino médio na unidade tomaram um novo rumo, no sentido de uma formação para a produção cultural, menos voltada para a mediação em Centros e Museus de Ciências. Daí nascerá, dentro do Museu da Vida, o Programa de Iniciação à Produção Cultural, o Pró-cultural.



Curso de Monitores (Acervo MENDES-HENZE, 2002)

1.2. Programa de Iniciação à Produção Cultural (Pró-Cultural)³

Após o fim do Curso de Monitores, foi criado em 2011 o Programa Jovens Aprendizes de Divulgação Científica, que visava continuar a desenvolver atividades - estudantes de escolas pública de nível médio da Maré, Manguinhos, Jacarezinho e o Complexo do Alemão.

Se antes, o escopo era o enfoque no atendimento ao público do Museu da Vida, agora a abordagem se concentra na formação dos jovens como auxiliares de produção introduzindo-os no campo das artes e cultura, destacando os processos na divulgação e popularização da ciência

No contexto político-social da época, estava em curso o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com grande atuação em Manguinhos. E isso trouxe uma questão pois o nome do programa era confundido com a iniciativa do Governo Federal: o Programa Jovem Aprendiz⁴. Diante desse fato, a coordenação do programa, achou adequado modificar o nome para que pudesse atender aos objetivos definidos em sua diretriz pedagógica

A partir de julho de 2013, o Programa Jovens Aprendizes passa a se chamar Programa de Iniciação à Produção Cultural, conhecido como Pró-Cultural. O projeto passa então por uma reformulação da grade curricular: passa a atuar em três tardes da semana e inclui módulos que trabalham comunicação e expressão, produção artística e cultural, história, identidade, territorialidade e cidadania.

O Pró-Cultural tem como objetivo geral oferecer uma formação com foco na produção cultural aos jovens, que lhes forneçam ferramentas para que consigam um inserção

³ Texto produzido em colaboração com Hilda da Silva Gomes e Carmen Evelyn Rodrigues Mourão

⁴ O Programa Jovem Aprendiz é uma iniciativa federal que visa estimular empresas e órgãos públicos a contratar jovens de 14 a 24 anos de idade, bem como pessoas com necessidades especiais, sem limite de idade. A proposta, que integra estudo e prática, é guiada pela chamada Lei da Aprendizagem (10.097/00) que estabelece que a jornada diária do aprendiz não deve superar seis horas diárias, salvo em casos em que o jovem já tenha completado o ensino fundamental, quando, então, poderá trabalhar até oito horas diárias. Em qualquer das duas situações, a carga horária deve levar em conta o tempo destinado aos estudos.

em iniciativas e equipamentos culturais no território de Manguinhos, assim como possibilitar oportunidades para a ampliação de seu capital cultural (MOURÃO et al, 2014, p. 16-17).

Com duração de oito meses está estruturado em módulos que acontecem de forma simultânea: Quem sou eu? Identidade, Cidadania e Historicidade, Ciência e Cultura, Conhecendo o Mundo da Produção Cultural e o Estágio em espaços educativo-culturais. Além disso oferece numa dimensão transversal, oficinas de Expressão e Comunicação e visitas à museus e espaços culturais da cidade do Rio de Janeiro

Há um momento também onde os jovens passam também a fazer um estágio, que dura dois meses e pode ser desenvolvido tanto dentro da Fiocruz quanto em museus, ONGs, centros culturais e outras instituições públicas com setores que desenvolvam ações culturais.

O programa atende a jovens estudantes do 2º e 3º anos do ensino médio de escolas da rede pública do território onde está inserida a Fiocruz. Oferece 25 vagas para jovens na faixa etária entre 16 e 19 anos. Tem como objetivos estimular a reflexão e a discussão sobre a realidade socioambiental do território onde se localiza a Fiocruz; valorizar a cultura científica, a popularização da ciência e a promoção da saúde; subsidiar a reflexão dos jovens sobre as relações entre expressões culturais e identidade, multiculturalidade, democracia e a importância do acesso à cultura como parte da educação e do processo de formação cidadã; oferecer noções de produção cultural; possibilitar a aquisição de experiência no planejamento e na realização de eventos e atividades culturais.

O Pró-cultural também gerou um evento que já entrou para o calendário do Museu da Vida e do território de Manguinhos, o “Conexão Cultura”, que é ao mesmo tempo um produto do programa e um espaço de experimentação dos alunos, onde eles cuidam da produção do evento em todos os seus aspectos, envolvendo diversos atores sociais do território de Manguinhos,

A participação dos alunos no Fiocruz pra Você também é estimulada, onde eles preparam um *stand* de divulgação do programa durante o evento (MUSEU DA VIDA, 2018, p. 70).

Este programa continua em atividade até os dias atuais no Museu da Vida, gerando oportunidades para os jovens, promovendo cidadania e contribuindo para os processos de formação cultural e geração de identidade territorial, tão importantes em territórios vulnerabilizados. Mesmo durante a pandemia de COVID 19 o Museu da Vida/COC com apoio da Direção da Casa de Oswaldo Cruz/ COC disponibilizou em 2020 e 2021 aos jovens do programa equipamentos eletrônicos e pacote de dados para participarem de forma remota das atividades do programa, o que permitiu a turma que estava em curso de 2020 concluir sua formação e dar prosseguimento a seleção e formação de uma nova turma em 2021.

1.3. Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável⁵

Outro projeto marcante e que também vai ajudar a constituir a relação com o território que o Museu da Vida estabelece é o projeto Tecendo Redes Unidos Por Um Planeta Terra Saudável. O Tecendo Redes construiu relações entre o Museu da Vida com escolas públicas, especialmente as do território do qual a Fiocruz faz parte (Manguinhos e Maré), e conhecimentos que contribuíram na constituição da exposição Manguinhos Território em Transe, uma das bases das Ações Territorializadas.

Tecendo Redes por um Planeta Terra Saudável é uma ação de popularização da ciência que se realiza a partir de um trabalho colaborativo entre instituições de pesquisa e escolas públicas das regiões onde estão localizadas. A mediação entre elas e as escolas é feita por museus pertencentes a essas instituições de pesquisa e pela Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro, bem como Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) destas regiões.

(VASCONCELLOS, 2008, p. 162).

Importante destacar que a metodologia do Tecendo Redes foi criada a partir do acúmulo de muitas e diversas reflexões e experiências de coletivos de educadores, especialmente dos campos da educação em ciências e da educação ambiental.

⁵ Texto produzido em colaboração com Maria Paula Bonatto e Maria das Mercês Navarro Vasconcellos.

Consideramos que o início oficial do Tecendo Redes aconteceu em 2007, a partir de uma reunião no Museu da Vida, na qual, além desta instituição, participaram também representantes do Museu de Astronomia e Ciências afins (MAST), do Núcleo de Educação Ambiental do Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro (IPJB) e do Projeto de Extensão – Meio Ambiente e Saúde, da Secretaria Municipal de Educação do RJ.

Essa construção se deu a partir de questionamentos entre educadores dessas instituições sobre o papel da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT)⁶ e a importância de se estabelecer relações entre seus temas geradores, a missão das instituições científicas envolvidas e a realidade de vida de estudantes de escolas públicas dos territórios em que as instituições estão inseridas. A proposta se mantinha, sendo que em cada território as atividades eram construídas de forma diferenciada, segundo as características próprias da realidade e instituições locais.

A problematização dos temas se dava entre estudantes, seus familiares, educadores, pesquisadores por meio de um diálogo mediado pelos museus em um trabalho de popularização da ciência⁷. A articulação de informações e experiências resultava em um trabalho colaborativo interinstitucional. Esse termo, trabalho colaborativo, é utilizado aqui na condição de conceito científico, conforme VASCONCELLOS (2008), que o compreende como sendo aquele que tem como ponto de partida a construção coletiva de um projeto emancipatório que busca contribuir para a resolução de problemas que prejudicam a vida e a saúde.

Como legado metodológico, o Tecendo Redes deixou um planejamento anual de ações organizadas em sete momentos aqui sintetizados: 1. Planejamento da ação entre os educadores 2. Antes da visita ao museu: uma atividade realizada nas escolas para sondagem da percepção de estudantes sobre sua realidade de vida e sobre a pergunta problematizadora do tema da SNCT; 3. A preparação da visita ao museu com base nas respostas dos estudantes 4. A visita das turmas participantes com atividades específicas 5. atividades no retorno à escola, com desdobramentos das reflexões desenvolvidas na visita; 6. o retorno dos estudantes ao Museu com a

⁶ A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) foi criada no ano de 2004 como uma ação coordenada pelo Departamento de Popularização e Difusão de C&T da Secretaria de Inclusão Social do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) do Brasil.

⁷ Conforme GERMANO E KULESZA (2007)

mostra dos trabalhos produzidos; 7. Seminário de reflexão entre educadores sobre as atividades desenvolvidas.

A partir de 2010, o Projeto Tecendo Redes começa a acontecer apenas no Museu da Vida, com a participação escolas municipais de Manguinhos, juntamente com a Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, da saúde nesse território. O Tecendo Redes continuou funcionando com essas características até 2015.

O projeto gerou, por conta de sua metodologia e de objetivos comuns, a interação de seus participantes com o Território Integrado de Atenção à Saúde/Teias- Escola Manguinhos, onde a Fiocruz assume, a partir de 2011, responsabilidades de cogestão, juntamente com a Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, da saúde nesse território (VASCONCELLOS, 2016, p. 146-147). Sua participação no Conselho Gestor Intersectorial de Manguinhos (CGI) também se dá pelos mesmos motivos, já que o CGI procura envolver, de maneira participativa e colaborativa, os diversos segmentos da sociedade na construção de territórios saudáveis e no enfrentamento dos problemas que realmente afetam as populações vulnerabilizadas.

1.4. Exposição Manguinhos: Território em transe (2010-2013)



A exposição Manguinhos Território em Transe, a exposição itinerante, enquanto fruto de uma pesquisa de História Social, vamos falar dessa forma, remonta inicialmente à experiência que aconteceu, que deu-se esse nome de Manguinhos Território em Transe, no primeiro evento das ações integradas da Agenda Redutora de Violências. Então, enquanto ações integradas da Agência Redutora de Violências, em Manguinhos, isso no ano de 2005, provavelmente. A ação integrada foi denominada Leopoldo Bulhões Caminhada Pela Paz, agora está me fugindo o nome: Caminhos Pela Paz com Garantias de Direitos. Então era relacionado à Rua Leopoldo Bulhões e dizia que ali era o caminho da paz, mas com garantias de direitos. Nesse evento, que reuniu muita gente, segundo alguns, chegou-se a ter a marca de dez mil pessoas nesse dia, num sábado, uma atividade especial foi feita dessa forma, com placas de

compensado, fazendo como se fosse um grande túnel, pegando nos momentos bem mais atrás, passando por um contexto de um local bem poluído, enfim. E se chamou que era o território em transe, Manguinhos Território em Transe. Mas foi feito com artistas plásticos. O Cenes, da Petrobras ajudou a financiar essa atividade, especialmente, e foi um dos pontos fortes do Caminho da Paz com Garantias de Direitos.

Dali, surge essa referência de Manguinhos Território em Transe, porque tinha uma leitura a respeito das transformações em Manguinhos. Não só transformações físicas, como o próprio nome diz: Manguinhos, um lugar de mangue, um lugar onde existia um espaço que as águas do rio, vindas da Maré, poderiam se expandir e isso é canalizado, é retificado num único canal. Então, dessas transformações até as chamadas grandes transformações, vamos falar assim, dos povos originários até um contexto mais atual. Isso ficou borbulhando na nossa cabeça e pensou-se na possibilidade de vir a produzir um projeto de pesquisa da História Social a respeito disso.

Na Cooperação Social conseguimos montar um projeto e reunir alguns companheiros, pesquisadores e historiadores, como referência o Daniel Pinha, hoje na UERJ, e ele foi quem conduziu a pesquisa da História Social de Manguinhos. A partir dessa pesquisa, foi possível construir a exposição Manguinhos Território em Transe.

Foi interessante porque foi um debate bem rico, com diversos atores de Manguinhos, diversas pessoas que tinham envolvimento mais político em Manguinhos, mas também profissionais da Fiocruz entrevistados. Pensou-se muito na possibilidade da itinerância, da exposição, a partir dessa pesquisa, que material mais adequado, questão tecnológica para isso. Então, tentou-se desenhar uma proposta de Tecnologia Social, enfim. Foram momentos ricos de

*debate, até o momento em que o Museu da Vida tem o interesse de construir o projeto de exposição de Manguinhos Território em Transe, que acaba recebendo recursos a partir da Cooperação Social da ENSP, numa parceria com a Cooperação Social da ENSP, para a construção e circulação inicial dessa exposição. (informação verbal)*⁸

José Leonídio Madureira – Chefe da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz



Um ponto de inflexão igualmente importante neste histórico foi o projeto “Manguinhos Território em Transe” (2010-2013), que se baseava em uma exposição itinerante homônima, que conta a história de Manguinhos, feita a partir de uma pesquisa de História Oral dos moradores do território. O projeto visava ao desenvolvimento territorializado de Manguinhos para formação de cidadãos críticos e capazes, de forma autônoma. A circulação do conhecimento histórico sobre a comunidade relacionada à história da cidade se apresentava como mola propulsora para o fortalecimento da identidade local e para o fomento de ações alternativas - via coletividade - no presente e no futuro. A exposição sobre a história de Manguinhos era estratégia para enfrentar esse desafio. O projeto ampliou a interlocução do Museu da Vida nos territórios da Maré e principalmente Manguinhos, pois possibilitou parcerias, envolvendo, além das escolas unidades básicas de saúde, ONGs, Movimentos Sociais, CRAS (Centro de Referência e Assistência Social) e Coletivos Culturais.

Em 2012, o projeto é contemplado em edital da presidência da FIOCRUZ para o desenvolvimento de “Tecnologias Sociais em Saúde”, que visava estimular a construção de novas metodologias replicáveis que pudessem contribuir para a diminuição das iniquidades em saúde, principalmente em territórios socialmente vulnerabilizados.

Atualmente este processo se desdobrou na linha de trabalho das ações territorializadas que leva o Museu da Vida para as comunidades, não só para

⁸ Fala de Leonídio Madureira em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 14 out. 2021.

Manguinhos, mas também para a Maré e em vários territórios de favela, discutindo as suas origens, a sua história e valorizando as identidades locais.

Em virtude de problemas de comunicação interna e da falta de espaço na agenda do Museu para o desenvolvimento desse trabalho, a direção do Museu da Vida na época não incorpora oficialmente o trabalho, que se dá de forma extraoficial, realizado por parte do Serviço de Educação do Museu. Somente em 2013, foi possível a incorporação do projeto às atividades regulares no Museu, inclusive com previsão orçamentária para o projeto por parte do Museu da Vida para o ano de 2014. Então o projeto é executado e consegue ser incorporado aos trabalhos do Museu da Vida. Ele se desdobra na passagem de 2014 para 2015, no que hoje conhecemos como Ações Territorializadas no Museu da Vida, que fica alocado no então Serviço de Visitação e Atendimento ao Público, o SVAP.

“Quando o Território em Transe chega, já nessa perspectiva das Ações Territorializadas, ajuda a contar a história daquelas ruas que não existem mais, das pessoas que não existem mais e, sobretudo, aponta para um novo lugar, que é um lugar de construção, é a perspectiva de um novo lugar.” (informação verbal)⁹

Elizabeth Campos – Casa Viva/ Rede CCAP

Leonídio Madureira



Entrevistado fala do discurso narrativo da exposição Manguinhos: Território em transe e de sua concepção enquanto Tecnologia Social. Fala também em Governança Participativa nos territórios e na construção de políticas públicas em Territórios Sustentáveis e Saudáveis.

[Acessar o vídeo](#)

⁹ Fala de Elizabeth Campos em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 05 nov. 2021.



Exposição Manguinhos Território em Transe (Acervo Ações Territorializadas, 2013)

1.5. Amigos do Museu da Vida e o Expresso da Ciência

Essa implantação ocorre simultaneamente com a habilitação do Museu da Vida nas leis de incentivo fiscal de apoio à cultura, a Lei Rouanet. O Museu apresenta um projeto ao MinC, então Ministério da Cultura, no final de 2014, e é habilitado pelo MinC a prospectar patrocinadores. Em 2015 essas frentes convergem em projeto guarda-chuva cujo o nome é Amigo do Museu da Vida. O resultado disso é o Ônibus Expresso da Ciência gerido pela equipe das Ações Territorializadas, com recurso da lei de incentivo fiscal.

A incorporação do Expresso da Ciência permite que as Ações Territorializadas façam um movimento dialético de ida e vinda aos territórios. Ou seja, não só as Ações, seja a exposição Manguinhos Território em Transe, seja outras atividades e oficinas vão aos territórios de favela, periféricos ou vulnerabilizados socialmente, como também esses territórios vêm ao Museu da Vida. à Fiocruz. Esse movimento de ida e vinda implementa, na sua plenitude, a metodologia desenvolvida durante o edital, enquanto a Manguinhos Território em Transe era um projeto, é a metodologia que transforma esse trabalho numa tecnologia social efetiva.

Elizabeth Campos



Entrevistada fala dos processos de aprendizagem construídos nas atividades das Ações Territorializadas. Aponta transformações sensíveis no diálogo com as populações das favelas e as atribui, entre outras coisas, ao trabalho desse grupo.

[Acessar o vídeo](#)

2. As Ações Territorializadas



A importância estratégica, a partir de uns conceitos que estão por trás, lógico, é de uma metodologia da ação que é importante que leva a instituição Fiocruz (Casa de Oswaldo Cruz, Museu da Vida) a se relacionar mais diretamente onde o povo está, as pessoas, nesse contexto de vulnerabilização, estão. As Ações Territorializadas têm um papel, para mim, estratégico, não só que estamos falando de Popularização e Divulgação Científica, mas fundamentalmente de poder contribuir, no meu ponto de vista, com uma cunha para mostrar para as pessoas, como quando elas podem ver um bichinho através do microscópio, principalmente, as crianças, os adolescentes nas escolas, mas também mostrar para as pessoas o que significa uma pesquisa de História Social, o que significa as mudanças que ocorreram nesse território. É dar valor a isso. Para pessoas que, por um contexto histórico, estrutural, por aí fora, tenham inclusive na Educação Formal a não contextualização crítica do processo de construção de um conhecimento que permita a fazer reflexões mais profundas. Ou seja, o lugar dela nesse lugar (em Manguinhos, no lugar mais próximo de Manguinhos), o lugar dela na escola, o lugar que vai todo um processo de construção de conhecimento que está associado provavelmente à ciência, enfim, ou está associado a um outro universo de interesse do estudante, enfim, mas é ali o lugar primordial.

Então, aproximar a partir dessa ferramenta escola, que é uma ferramenta de formação ideológica, inclusive. Para os comportamentos inclusive inconscientes das pessoas. Vai por aí. Estar dialogando nessa perspectiva de ter uma ferramenta, com exposição, que vai colocar em reflexão a possibilidade do que significa desenvolver uma História Social, o que significa estar trabalhando essa história a partir dessa exposição, qual a carga de trabalho, a importância de profissionais envolvidos nessa pesquisa dessa exposição, por aí afora, e essas pessoas, principalmente crianças, jovens e adolescentes, que estavam envolvidas em outras escolas e nessa itinerância poderiam aprofundar e confrontar evidentemente de uma forma mais crítica a relação com aquilo tudo que ela está tendo como conhecimento repassado por um modelo de escola que não discute, não contribui para a formação crítica, cidadã das pessoas.

Eu acho que o papel de levar a exposição das Ações Territorializadas juntos às escolas, principalmente, mas não só as escolas, mas também para outros eventos, para outras organizações e por aí afora, tem um papel, para mim, mais amplo do que se fazer algo mais mecânico, burocrático, de já estamos contribuindo para a Popularização e a Divulgação da Ciência. Acho que é um ator. Se transforma também em um ator. É parte de um processo, enfim, que não fica, pelo menos essa é minha impressão, simplesmente apresentando, passivamente, ou colocando lá as exposições, as telas das exposições, com aquela tecnologia toda e passivo. Não. Tem toda uma abordagem, uma conversa, pontos.

Essa dimensão vai ao encontro daquilo que nós trabalhamos dentro da Fiocruz, acho que num contexto bem mais amplo, que podemos estar hoje, sem medo de errar, dizendo: o enfrentamento das Iniquidades Sociais em Saúde, a partir de uma leitura da Determinação Social, nos coloca como centro a discussão de referência aos Territórios Saudáveis e Sustentáveis.

Se nós estamos tendo a dimensão, na Fiocruz, da Saúde Única, pensar a saúde de uma única forma e pensar a Saúde Ambiental, a saúde dos animais, a saúde das pessoas, nos permite, entendendo esse desenho, como eu falei, das Iniquidades relacionadas a Determinação Social, fazer uma reflexão a respeito das principais ou da matriz das iniquidades. Enfim, qual é aquela iniquidade que contribui para o surgimento dessas demais

iniquidades? Então o que nós entendemos é que a Desigualdade Social, ou seja, a alta concentração de riqueza, de poder, ou seja, nós estamos falando de conhecimento. Então, se nós temos na Fiocruz, por um lado, o Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis e Cooperação Social, por sua vez, dentro desse arcabouço dos territórios saudáveis e sustentáveis, elege um campo mais claro de atuação para poder pensar, a partir da Promoção da Saúde, como podemos contribuir, numa espécie de advocacy também, para a territorialização de Políticas Públicas Saudáveis. Esse é um contexto que é importante ser debatido: Política Pública Saudável. Porque nós deixamos de falar saúde, enquanto serviço, assistência, atenção primária, secundária, mas para falar de saúde dentro de um contexto mais amplo, como a OMS fala e por aí fora.

Se nós estamos falando de um campo que a partir da Cooperação Social, com essa identificação anterior, que nós vamos estar falando da Promoção da Saúde associada às Políticas Públicas Saudáveis, mas discutindo a partir de uma realidade dos territórios vulnerabilizados, com alta incidência de violência e de insegurança, pautada entre as ações de crime e dos agentes do Estado, enfim, todo um contexto. Então, como podemos contribuir para o Território Saudável em função da territorialização de Políticas Públicas a fazer uma reflexão a respeito de Governança Territorial Democrática? Nós entendemos que é fundamental ter as Ações Territorializadas contribuindo com esse debate sobre a produção, sobre desenvolvimento, sobre fazer ciência junto aos estudantes, junto aos diversos grupos, porque entendemos que numa lógica de dominação, de controle, de violência extrema, ampliar os horizontes de reflexão, de debate, de conhecimento, vai ao encontro de uma perspectiva mais a médio, longo prazo de se reforçar um modelo de sociedade que possa ser defensor de territórios saudáveis. Ou seja, queremos ter um bairro de Manguinhos saudável, nós temos que pensar as condições diretas, concretas, que incidem sobre as pessoas, as organizações nesse lugar.

Se nós temos um lugar de precárias condições de moradia, condições de esgotamento sanitário, de saneamento básico, bastante fragilizadas, nós podemos entender que isso gera processos de adoecimentos. Se nós temos por outro lado a extrema violência. Se nós temos também a ausência de políticas

econômicas que sejam geradoras de trabalho, de emprego, de renda para as pessoas, nós podemos falar também dos equipamentos, do acesso à cultura, enfim, quanto uma produção, e você não pode deixar de pensar a educação, quer seja a educação infantil, a educação básica e a educação superior. (informação verbal)¹⁰

José Leonídio Madureira – Chefe da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz



O objetivo geral das ações Territorializadas do Serviço de Educação do Museu da Vida é promover a Divulgação e Popularização da Ciência junto a populações favelizadas e socialmente vulnerabilizadas, tendo como foco temas que envolvem a saúde. Esse trabalho corrobora com a missão institucional no Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz (COC) e da própria Fiocruz, principalmente em de Promoção da Saúde da Fiocruz, articuladas outras unidades da instituição, em projetose ações que também atuam de forma territorializada.

Para isso, o trabalho das Ações Territorializadas se organiza em três frentes: a itinerância de exposições e atividades em territórios favelizados; a adesão e participação em cursos e projetos educativos voltados à população de territórios favelizados; e a organização do projeto “Expresso da Ciência” (ônibus - MV).

A primeira ação, chamada de Metodologia de itinerância, é construída com base em um princípio participativo, onde os indivíduos que vão receber as ações e exposições participam ativamente da construção junto com quem está promovendo a ida aos territórios. Essa ida pode ser a uma escola, pode ser a uma ONG, pode ser a uma associação de moradores, pode ser a um movimento social, pode ser na rua, pode ser onde for. Esse trabalho de ida aos territórios favelizados ou socialmente vulnerabilizados apoia-se no conceito de “tecnologia social”, de Renato Dagnino. Para este autor, a “tecnologia social” pode ser entendida de forma ampla como qualquer aparelho, artefato, método ou técnica que possua entre suas características: o desenvolvimento de um pleno processo

¹⁰ Fala de Leonídio Madureira em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 14 out. 2021.

de participação popular, em que os sujeitos sociais em interação na atividade não apenas executem tarefas, mas as elaborem e participem da reflexão de todo o seu decurso antes, durante e depois da atividade em si; colaborando no processo de transformação social da realidade que cerca os envolvidos; com possibilidade de ser replicado e reproduzido em qualquer outro território em condições socioambientais similares ao de sua origem.

Dagnino desenvolve que o conceito de tecnologia não é apenas o equipamento físico (hardware), ou o software, é também a própria organização do trabalho, sua lógica de produção, o orgware. Ao transpormos o conceito para o campo da cultura, particularmente para o trabalho de exposições transformamos a metodologia de itinerância em uma tecnologia social conforme os fundamentos apontados pelo autor: (a) Promoção da participação social; (b) Transformação da realidade e/ou da sua percepção; (c) Replicabilidade em outros ambientes socialmente similares.

A segunda ação se dá quando a equipe AT/MV é apoiada por demais profissionais do museu, para atuarem em oficinas, aulas, minicursos, ou módulos de cursos voltados para população de favelas ou para territórios socialmente vulnerabilizados. Além disso, sempre oportunizando o contato dos jovens com militantes de movimentos sociais e agentes culturais de territórios favelizados. Trabalhando sob perspectiva do conceito de “dialogismo” de Paulo Freire, onde os saberes envolvidos são mutuamente respeitados e transformados no processo educativo.

O dialogismo em Paulo Freire¹¹ remete ao reconhecimento de que os seres humanos são históricos e que é pelo diálogo que constroem e reconstroem o mundo, portanto se efetiva para transformá-lo. O diálogo não anula as diferenças, mas ele pode marcar de forma democrática a posição dos que estabelecem a pré-disposição para a troca.

O diálogo deve manter o perfil instigante da crítica para verdadeiramente transformar:

“A relação dialógica, porém, não anula, como as vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este

¹¹ Paulo Freire explora esse ponto em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1968), edição consultada 2005.

ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando”

(Freire - 2005)

A terceira ação é o Expresso da Ciência, que é um ônibus que traz as pessoas ao museu, promove um movimento de ida e vinda: a gente não só leva o museu, mas também traz o público. O ônibus é voltado para escolas públicas e/ou populações vulnerabilizadas socialmente. É um elemento que integra simultaneamente a proposta de acessibilidade do museu e se apresenta como elemento poderoso de comunicação, por meio da estratégia das Ações Territorializadas. A equipe AT/MV, sob a supervisão da coordenação Serviço de Visitação e Atendimento ao Público (SVAP) e em parceria com a produção executiva do plano anual de captação MV, organiza e coordena o projeto “Expresso da Ciência”.

Nos últimos anos as Ações Territorializadas estão provocando dentro do MV um debate com o qual se deparou na relação com os parceiros dos movimentos sociais de favelas sobre os princípios da denominada Museologia social, segundo o dicionário de favelas Marielle Franco (<https://wikifavelas.com.br/>) museologia social é:



(...) um movimento que envolve vários campos de conhecimento e prática social, acadêmicos ou não. Sintetiza-se na ideia de que os mecanismos de valorização da memória e das ações de preservação tenham como prioridade a busca pelo direito à diversidade, à dignidade humana, o respeito e os princípios de liberdade. A museologia social é assumidamente a favor da porção social historicamente alijada do processo de construção de memória, por questões de gênero e orientação sexual, questões raciais e culturais,

religiosas, territoriais, econômicas etc. Esse movimento se liga às críticas sociais que a instituição museu recebeu na Europa, entre 1960 e 1970, e que, por dentro do campo museológico produziram discursos e práticas a favor dos ecomuseus e de uma nova museologia. O Brasil teve desde o século passado museus que se organizavam como meios e não como fins, mas a partir dos anos 1980, com a redemocratização, o caráter político ficou mais explícito. Ainda de dentro do campo, outros acontecimentos apontaram a fissura de um modelo de preservação centrado na materialidade do patrimônio, a exemplo do Movimento Internacional por uma Nova Museologia (criado em 1984, e que segue atuante). A partir dos anos 2000, as ações de museologia social passaram a ser assumidas pelas políticas públicas, com a Política Nacional de Museu e o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). No âmbito desta autarquia federal do Ministério da Cultura foi criado o Programa Pontos de Memória. Inspirados no Museu da Maré (inaugurado anteriormente, em 2006), os Pontos de Memória passaram a ser fomentados em 2009, com o objetivo de incentivar a representação de memórias de pessoas e suas lutas pela construção de seus territórios (concretos e simbólicos). As ações envolveram formação, estabelecimento de redes, premiação, assessorias e fomento. Na interlocução entre os agentes da sociedade civil e o IBRAM, produziram-se alicerces para uma política pública democrática e participativa de memória. Há hoje diversas expressões da museologia social no Brasil, que representam e refletem aspectos da luta e resistência da população urbana, como: Museu da Maré, Museu de Favelas, Museu das Remoções, Museu do Horto, Sankofa Museu da Rocinha e outros. No mesmo sentido há também grupos, museus e redes que se dedicam a lutas com respeito às diferentes identidades culturais: Rede LGBT de Memória e Museologia Social, Rede de Museus Indígenas e Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, para dar alguns exemplos.

Dicionário de favelas Marielle Franco



Esse movimento ganhou espaço no campo da Museologia no Brasil principalmente por aglutinar o saber acadêmico e o saber popular, o que acabou também por reverberar no Museu da Vida devido aos inúmeros pontos de convergência com os princípios de trabalho da AT/MV. Tal convergência instigou o MV a refletir

sobre a participação social em sua produção educacional, comunicacional, museológica e sobre os desafios desse processo em uma instituição pública como a Fiocruz voltada para campo da saúde e articulada com a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS).

Atualmente o MV, por meio das nossas Ações Territorializadas, integra o Fórum Favela Universidade, em uma articulação junto com a Coordenadoria de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, a Pro Reitoria de Extensão (PR5) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e movimentos sociais culturais da Maré e de Manguinhos, como a Rede CCAP- Manguinhos, e o Museu da Maré – CEASM. O Fórum foi implementado, a partir do trabalho desenvolvido em conjunto por esses atores na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2017 e 2018, inicialmente esses atores se organizam em rodas de conversas, mas depois construíram uma agenda que organiza a articulação até os dias atuais se mantendo ativa de forma virtual mesmo durante a pandemia da COVID 19.

Podemos perceber que o trabalho da AT/MV se desdobra também em uma experiência prática de “rede social” que funciona como uma “rede de junção” conforme conceito apontado por Eduardo Stotz¹², onde a participação social e a formação de redes entre os atores dos territórios e o museu facilitam a interlocução e o estabelecimento de alianças como um possível caminho para uma nova forma de afirmação da democracia centrada na troca equânimes entre o saber científico e o saber popular, tendo a cultura e a saúde como esferas indissociáveis.

“Ao pensar nossas atividades, nossas exposições, a gente tem que olhar para a capacidade de mobilização que estes territórios têm. Para essa capacidade de luta, para as pautas das pessoas, para o que é importante para elas. Só assim nós estaremos a serviço também delas. Eu acho que uma coisa que as ações territorializadas têm me ensinado – eu, Alessandro – é o nosso dever de retribuir a luta das pessoas que são marginalizadas hoje pela sociedade, discriminadas (...). Se há um sentido para a nossa ação de estarmos aqui conversando sobre essas coisas, é a importância de valorizar

¹² No seu texto “Redes sociais e Saúde”, no livro também organizado por ele “Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré”, (2009) apresenta diferenças entre democracia representativa e participativa, trazendo à tona a preocupação com a participação social, trabalhando o conceito de redes sociais como um ‘conceito de junção’.

essas lutas, explicitar essas pautas e de que todo o dinheiro que tem aqui, o dinheiro constituído nessa tenda¹³, o dinheiro constituído nessa instituição, tudo isso foi construído com o suor dessas pessoas, principalmente. Então é para elas que tudo isso tem que estar a serviço, é para elas que isso tem que estar voltado. É para elas que a gente tem que ir à rua...” (informação verbal)¹⁴

(Alessandro M. F. Batista – Fundador das Ações Territorializadas do Museu da Vida e Chefe do Museu da Vida 2017/2021 – Fala no Seminário de curadoria com participação social – abril de 2019)

Paulo Gadelha



Entrevistado fala do papel da Fiocruz no debate da Agenda 2030 – agenda que discute a sustentabilidade social, econômica e ambiental em todo o mundo – e os pontos de contato existentes com o trabalho das Ações Territorializadas.

[Acessar o vídeo](#)



Cláudia Rose



Entrevistada fala de uma característica marcante do Museu da Vida, a composição de equipes de mediadores por jovens estudantes moradores de favela. Nesse mesmo sentido, menciona as parcerias que viriam a contribuir na construção do Museu da Maré.

[Acessar o vídeo](#)



¹³ Refere-se a Tenda da Ciência Virginia Schall, um dos espaços que integram as áreas de visitação do Museu da Vida. Trata-se de uma construção em forma de tenda com estrutura de teatro onde ocorrem as apresentações de peças teatrais, palestras entre outras atividades.

¹⁴ Fala no Seminário de curadoria com participação social – abril de 2019

CAPÍTULO 02

Caminhos formativos: experiências de popularização e divulgação da ciência com favelas e periferias

Caminhos formativos: experiências de popularização e divulgação da ciência com favelas e periferias

André Cruz



Entrevistado fala sobre o papel da sua formação nas Ações Territorializadas e a influência dela na sua atuação enquanto divulgador científico. Em sua fala debate a elitização de temas da ciência e estratégias de popularização destes.

[Acessar o vídeo](#)



Nesse momento foi fundamental para a gente poder ter jovens adolescentes da favela da Maré dentro do Museu da Vida e a formação foi também muito conjunta. Não havia uma hierarquização dos formadores. Quem era da equipe, quem era do setor educativo do Museu da Vida não tinha uma importância maior do que de quem era do CEASM. Não. A gente tinha avaliações constantes, reuniões de planejamento, com os diversos saberes, as expertises de cada pessoa que se dedicou nesse trabalho, porque de fato é um trabalho apaixonante. Essa formação se deu de forma muito participativa, respeitando as opiniões, as experiências e as vivências de cada pessoa envolvida, o que se queria, os objetivos, tudo foi construído muito coletivamente. A formação desses jovens acontecia dentro do CEASM e dentro do Museu da Vida. Havia sempre essa

preocupação de que a formação não se desse no espaço exclusivamente do Museu da Vida, até para, de fato, consolidar esse laço. A gente não quer, e o tempo todo era isso, que jovens da favela vão para o espaço, naquela época que a gente chamava, do Castelo, e se deslumbre com isso, - Claro que o deslumbre faz parte para todo mundo. Eu, adulta, já professora de história, já militante e tal, a primeira vez, ao entrar naquele espaço, é claro que há todo essa reação de que você se deslumbra com o espaço, que tem uma história e que essa história está totalmente vinculada à minha trajetória, à história de quem nasceu na favela, que estava ali quando o território era um só, quando não havia essa organização e distribuição em bairros, mas quando tudo era Engenho e era o Engenho da Pedra e quando tudo fazia parte desse mesmo território. Antes da Maré ser Maré, antes de Manguinhos ser Manguinhos, era um território, fazia parte do mesmo espaço, e aí saber que isso tem relação com a minha história... Então, claro que há todo esse deslumbre com aquele espaço, visto como um espaço de ciência, exclusivo para quem faz ciência, num sentido muito estrito, restrito e preconceituoso de só quem faz ciência é cientista e está ali - mas abrir esse espaço para outros olhares e outras produções do conhecimento.

Isso também era trabalhado junto aos jovens. Não era levar, tirar o jovem da favela e levar para a Fiocruz, levar para o Museu da Vida, para que ele passasse a ter, digamos, um outro status diante dos jovens que continuam na favela. Mas perceber esses jovens como moradores da favela e qual a contribuição deles para construção do conhecimento no Museu da Vida e qual a contribuição do Museu da Vida para a construção do fazer científico desses jovens, do dia a dia, da inserção deles, de onde eles estavam, como sujeitos das transformações desse território. Então essa experiência foi marcante e fundamental para o que veio depois. (informação verbal)¹

**Cláudia Rose - Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/
Museu da Maré**



Desde a sua origem, o Museu da Vida assume o seu perfil de instituição formadora e colaboradora na construção da justiça social no Brasil. Em todos os seus documentos,

¹ Fala de Cláudia Rose em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 de out. 2021.

encontros e seminários ainda no período de criação do projeto do MV destaca-se de alguma forma esse papel, seja como formador de público de museus, seja como espaço de educação não-formal que dialoga com outros espaços de educação formal.

Uma perspectiva muito influenciada pela escola Construtivista, pelo Interacionismo de Jean Piaget e Lev Vygotsky, mas também pelo próprio pensamento de Paulo Freire. Além disso, é uma instituição que desde o início faz uma interlocução com o território no qual está inserida, a partir da relação com a juventude, por meio do Curso de Monitores para museus e centros de ciências.

O trabalho das ações territorializadas também faz parte de uma tradição já existente na Fiocruz que envolve a Promoção e a Vigilância em Saúde nos territórios onde a instituição está inserida: os territórios de Manginhos e do Complexo da Maré.

Essa dupla tradição é o que guia a perspectiva territorializadas dos trabalhos do museu da vida e pensa esse conceito em diálogo com o que se conhece como conceito ampliado de Saúde que a Fiocruz e a Organização Mundial da Saúde (OMS) trabalham. Assim como o conceito de Determinante Social da Saúde², que parte de um princípio de que existem múltiplos fatores que influenciam na condição de saúde dos seres humanos e das sociedades humanas e que esses determinantes são fundamentais para pensarmos a nossa atuação.

Por isso, e por estar inserido entre dois territórios que materializam várias dessas questões sobre Determinação Social da Saúde e sobre Iniquidades Sociais em Saúde³, que as Ações Territorializadas vão trabalhar em Manginhos e na Maré. Sob a perspectiva de colaborar com o campo da saúde, superando os elementos que vulnerabilizam esses locais e as populações que habitam esses territórios.

² Segundo Paulo Buss e Alberto Pellegrini em seu artigo “A saúde e seus determinantes sociais”, publicado na revista de saúde coletiva do Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro da UERJ (2007). Para a Comissão Nacional das Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) que as determinantes sociais em saúde são: ...os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.

³ Ainda segundo Paulo Buss e Alberto Pellegrini no artigo “Iniquidades em saúde no Brasil, nossa mais grave doença: comentários sobre o documento de referência e os trabalhos da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde”, publicado na revista de saúde coletiva do Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro da UERJ (2006): “As iniquidades em saúde entre grupos e indivíduos, ou seja, aquelas desigualdades de saúde que além de sistemáticas e relevantes são também evitáveis, injustas e desnecessárias, segundo a definição de Margaret Whitehead, são um dos traços mais marcantes da situação de saúde do Brasil”.

Segundo o termo de referência do Programa de Territórios Sustentáveis e Saudáveis (PITSS) da Fiocruz na atualidade o território:

“...são compreendidos como sistema com relação inter escalar entre micro e macrogeografias, um sistema-mundo de relações globalizadas. Muitos projetos consideram os territórios como ator, como instância da sociedade (sujeito coletivo) e não como mera localização ou cenário passivo das condições de vida e situação de saúde, para inserção da participação social nos processos decisórios na efetivação de políticas, programas, organização dos serviços e das práticas em saúde”

Essa perspectiva está influenciada pela perspectiva de território em Milton Santos e que o grupo das Ações Territorializadas do Museu da Vida (AT/MV) da Vida optou por ter como referência de trabalho. A territorialização é um ato de poder estar e agir em um território com múltiplas possibilidades de apropriação do poder por todos os atores envolvidos nas teias de relações dos territórios.

Assim, inicialmente é necessário deixar claro o que se chama de Ações Territorializadas no MV. Conforme consta no seu Plano Museológico (2017–2021):

São consideradas ações Territorializadas (A.T) do Museu da Vida todas as atividades, oficinas, atuações em geral de divulgação e popularização da Ciência realizadas pela equipe do M.V. dirigidas à população do território no qual a Fiocruz está inserida e demais populações de territórios de favelas ou socialmente vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana, realizadas fora do *campus*, integralmente ou parcialmente.

Nessa definição dois eixos se colocam um é o de territorialidade, o outro é o de atuação educativa, o que permite pensar essa questão da territorialidade desse trabalho também a partir da relação com a perspectiva da Educação Não-Formal, entendendo Divulgação e Popularização da Ciência não só como espaço de desafio, mas também de grande interlocução entre as escolas, movimentos sociais e atores presentes nos territórios de favelas. Sempre estabelecendo que essa relação

formadora segue o conceito dialógico de Paulo Freire, de que a equipe das Ações Territorializadas não estão apenas levando os elementos do campo científicos, da ciência e da saúde, para o diálogo com esses atores, mas que também há uma abertura para que a equipe seja transformada no processo. Entendendo o território como um local de produção de conhecimento.

Como Maria Gohn fala de pensar os espaços para além da escola como espaços formativos, e que podem servir de ambiente de diálogo, troca e transformação para todos os atores envolvidos no processo educativo.

Segundo Gohn⁴:

“A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. Em suma, consideramos a educação não-formal como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social”.

Nesse sentido a atuação das Ações Territorializadas vai convergir sob a intersecção entre essas duas perspectivas: trabalho da Educação Não-Formal, dialógica e transformadora, com uma perspectiva Territorializada que leve em conta a Historicidade, pujança de um território que não é qualquer território. Manguinhos e o Complexo de favelas da Maré guardam suas especificidades sócio-históricas, mas também as questões e as mazelas da nossa sociedade contemporânea que vão influenciar nas iniquidades sociais desses locais.

⁴ Gohn, M.G. “A educação não-formal na pedagogia social”, in: An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

A opção por essa linha de trabalho é uma escolha política deliberada do Museu da Vida, da Casa de Oswaldo Cruz. Optamos por dialogar com um segmento populacional que mais sofre com as iniquidades sociais na cidade do Rio de Janeiro e que mais sofre com a vulnerabilização social no campo da saúde.

Mas como é que nós pensamos em organizar esse trabalho? Esse trabalho acaba se organizando primeiro numa perspectiva de formação da sua própria equipe. Isso tem a ver com a perspectiva formadora que o Museu da Vida sempre teve. Então, ao pensarmos a constituição da nossa equipe de trabalho, seja os bolsistas, seja os profissionais, o museu atua com a lógica de que esta equipe também é público do próprio Museu da Vida. Tal fato aliado a percepção de que essa equipe teria que estabelecer um novo tipo de comunicação não usual nos museus de ciências respeitando as questões culturais e que teria que possuir sensibilidade para a realidade social das populações dos territórios de favela e periferia nos indicou o caminho de compormos a equipe majoritariamente com moradores ou ex-moradores dos territórios de favela e periferia.

Desde o primeiro momento, foi priorizado que a equipe e os bolsistas fossem moradores de territórios de favelas e periferias ou que tivessem bastante experiência em trabalhar sob essa perspectiva. Entendemos que essas pessoas que passariam por essa formação trariam proximidade ao público da AT do Museu da Vida que também é oriundo dos mesmos territórios.

Um dos objetivos durante a formação é estabelecer uma dialética entre os conhecimentos trazidos durante o processo e a abertura a debates e questões que poderiam ser trazidos pelos próprios bolsistas. O que ocorre é que esse trabalho previa também um movimento de ida e vinda aos territórios. Então haveria a necessidade de que essa equipe soubesse os códigos culturais e comunicacionais dos territórios de favela e periferias. E, ao mesmo tempo, teriam que se apropriar das ferramentas típicas dos museus de ciência, como as técnicas de mediação, as técnicas comunicacionais, técnicas educacionais e, óbvio, apropriação dos próprios conceitos de conteúdos científicos e históricos que poderiam ser trabalhados nessas atividades nos territórios e das atividades de visitaçao dessa população ao Museu da Vida.

A formação tinha que dar conta desse trabalho mais amplo e abrir um diálogo também com parceiros desses territórios. Fossem esses parceiros da Educação

Formal, como professores de escola ou equipes pedagógicas, fossem parceiros do campo Não-Formal, de Organizações Não Governamentais, de Unidades Básicas de Saúde, projetos culturais e sociais entre outros.

Mas outra dimensão se apresentou durante essa aproximação da equipe com os parceiros dos territórios, uma demanda que partiu deles, de que a equipe das Ações Territorializadas do Museu, contribuísse e participasse de outras atividades de formação que esses parceiros estivessem desenvolvendo. A partir daí, e à medida que os convites se tornaram mais frequentes, a equipe da Ações Territorializadas passou também a entender o processo de formação para além da própria equipe e o papel da AT/MV como parceiro nesses processos formativos promovidos pelas parceiras e parceiros desses territórios. Como exemplo, a participação da AT/MV em colaboração em módulos específicos sobre saúde e território na Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre outras colaborações.

Então, quando falamos de formação das Ações Territorializadas, estamos falando dessa dupla esfera: a da formação interna da equipe das Ações Territorializadas; uma formação que foi desde o início pensada com todas essas questões anteriormente abordadas; e uma outra esfera, que é a participação da equipe em ações formativas dos parceiros dos territórios, organizadas para eles, onde a AT/MV entra colaborando com oficinas, com módulos, com disciplinas, entre outras atividades.

1. Formação de Mediadores nas Ações Territorializadas



É sempre uma honra fazer um trabalho e trazer para o debate, com os jovens das Ações Territorializadas, uma reflexão sobre um determinado tema. Eu me lembro que em alguns desses a questão da Participação Social estava muito em voga. Me lembro de um que teve uma queda maior para o debate com a perspectiva dos Direitos Humanos. Seja como for, acho muito legal. Acho que

é uma proposta interessante porque não é uma aula regular, é uma roda de conversa. A gente faz uma exposição e tenta fazer troca com os estudantes, com os jovens envolvidos. Acho que isso é muito legal. Eu brinco, apenas, e aí talvez fique como sugestão, porque às vezes a gente não sabe qual foi todo o circuito formativo dos jovens. Então, pode ser que, às vezes, a gente traga coisas que já são repetitivas. De qualquer forma, cada atividade, individualmente vista, é um grande evento, porque é muito rico o debate. E é um debate que fica, porque os jovens de Manguinhos e Maré estão sendo confrontados por problemas que lhes afligem no dia a dia, que muitas das vezes a produção de explicações é feita a partir de uma leitura de mundo superficial. Por vezes, a gente chega nesses espaços trazendo questões mais radicais, por assim dizer, e quebrando paradigmas, enfim, formulando novas formas de pensar e o que a gente tem ali. Não é querer transformar e fazer uma lavagem cerebral em ninguém, o que a gente quer é que o jovem desenvolva a sua criticidade, aquilo que eu falei em relação às Fake News. E que ele possa pesquisar, ler, debater em outros espaços e formular a sua opinião. Formular uma opinião concreta, que também não é permanente e nem definitiva. Ele tem que estar preparado para novas audições, novas dialéticas e recompondo e reconstruindo as suas narrativas, como é a vida. Ninguém tem a mesma opinião sempre. A minha opinião do ano passado sobre um assunto, certamente, hoje é outra, porque tem um acúmulo. Eu acho que esse princípio da historicidade da narrativa é legal.

Então, a minha experiência foi a melhor possível. Acho até que é o tipo de iniciativa que perde, não pela ausência, por falta de recursos, porque, no meu entendimento, teria que ser um projeto fundante, atuando aí nas diversas regiões do estado. Do estado não, talvez do município. Quando não tendo por polo a Fiocruz, mas, talvez, alguma universidade, unidade de saúde ou algum centro de pesquisa, sempre público, porque eu acho que isso é importante. E acho que um projeto como esse deveria estar capilarizado nas favelas e periferias com grande força. Enfim, é uma perspectiva. Na minha opinião, a formação é das melhores, mas acho que essa formação só peca, exatamente, por não chegar em mais lugares. Imagino se a gente tivesse a possibilidade de capilarizar isso. Não vamos pensar nem no município, vamos pensar na região da Leopoldina. Chegar até Vigário Geral, Parada de Lucas, Cidade Alta,

Complexo da Penha, Complexo do Alemão. Acho que teria impactos muito significativos, muito importantes. E, claro, voltando ao que eu falei no início, produzindo novas lideranças, dentro de casa, dentro das esferas públicas e ajudando, disseminando, uma vacina contra correntes negacionistas e Fake News que por aí operam. Especialmente, no que diz respeito às questões de saúde. Acho que se a gente conseguir barrar, pelo menos nesse aspecto, já é uma vitória muito grande. (informação verbal)⁵

**André Lima - Conselho Comunitário de Manguinhos/
Coordenação da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz**



Felecia Edmara



Entrevistada narra sua trajetória, desde a participação no curso Pró-Cultural do Museu da Vida, passando pela participação das Ações Territorializadas nesse espaço e por sua atuação como bolsista do grupo. Mostra-se realizada com a experiência.

[Acessar o vídeo](#)

A formação da equipe sempre foi uma grande preocupação, uma tradição dentro do Museu da Vida. Por isso, quando o projeto Manguinhos Território em Transe é incorporado ao trabalho do Serviço de Visitação e Atendimento ao Público ao Museu da Vida, ficou claro a importância de que além de desdobrar esse trabalho numa ação permanente, que logo ganhou o nome de Ações Territorializadas, a formação dessa equipe também teria que ser diferenciada. Em nossas primeiras reuniões de organizações da formação, ficou nítida o quanto era relevante a participação de moradores de territórios de favela, como Manguinhos, na equipe da AT/MV, já que as populações de favelas e periferias eram o público-alvo das ações.

⁵ Fala de André Lima em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 27 de out. 2021.

A partir dessa primeira reflexão, surgiram as perguntas: como seria a formação dessa equipe, no que ela estaria ancorada. Já na época da formulação desse trabalho, entre os anos de 2013 e 2015, foram organizadas diversas leituras de estudo e reuniões baseadas nas diretrizes educacionais do Museu da Vida que ajudaram a guiar as primeiras formulações sobre a formação da AT/MV.

Também já havia um acúmulo conceitual e leituras que partiram do projeto Manguinhos Território em Transe e o trabalho de Formação de Monitores do Museu da Vida, o que colaborou de forma decisiva na proposta de formação da equipe. Além disso, havia uma preocupação de manter a proposta dos trabalhos interdisciplinares em parceria com os territórios para elaboração do programa de formação.

Na junção dessas duas experiências, nós começamos a debater programas e um panorama da formação que pudessem dialogar com esse trabalho nas favelas, contando com a participação das próprias favelas no processo formativo. Por isso, a visão de uma atuação política foi fundamental. Era importante que o diálogo com lideranças políticas desses territórios fosse estabelecido durante a formação. Esses três pilares foram fundamentais para a gente pensar essa estrutura de formação que contribuirá para uma composição e atuação da equipe das Ações Territorializadas.

“Então, eu diria que esses três pilares foram fundamentais para pensarmos essa estrutura de formação da equipe das Ações Territorializadas. O acúmulo de experiência do campo da educação e da mediação dos museus e da Divulgação Científica que o Museu da Vida tinha, a experiência formativa, com a perspectiva de Tecnologia Social, com a perspectiva de trabalho territorializado que o projeto Manguinhos Território em Transe trazia e com as perspectivas políticas, emancipatórias de afirmação de direitos civis e sociais, que a gente abria a partir de um diálogo formador com lideranças dos territórios” (Informação verbal)⁶

(Alessandro Batista – Educador do Museu da Vida e fundador das Ações Territorializadas)

A concepção política a partir da participação das lideranças locais da Maré e de Manguinhos foram fundamentais para a formação da equipe que começa a se

⁶ Entrevista realizada para a elaboração do E-book das Ações Territorializadas em 2021.

pensar como um polo de reflexão permanente e uma ponte de diálogo entre os saberes produzidos nos territórios socialmente vulnerabilizados e o conhecimento produzido pela Fiocruz, pelo campo da ciência e dos museus.

Tendo isso como horizonte, a formação já se inicia no processo seletivo, a seleção de bolsistas se dá com base em critérios que vão além da pertinência das graduações – História, Geografia, Ciências Sociais e Pedagogia – para a vaga. É necessário que o candidato more em favelas ou tenha experiência em ações similares, de forma que a realidade local seja parte integrante do processo e não um impedimento.

A equipe da AT/MV é formada por dois profissionais graduados, cinco bolsistas (de nível superior em formação), sendo que o período de formação e atuação efetiva dos bolsistas totaliza nove meses, com carga horária semanal de 20 horas. Durante o período da formação os bolsistas passam, concomitantemente, por dois processos formativos. Um é a participação dos bolsistas das Ações na formação geral dos bolsistas do Museu da Vida, que acontece uma vez por mês. Nesse momento, tanto os bolsistas da AT/MV quanto os do Museu da Vida têm a oportunidade de debater temas do campo da Divulgação e Popularização da Ciência. É uma oportunidade de compartilhar as experiências de mediação no Museu da Vida, nos territórios de favela. Esse é um momento que é pensado pela Seção de Formação do Serviço de Educação em conjunto com a Seção de Ações Educativas para o Público⁷.

A outra parte da formação, que acontece em paralelo, é o momento no qual a própria equipe, sob a orientação dos profissionais graduados que atuam com os bolsistas, realizam leituras e debates textos, avaliam a experiência do seu trabalho de campo e a experiência da vinda do público atendido por eles nesse trabalho no Museu. Esse momento também é entendido como parte da formação continuada específica da AT/MV⁸.

⁷ As ações Territorializadas (AT/MV) constituem uma linha de trabalho do Núcleo de Desenvolvimento de Público do Serviço de Educação do Museu da Vida.

⁸ Nessa etapa de formação os bolsistas também se apropriam do conteúdo das oficinas do Museu da Vida. Essas ações formativas são oportunidades de compartilhamento entre os educadores do museu que atuam nas favelas e os demais educadores trocaram experiências e compartilham conhecimentos adquiridos nos momentos de mediação das atividades.

A etapa de formação continuada é um processo permanente de reflexão e aperfeiçoamento da prática e dos saberes necessários ao desenvolvimento das atividades realizadas pela equipe das Ações Territorializadas. É planejada anualmente, e implementada após a fase de formação inicial, considerando as especificidades de conceitos e temas que envolvem o nosso trabalho e as experiências e conhecimentos prévios do grupo de bolsistas e mediadores.



Atividade educativa (Acervo Ações Territorializadas, 2019)

Thamires Isabelle



Entrevistada fala de sua experiência enquanto bolsista das Ações Territorializadas e destaca a importância dos momentos de formação nesse processo. Comenta ainda sobre o contato com microscópios em atividades educativas, algo inédito em sua vida.

[Acessar o vídeo](#)

2. Formação junto a parceiros territoriais

André Lima



Entrevistado aponta em sua fala o lugar que as Ações Territorizadas ocupam na Fiocruz, sinalizando a importância de ações como essa. Além disso, menciona o trabalho desenvolvido com a juventude moradora de favelas.

[Acessar o vídeo](#)

Os conceitos trabalhados durante a formação das AT, como o da Determinação Social da Saúde⁹, o conceito de Território, Participação Social e de Cidadania, o dialogismo, entre outros, ganham a oportunidade de serem testados a partir e com a experiência que esses jovens adquirem, nos trabalhos dentro dos territórios de Maré e Manguinhos. Isso permite que a equipe veja como alguns conceitos e algumas propostas educacionais podem ser generalizadas para alguns territórios e como para outros é preciso adaptar o projeto devido às especificidades dos territórios, das condições sociais e históricas.

Se é uma escola que recebe a equipe, aquele trabalho educativo vai ser apropriado e desenvolvido de uma maneira. Se é um ator do campo da saúde, isso vai acontecer de outra forma. Isso permite que os próprios conceitos e as próprias diretrizes educacionais para a formação dos bolsistas e da equipe sejam o tempo inteiro transformada pela ação, pela práxis¹⁰ da própria equipe no diálogo com o público.

⁹ Abordamos também o histórico e os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil.

¹⁰ O filósofo Karl Marx concebe a práxis como atividade humana prático-crítica, que nasce da relação entre o homem e a natureza. Podendo compreendê-la como o fazer-se da própria história. Ainda segundo o pensamento marxista, a práxis é atividade humana prático-crítica na medida em que é atividade sensível subjetiva; ou seja, uma atividade plenamente perceptível e consciente para o homem.

Nesse processo, são mobilizados dois conceitos importantes do Paulo Freire: o de dialogismo e o de pedagogia situada. Quando a gente parte do princípio que nossa equipe impregnada pelo conhecimento resultante do processo de formação realiza ação educacional construída conjuntamente com os parceiros do território esse conhecimento é reelaborado transformando a equipe e os parceiros envolvidos no processo. Esse método de diálogo permanente nos leva a pensar e a se repensar o trabalho educacional de forma continuada. E o conceito de Pedagogia Situada, permite a equipe pensar a formação, os conceitos, os conteúdos a serem trabalhados a partir do retorno do próprio público-alvo das ações de educação, toda ação deve ser estruturada tendo como ponto de partida tanto a realidade do nosso público, bem como, os conhecimentos prévios que carregam com eles.

2.1. Formação de jovens no Pró-Cultural

André Cruz



Entrevistado fala da influência das Ações Territorializadas em sua trajetória pessoal, especialmente, no âmbito acadêmico. Relata sua experiência de atividade sobre escritoras negras e a inflexão racial que buscou trazer aos debates.

[Acessar o vídeo](#)





Ao mesmo tempo, se tem a nível mundial, uma quantidade enorme de museus, uma quantidade enorme de visitantes. A ideia de que os museus podem atuar em contextos diversos com essa ação local, que eles podem trabalhar essa ideia de trabalhar diversidade, mas buscando unidade no sentido de debate de valores e essa coisa toda se refere muito à questão local e territorial.

No caso de Manguinhos, desde o início, o processo de formação de monitores foi riquíssimo e nesse processo, de novo, é o nicho, é o ambiente Fiocruz, é a maneira da Fiocruz de ser e pensar. Você não estava ali trabalhando a formação de elementos técnicos de conhecimentos necessários para repassar sobre conceitos básicos ou questões do campo da Saúde Pública, estava dizendo o seguinte: a oportunidade de trabalhar com a capacitação de monitores é criar cidadãos, começando pela interação com esses monitores que vinham de áreas muito vulneráveis do entorno de Manguinhos.

Ali também reflete muito o que a Fiocruz tem na sua concepção do campo da educação, do Politécnico, de tantas outras, esse processo já levava também a uma forte interação com a comunidade de origem desses monitores e, ao mesmo tempo, com abrangência de temas que eram importantes tratar no processo formativo. (...) Tudo que a gente faz está direcionado para determinados fundamentos e determinadas diretrizes e visões estratégicas que a Fiocruz tem.

E aí, obviamente, no caso da Maré, onde desenvolveram um trabalho maravilhoso com o Museu da Maré, essa coisa foi se constituindo e hoje nós temos desdobramentos fantásticos. Evidente que a Fiocruz já tinha acúmulo grande. Todo trabalho, como eu falei, do DELIS, os trabalhos de Saúde Pública, que eram feitos nos territórios com a questão do acompanhamento do desenvolvimento materno e infantil, muitos outros trabalhos já eram acervos. Você vê hoje também com a Coordenadoria de Cooperação Social e agora com a questão do Covid, quer dizer, o quanto foi relevante partir desses patamares.

Então, você tem a Fiocruz como uma construção comum com as comunidades de um acervo imenso de produção de conhecimento, de produção de processos comunicacionais, de peças, envolvendo expressões culturais locais, de mobilização e organização do território e de certa cartografia, trazendo debates socioambientais e a maneira de incentivar a Governança Participativa. Tudo isso parte desse conjunto todo e o Museu da Vida tem um papel muito relevante nessas interações para os desdobramentos que terão hoje dentro da instituição como um todo. (informação verbal)¹¹

Paulo Gadelha – Ex-presidente da Fiocruz/ Coordenador da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030



Em 2015, a equipe da AT/MV foi convidada pela coordenação do Programa de iniciação a Produção Cultural em Divulgação Científica do Museu da Vida pra pensarmos conjuntamente o módulo sobre “Historicidade, Território e Identidade” do curso, em um organizamos o módulo em aproximadamente sete ou oito encontros que ocorriam uma vez por semana. Esses encontros caracterizavam o módulo e permitiram organizarmos os conceitos que também estavam sendo construídos para a formação da própria equipe AT/MV e para o desenvolvimento do trabalho nos territórios.

Desde o início havia a intencionalidade de que esses jovens se percebessem como sujeitos de ação histórica. Por isso, sempre tentamos falar com os movimentos sociais organizados, mas também que eles entendessem a pluralidade de pensamentos. Muitos desses jovens são evangélicos, têm uma formação religiosa forte. Mas o que acontecia, de modo geral, era um amplo debate, com a participação intensa dos jovens e, em alguns, mudanças de postura sobre diversos temas. Promovíamos entre outros temas o debate sobre o racismo mobilizando militantes do movimento negro para falarem com os jovens e realizarem atividades. Desde o primeiro ano trabalhamos também com o debate LGBTIQ+ contando com o apoio da coordenadora da Conexão G, da Maré, nos dois primeiros anos.

¹¹Fala de Paulo Gadelha em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 18 de out. 2021.

Devido a essa parceria construída ao longo dos anos, permanecemos responsáveis por esse módulo do Pró-Cultural. Ao final da realização desse módulo, e de todo o programa com os alunos, nós os recebemos alguns deles para realização de estágio. Os jovens acompanham a nossa rotina de trabalho, fazem as itinerâncias conosco, participam dos debates de formação e das avaliações das atividades de campo. Já tivemos a experiência de ter alguns desses jovens retornando como bolsistas da AT. Dentre os conteúdos trabalhados os apontados nas avaliações dos estagiários como mais relevantes são os relacionados a temática das favelas, tais quais, o surgimento das favelas, seu papel social, a mídia popular, além das questões de gênero, a questão de raça, a questão de classe.

Esses dois últimos anos, por conta da pandemia de COVID 19, as atividades foram feitas de forma *online*¹², virtual, e isso diminuiu a nossa participação no programa, onde realizamos apenas duas atividades. E, nesses dois últimos anos, não pudemos realizar a etapa do estágio.

Feleciana Edmara



Entrevistada relata a experiência inicial e importante de mediar a exposição para a equipe do projeto. Além disso, relata uma atividade educativa com o uso de microscópios nas escolas públicas e os diálogos com profissionais destes espaços como encorajadores.

[Acessar o vídeo](#)

¹² O Museu da Vida com apoio da direção da COC e da presidência da Fiocruz disponibilizou para os jovens do curso equipamentos eletrônicos e pacote de internet o que viabilizou a continuidade das ações do Pró-cultural nos anos de 2020 e 2021



Formação Pró-Cultural Museu da Maré (Acervo Ações Territorializadas, 2019)

2.2. Rede CCAP

Elizabeth Campos



Entrevistada rememora o início das Ações Territorializadas e sinaliza as mudanças de vida ocorridas em moradores de territórios favelizados que atuaram enquanto bolsistas no projeto, especialmente em Manguinhos. Ressalta o engajamento desses sujeitos nas lutas por direitos.

[Acessar o vídeo](#)

A rede de empreendimentos sociais para desenvolvimento socialmente justo, democrático e sustentável (Rede CCAP), foi fundada em 2004, mas tem um acúmulo de atuação no território de Manguinhos desde 1995 com o CCAP- Centro de Cooperação e Atividades Populares. No CCAP diversos empreendimentos populares foram desenvolvidos como a Atrever (tv comunitária), o Casa Viva (Centro de educação complementar de crianças e adolescentes), o Peja (Programa de Ensino de Jovens e Adultos – Ensino Fundamental e Médio), entre outros.

A Rede CCAP constituiu o conjunto de parceiros envolvidos na produção da exposição Manguinhos Território em transe e vem sendo parceiro em várias ações com a AT do Museu da Vida. Entre os anos de 2013 e 2016 fomos convidados a construirmos junto com os educadores populares aulas de atividades complementares no curso preparatório para o ensino médio ofertado pelo Laboratório de Educação Territorializada para jovens moradores do território de Manguinhos.

As atividades consistiam em levar a exposição “Manguinhos: território em transe” para sede da organização da favela onde era ofertado o curso, antes e depois da exposição era feito um debate com os educandos explorando, por meio do conhecimento que os jovens possuíam sobre a história da favela relacionando com a importância de fortalecer os debates sobre a garantia de direitos,

além da importância da mobilização coletiva e popular para o enfrentamento das iniquidades. A culminância das atividades era uma visita ao Museu da Vida Fiocruz, que incluía preferencialmente uma visita ao Castelo Mourisco e ao teatro do MV.

2.3. Relato de atividade junto à EJA

Danielle Cerri



A entrevistada traz o debate da função social dos museus e o protagonismo de moradores de territórios favelizados em processos e espaços de construção do conhecimento. Aponta as Ações Territorializadas como exemplo de atuação para a Fiocruz.

[Acessar o vídeo](#)

A EJA-Manguinhos (Educação de Jovens e Adultos de Manguinhos) é um curso desenvolvido sob orientação, certificação e gestão financeira da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio¹³ (EPSJV), com apoio da Rede CCAP, uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). O trabalho é desenvolvido com turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, em dois espaços de atuação: três turmas estão instaladas no espaço físico da Rede CCAP, localizada na Vila Turismo, no Complexo de Manguinhos (Rio de Janeiro) e quatro turmas funcionam na sede da EPSJV, no *campus* da Fiocruz também em Manguinhos.

Entre os anos de 2016 e 2018 a EJA convidou a AT do Museu da Vida para participar das oficinas de cidadania e cultura levando a exposição “Manguinhos território

¹³ A Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) é uma unidade técnico-científica da Fiocruz que promove atividades de ensino, pesquisa e cooperação no campo da Educação Profissional em Saúde. A EPSJV oferece cursos técnicos de nível médio, de especialização e de qualificação nas áreas de Vigilância, Atenção, Informações e Registros, Gestão, Técnicas Laboratoriais, Manutenção de Equipamentos e Radiologia, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de um Programa de Pós-graduação em Educação Profissional em Saúde.

em transe” no turno da noite, usando a técnica de “lembança estimulada”, onde os educandos visitavam em um primeiro momento de forma livre a exposição e depois observando as imagens da exposição procuravam recordar a suas próprias histórias de vida e de seus familiares, na sequência por intermédio de rodas de conversas os temas trabalhados no programa da EJA e também aqueles de interesse dos educandos eram debatidos em sala de aula com os educadores do programa mediando junto com a equipe da AT/MV na reflexão coletiva das turmas.

Um dos frutos dessa parceria foi a proximidade entre o EJA Manguinhos e o Museu da Vida que resultou em 2019, na primeira visita noturna realizada pelo museu que inclui os educandos do Programa de Educação de Jovens e Adultos também da Escola Municipal Juscelino Kubitschek de Manguinhos, e resultou também no compromisso de futuras vistas noturnas em caráter regular. O que só não ocorreu em virtude da pandemia de COVID 19.



A parceria da EJA com as Ações Territorializadas do Museu se dá a partir da exposição Manguinhos Território em Transe, que é uma exposição muito importante em termos históricos do território de Manguinhos, muito por conta também da interface que a EJA tem com o território. A gente se encontra aí nessa proposta porque, no plano de curso da EJA, a Educação Territorializada, é um conceito importantíssimo, por entender que a educação e a escola precisam gerar essa interface com o território, com a vida dos estudantes, dos educandos. Então, a gente já dialoga por aí. Quando surge a iniciativa da exposição, a gente, automaticamente, já entra em contato e nesse momento da exposição, lá na escola estávamos fazendo integrações curriculares. Sempre a gente faz integrações disciplinares e eu, como professora de biologia e ciências, estava fazendo integração com a professora de geografia e com os professores de sociologia, para falar inclusive das questões socioambientais no território. E a exposição traz todo um histórico que relata e remete a essa discussão, a esse debate de transformação do bioma, do mangue, até o processo de instauração das famílias aqui em Manguinhos e isso também traz muito da minha história,

porque minha família foi uma das primeiras moradoras de Manguinhos. Minha avó e meu avô tiveram um papel muito importante no sentido de trazer algumas infraestruturas para o território, como água, luz... Então, eu também tinha todo um apelo sentimental ao tema e foi muito bacana também encontrar a Darcília, que foi minha ex-aluna na EJA. A Darcília também compunha, integrava, a curadoria ali da exposição, como ex-aluna da EJA. Isso foi de uma total alegria. Tudo isso foi muito importante para que a gente pudesse dialogar, inclusive, com os estudantes, os educandos da EJA, mostrar uma ex-aluna, egressa da EJA, como pessoa que estava contribuindo, intelectualmente, para a exposição. (informação verbal)¹⁴

Danielle Cerri – Professora da Educação de Jovens e Adultos em Manguinhos



3. A formação não para...



A primeira possibilidade que participar das Ações Territorializadas me deu foi a questão do conhecimento de uma área totalmente rica, que deve ser valorizada e que, principalmente, a história dela está entrelaçada a todo do Rio de Janeiro, porque se você for observar na exposição, tem várias áreas que se interligam, Zona Sul, e tudo isso. Só que não é tão valorizado e não é tão visibilizado, como deve ser.

¹⁴ Fala de Danielle Cerri em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 22 de out. 2021.

Segundo, posso pontuar com relação à troca com os bolsistas, porque acho que isso é fantástico. Com relação à interdisciplinaridade que o projeto possui, nessa questão de ter várias áreas e você acabar aprendendo com esses bolsistas também, a troca é muito boa.

Em terceiro lugar, com relação às mediações, para mim foi o maior aprendizado que acho que levei e levo para a minha vida, mudou meu olhar. Porque aí a gente populariza, eu vou usar aqui esse discurso porque eu ainda acho que esses ambientes de museus, de teatros, cinema, ainda são muito elitizados. Seja por, talvez, poder aquisitivo, porque tem certos lugares que você precisa pagar uma entrada e quando não há o pagamento dessa entrada, essas pessoas não se sentem abarcados nesses lugares e ficam pensando: como eu vou ser tratado nesse lugar que é predominantemente, na cabeça deles, de uma pessoa rica e que tem um poder aquisitivo maior? Então, acho que primeiro de tudo: ter contato com colégio, com a coordenação e ter essa troca do que é o projeto, do que a gente pretende fazer, para, efetivamente, depois ir no dia, foi enriquecedor. Porque aí a gente vê a máxima de Popularização da Ciência, de que é levar assuntos que são relevantes, pertinentes, que devem ser discutidos, para o Ensino Público, que é onde a gente atua, basicamente. Acho que todo o período em que eu estava nas Ações, só visitei colégios, realmente, públicos e alguns espaços, como CRAS, mas, principalmente, colégios públicos. Para mim, isso foi fantástico. (informação verbal)¹⁵

André Cruz – Ex-Bolsista das Ações Territorializadas



¹⁵ Fala de André da Cruz em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 22 out. 2021.

Em sua obra “Educação como prática da liberdade”, escrita posteriormente à queda do presidente João Goulart¹⁶, durante os intervalos das prisões e concluída no exílio, Freire projetou para todo o Brasil uma proposta de educação popular. Em Freire a perspectiva da libertação e da autonomia são fundamentais para realização de todo e qualquer processo formativo, o diálogo é uma categoria didática de construção do processo de libertação. A autonomia se consegue na transição do que ele denominou de uma consciência ingênua: trata-se da consciência fundada no senso comum que se instalou na consciência do educando, para a sua superação por meio da construção da consciência crítica. Freire entendia a consciência crítica como mais elevado do processo de conscientização, onde o educando se apropria de uma nova epistemologia crítica (científica), lendo o mundo ao seu redor, suas contradições, conflitos. Nesse novo estágio de consciência o educando é capaz também de se perceber como sujeito histórico fruto de uma construção histórico-social e se percebe também que é capaz de atuar nessa construção alterando o seu próprio curso.

Nessa perspectiva a formação da AT do Museu da Vida provoca um debate permanente de atualização tanto na dimensão da formação endógena da equipe quanto na dimensão de participação em processos formativos elaborados pelos parceiros do território. Um verdadeiro movimento constante de retroalimentação dos processos, de renovação conceitual, reflexões e debates que alteram o próprio fazer educativo na ida ao território e na visita ao Museu. Por exemplo, na primeira dimensão os bolsistas ao serem formados e refletirem conjuntamente sobre esse processo e sobre a própria ação no território provocam a AT/MV a repensar suas ações em campo e de formação. E os parceiros ao convidarem a equipe para participar das suas atividades de formação incorporam o acúmulo que o trabalho da AT/MV e do museu oferecem, mas também modificam esse trabalho a medida que a construção das atividades são conjuntas e portanto atualizam a equipe sobre suas perspectivas educativas, seus temas de interesse, suas realidades específicas. E por fim, a equipe da AT/MV por sua vez ao interagir nos processos de formação internas do museu e participar de suas reuniões de trabalho, também tencionam o museu de uma forma geral o provocando a repensar seus processos formativos considerando a perspectiva socioeducacional do público de favela e periferia, ao mesmo tempo tendo que se adequar (pelo menos em parte e em certos momentos) o seu processo

¹⁶ O presidente do Brasil João Goulart (Jango) democraticamente eleito, foi deposto da presidência pelo golpe de Estado Civil-Militar ocorrido no Brasil em 1964, que usurpou o poder até o ano de 1984.

educativo no tange à visitação do museu para esse segmento de público. Todos se transformam.

André Lima



O entrevistado coloca-se enquanto morador do território de Manguinhos e reclama por mais espaço para projetos como os da A o es Territorializadas dentro da Fiocruz. Por fim, destaca o papel do grupo no enfrentamento às Fake News e narrativas negacionistas.

[Acessar o vídeo](#)



Para nós da Maré, a Fiocruz   uma grande referência. Tudo que a gente precisa   Fiocruz.   para a vacina,   Z  Gotinha, festa para o Dia das Crianças. Então, poder trabalhar dentro da Fiocruz, dentro do Museu da Vida e num projeto tão importante como esse, foi muito bom para mim, gratificante e ajudou muito na minha forma o como pessoa, melhorei bastante depois da Fiocruz, com as vivências. (...) Acho que   um trabalho muito importante, porque através das A o es Territorializadas, muita gente passa a conhecer a Fiocruz, o Museu da Vida, o trabalho que fazemos, o trabalho das A o es Territorializadas. A gente leva isso para quase todo Rio, porque a gente foi longe e a gente vai longe.   muito importante porque a gente sai daquele nicho que   Maré, Manguinhos, o pessoal de perto, e leva para fora. Isso   muito importante para a Fiocruz, porque   o nome da Fiocruz que está sendo levado l  para fora. E   levado l  para fora de uma maneira positiva, não fica s  nessa bolha. Se bem que a Fiocruz todo mundo conhece, mas nem todo mundo tem a experiência de receber de perto pessoas que param, fazem a exposi o, uma atividade só para

aquelas crianças de longe e que, às vezes, nunca nem ouviram falar da Fiocruz, nunca tiveram condições... a gente se disponibilizar para ir até lá, acho que é muito importante levar a Fiocruz para todos os espaços possíveis. Infelizmente, por enquanto, é só pelo Rio de Janeiro que as Ações Territorializadas podem alcançar, mas para o futuro eu quero que viaje até para outros estados e outras cidades, para todo mundo conhecer um pouquinho. (informação verbal)¹⁷

Feleciana Edmara – Ex-Bolsista das Ações Territorializadas



¹⁷ Fala de Feleciana Edmara em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 05 de nov. 2021.

CAPÍTULO 03

Experiências educativas para popularização da ciência em favelas e periferias

Experiências educativas para popularização da ciência em favelas e periferias



Eu lembro que reunimos, primeiramente, com a equipe das Ações Territorializadas, definimos quais seriam os melhores temas para entrar em debate com os alunos, qual seria a faixa etária que nós iríamos abranger naquele momento. Eram turmas de nono ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio. Tenho na minha memória, claramente, essas turmas ainda. Uma faixa etária de treze até dezessete anos. E nós resolvemos usar o tema, se eu não me engano, o jovem como protagonista de sua própria vida, de sua própria história. Lembro que veio a Renata. Nós viemos, montamos uma exposição. Eles montaram uma exposição na quadra, que é bem ampla aqui. E, num primeiro momento, eu lembro que tiveram dois momentos. A gente levou primeiro os alunos para a quadra, eles deram uma olhada e dividimos, mais ou menos, assim: alguns alunos foram para a quadra, deram uma olhada, viram toda a exposição, toda a história ali. Tinha história de Manguinhos, de outras ações que vocês já tinham realizado. A outra galera ficou dentro da sala e nós começamos a debater temas sobre violência, adolescência. Lembro que o que me chamou muito a atenção aqui foi um aluno que citou a importância, não sei se seria a importância, ele estava se sentindo privilegiado pela informação estar chegando até ele de uma forma diferente. Não era ali o professor, na frente dos alunos, expondo suas ideias, colocando um material didático que já era conhecido, o bê-a-bá. Não. Nós trouxemos a discussão de uma forma diferente. O aluno falava sobre a sua vida, falava sobre suas experiências, falava sobre adolescência, falava sobre violência, sobre a vida na comunidade,

sobre as oportunidades que os jovens têm ou não tem nesse momento que nós vivemos. Um aluno falou para mim: nossa, eu me senti importante, professora, porque eles vieram até nós. Então, acredito que a importância de levar as Ações para dentro das escolas é chamar a atenção do aluno para o mundo que há do lado de fora da escola, que não é só esse mundo que eles vivem aqui, que eles são importantes, que eles vão para o mundo, que eles vão para o mercado de trabalho, que eles vão conseguir desenvolver profissionalmente. (informação verbal)¹

**Vanessa Lins – Professora da rede estadual do Rio de Janeiro
parceira das Ações Territorializadas**



Denominamos “Experiências educativas para a popularização da ciência em favelas e periferias” algumas das atuações das Ações Territorializadas, em favelas e periferias construídas conjuntamente com os parceiros que recebem a equipe do Museu da Vida, que possuem como base a perspectiva de trabalho educacional para popularização da ciência conjugada com a metodologia² desenvolvida pelo Museu da Vida em parceria com Coordenação de Cooperação Social da presidência para itinerância em favelas durante o projeto “Manguinhos: Território em Transe” (2011-2014). Dentro desse escopo estão diversas atividades desde daquelas elaboradas no MV para finalidades variadas do trabalho de divulgação e popularização da ciência, como oficinas com microscópios, peças e esquetes teatrais, jogos desenvolvidos para exposições, entre outras, até algumas inteiramente construídas com materiais disponíveis pelos parceiros como trabalhos de reuso de materiais, oficinas de desenho com materiais de papelaria e entre outros; além das atividades desenvolvidas aproveitando a exposição “Manguinhos: Território em transe” com atividades feitas em conjunto com os parceiros tipo rodas de conversa, debates e oficinas de Rap/Rima entre outras.

¹ Fala de Vanessa Lins em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 25 de out. 2021.

² Como já foi dito anteriormente, neste ebook, o conceito de Tecnologia Social (Dagnino) foi a fonte da inspiração de pensarmos esse processo de itinerância como um método de organização do trabalho cultural de itinerância, enquanto uma “tecnologia social” com foco no campo da saúde.

Cabe destacar que o trabalho da AT/MV está ancorado na construção de uma relação dialógica entre a instituição Museu da Vida/Fiocruz e as populações e trabalhadores que atuam em territórios de favelas e periferias. O museu por meio da AT/MV realiza primeiro um movimento de “ida” até esses territórios, seja por prospecção ou por convite e na sequência viabiliza a “vinda” desses atores parceiros³ (ou pelo menos parte deles) até o espaço público do museu e da Fiocruz⁴. Sempre que possível e que for viável tentamos manter a interação, o que colabora na constituição de uma rede informal com esses parceiros para oportunidade futura de trocas. Aqui iremos abordar este primeiro movimento de “ida” ao encontro dos territórios.

Neste capítulo, será relatado como se organiza esse trabalho do ponto de vista da metodologia implementada para esse primeiro movimento de aproximação do museu e da Fiocruz junto aos territórios. À medida que avançarmos nesse relato iremos apresentar algumas perspectivas conceituais muito significativas ao trabalho, em uma busca por evidenciar como nossa práxis efetivamente se dá na dimensão da relação entre a nossa ação prática com a nossa reflexão conceitual. Vamos abordar algumas atividades educativas para exemplificar nossa síntese nesse processo de convergência entre o acúmulo de debate e reflexão teórica com a vivência e consequente reconfiguração do trabalho constantemente feito pela equipe da AT. Por fim, falaremos um pouco sobre desdobramentos de ações que o museu estabeleceu e que incorporaram a perspectiva territorializada como um dos eixos centrais e o entendimento de que isso pode ser considerado legado desse trabalho da AT/MV para o trabalho do Museu da Vida em uma perspectiva mais ampla.

Identificamos o nosso trabalho, realizado junto aos parceiros, como uma ação de popularização da ciência, por compreendermos que sua caracterização o enseja nessa perspectiva conceitual. Defendemos que popularizar a ciência é um processo de comprometimento com uma postura proativa de ir ao encontro dos excluídos do circuito da cultura científica, ao invés de apenas disponibilizar informações aos já

³ *Esses parceiros possuem perfis distintos: Movimentos Sociais, Organizações não governamentais, professores e demais profissionais de escolas públicas, profissionais das Unidades Básicas de Saúde, profissionais dos Centros de Referência de Assistência Social, associações de moradores, entre muitos outras.*

⁴ *Esse movimento de “vinda” e ocupação do espaço público de cultura e saber pela população de favela e periferia é viabilizado pelo projeto “expresso da ciência” (ônibus do MV), que será abordado no capítulo 4 desse ebook.*

capacitados para essa busca. Uma das principais características da popularização da ciência é a centralidade pensamento Freireano, principalmente dos conceitos de criticidade e de dialogismo, a popularização prioriza também a interlocução com os movimentos sociais sob o crivo da participação social.

Paulo Freire nos ensina que o diálogo⁵ base do seu processo educativo requer “rigor” fidelidade metodológica e compromisso a perspectiva crítica, entendendo a mesma como fundamental para ruptura e superação do que que o autor chama de “olhar” ingênuo sobre o mundo e a vida, sem abandonar a curiosidade, pelo contrário espera-se um avanço para um tipo de curiosidade epistemológica, metodológica. Em suas palavras:

“A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologicado. E não vai nesta consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas de outro a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa.”

FREIRE, 2002, p 15

⁵ O conceito de dialogismo de Paulo Freire com o qual nos alinhamos já foi apresentado brevemente no capítulo 2 desse ebook. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

A popularização da ciência só se faz nessa perspectiva de dialogar sobre a ciência para superar a ingenuidade sem “divinizar” ou “diabolizar” a ciência, mas sim chamar os segmentos populares da sociedade a encarar a ciência com a curiosidade necessária, mas metodologicamente situada.

1. Nosso processo de permanente encontro ou de comunhão permanente...



Com relação às mediações, para mim era o maior aprendizado que eu acho que levei e levo para a minha vida. Mudou meu olhar, porque a gente populariza, vou usar aqui esse discurso porque eu ainda acho que esses ambientes de museus, teatros, cinema, são muito elitizados, Seja por, talvez, poder aquisitivo, porque tem certos lugares que você precisa pagar uma entrada e, quando não há o pagamento dessa entrada, essas pessoas não se sentem abarcados nesses lugares e ficam pensando: ‘como eu vou ser tratado nesse lugar que é predominantemente, na cabeça deles, de uma pessoa rica e que tem um poder aquisitivo maior?’ Então, acho que primeiro de tudo: ter contato com colégio, com a coordenação e ter essa troca do que é o projeto, do que a gente pretende fazer, para, efetivamente, depois ir, foi enriquecedor. Aí a gente vê a máxima de Popularização da Ciência, que é levar assuntos que são relevantes, pertinentes, que devem ser discutidos, para o Ensino Público, que é onde a gente atua, basicamente. Acho que todo o período em que eu estava nas Ações, só visitei colégios, realmente, públicos e alguns espaços, como CRAS, mas, principalmente, colégios públicos. Para mim, isso foi fantástico, porque, principalmente, a mediação da exposição para as crianças e para os adolescentes era algo assim: como eu fiquei fascinado pela exposição, logo assim que eu descobri, os alunos também ficavam fascinados em descobrir tanta riqueza, tanta história dentro de Manguinhos. E o conteúdo até menciona outras favelas também e muda também o olhar e, principalmente, o enriquecimento para mim foi o olhar, de ter esse contato com as crianças, de perceber que há tanta potencialidade dentro daquele colégio, dentro de uma

favela. Eu sou muito grato ao grupo das Ações Territorializadas, porque foi algo muito marcante na minha vida. Enriqueceu muito, principalmente, o meu olhar de educador, mudou muito no sentido de perceber o que eu preciso, quais são as práticas que eu preciso ter para que meu aluno se sinta incluído. Aquela exposição trazia, a meu ver, inclusão para aquelas crianças de um espaço que eles não sabiam que tinha tanta riqueza. Se eu posso falar, realmente, o que as Ações Territorializadas trouxeram, com relação às mediações, foi só conhecimento e amadurecimento do meu âmbito profissional e pessoal. (informação verbal)⁶

André Cruz – Ex-Bolsista Das Ações Territorializadas



A equipe do Museu recebe convites de parceiros externos, como também faz prospecção de parceiros a partir de um planejamento que é feito em cima de uma avaliação do ano anterior, a partir desse processo de avaliação, são selecionados territórios ou parceiros com quem a equipe da AT/MV tem a intenção de abrir interlocução. Há sempre uma prioridade de interlocução, parceria e ações com os territórios primários, ou seja, aqueles onde a Fiocruz está inserida: Maré, Mangueiras e, mais recentemente, o Jacarezinho.

Esse é um momento fundamental do trabalho, onde a equipe tem um primeiro contato para identificar o local, níveis de interlocução com o parceiro, identificar e caracterizar esse parceiro, o melhor processo para dialogar do ponto de vista pedagógico, conceitual, cultural. Assim é marcada uma conversa prévia com o parceiro que foi prospectado ou estabeleceu o primeiro contato, e nesse encontro a equipe entende qual é a expectativa desse parceiro, qual o seu interesse em ter o trabalho do Museu da Vida naquele local, seja favela ou periferia; qual é o perfil do público com qual o parceiro trabalha; e em quais atividades quer que o Museu tenha interlocução. É também o momento em que a equipe apresenta algumas das ações que já foram

⁶ Fala de André da Cruz em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 22 out. 2021.

desenvolvidas com outros parceiros ou ações que já estão disponíveis no Museu da Vida, como as oficinas com microscópio⁷, entre outras⁸.

Inegavelmente a exposição “Manguinhos Território em transe” a mais antiga das atividades da AT/MV é produto disponibilizado do Museu da Vida, que mais vezes foi demandado pelo público parceiro. A exposição funciona tanto sozinha quanto conjugada com outras atividades elaboradas no processo de parceria.

Retomando a descrição desse nosso processo, vale ressaltar que normalmente, a ação é definida em uma reunião, podendo se estender para mais de uma em alguns casos. Alguns detalhes extras podem ser resolvidos por e-mail até que chega o momento da ação no território. Nesses encontros preparatórios, a equipe da AT/MV em conjunto com os parceiros opta por escolher uma das atividades ou constroem atividades, a partir de oficinas, debates e outras dinâmicas.

O segundo momento é a execução da atividade feita com o parceiro, em interação com o público, o levantamento do que o público está familiarizado em termos de conteúdos vivências são aferidos como uma forma de ponto de encontro inicial, tal verificação é impreterivelmente o primeiro ato da equipe AT/MV de forma a comparar com o que foi planejado, nessa etapa de relação direta com o público, a escuta é o princípio metodológico mais importante não importando o perfil da atividade com base nessa escuta e através de debates e discussões explora-se ao máximo possível as vivências e o protagonismo do público e onde o encontro nos leva juntos é sempre o encanto que nos move e nos coloca em comunhão.

⁷ As duas principais oficinas que mais vezes foram disponibilizadas são: a) “Há vida na gota d’água?”, que aborda a vida em uma gota de água não tratada observada no microscópio, podendo se debater tanto a diversidade de vida microscópica em uma gota de água, quanto a importância do tratamento da água para a sociedade e também abordar a importância do saneamento básico; b) “Ciclo de vida do Aedes”, onde podemos observar as etapas de desenvolvimento do mosquito *Aedes aegypti* nas lupas e pode se debater sobre dengue e as demais arboviroses.

⁸ Há também atividades artísticas como a primeira peça de teatro itinerante do MV “O rapaz da Rebeca e moça Rebeca” (centrada em um romance proibido de um casal soro discordante de HIV), a peça infantil “O curumim quer música” (que mescla o folclore brasileiro com conceitos de física sobre o som), além de jogos desenvolvidos pela equipe do MV, para exposições que abordam temas como o SUS, arboviroses, educação sexual entre outros, tudo sempre tendo como ponto de partida o interesse e a construção conjunta do planejamento com o parceiro do território, no sentido de promover a apropriação pelo público dos temas de seu interesse.

Depois dessa ação no campo, a equipe retorna ao Museu da Vida e pede para que o parceiro que recebeu a ação no território preencha um formulário de avaliação. A equipe envolvida sempre faz um relato sobre a experiência de campo; como é que ela se deu; quais foram as impressões sobre o que aconteceu na atividade com o público; as coisas que mais chamaram a atenção. A equipe da AT/MV também pede que o público faça uma avaliação ao fim dessa visita, assim como também é solicitada ao parceiro uma avaliação de todas essas etapas, desde o primeiro contato, passando pela preparação, pela ação itinerante no território e pela visita ao Museu.

Na sequência é agendada com o parceiro a vinda desse público para visitar o Museu da Vida. Então, a equipe das Ações Territorializadas, em contato com a equipe de visitação do Museu da Vida, agenda dois espaços cujas temáticas, de uma maneira transversal, direta ou indiretamente, dialoguem com temas trabalhados na visita itinerante feita no território da favela ou no bairro periférico. O parceiro entra em uma fila do “expresso da ciência” (ônibus do MV) para visitar o MV/Fiocruz (aprofundaremos este ponto no próximo capítulo).

A partir daí, buscamos manter uma interlocução do parceiro com o Museu da Vida via equipe das Ações Territorializadas abarcando assim a construção de uma rede de contatos onde a equipe segue sendo chamada para atividades no território e o MV passa a convidar os parceiros para eventos e atividades na Fiocruz.

Mais recentemente, com a criação do Núcleo de Mídias⁹ do Museu da Vida (Numid), as itinerâncias e ações em conjunto das AT/MV com os parceiros dos territórios passou a ser divulgada nas redes sociais do MV, trazendo resultados positivos já que aumentou a visibilidade para esses projetos. Além disso, essa divulgação acaba se tornando mais um canal de diálogo com o público do Museu e cria uma sensação de pertencimento desses atores com o MV.

O estabelecimento dessa rede informal com os parceiros, continuada ao longo do tempo, aliada a priorização dos parceiros do território primário da Fiocruz (Manguinhos e Maré – o MV participando de encontros da sua organização social, política e cultural), e ainda com o recente trabalho junto as redes sociais do MV,

⁹ Setor do MV criado com a implementação da nova estrutura em 2018, responsável pela coordenação do site e das redes sociais do MV, bem como, por promover uma comunicação dialógica com o público do MV.

percebemos mesmo durante o período de pandemia da COVID 19 com as atividades suspensas a manutenção do contato e da relação construída com muitos desses parceiros. Isso se manteve de diversas formas desde a mediação do MV com esses atores e as informações seguras produzidas e disseminadas pela Fiocruz, ou divulgação das redes solidariedade locais, quando não participando ativamente das redes, colaborando com a Fiocruz em trabalho de comunicação e editais voltados especificamente para público de favelas (na conclusão do *ebook* iremos abordar melhor este ponto).

Essa metodologia de ir a campo até à população de favela e periferias e trazê-la para dentro do Museu é uma metodologia inspirada no conceito de Tecnologia Social. Ela foi desenvolvida pelo projeto “Manguinhos Território em Transe” e adaptada para a realidade do Museu da Vida em 2014 e implementada a partir de 2015, no então serviço de visitação e atendimento ao público do Museu da Vida, com a constituição da equipe das Ações Territorializadas.

O conceito de Tecnologia Social (TS) que trabalhamos é o desenvolvido pelo professor Renato Dagnino¹⁰ que o elaborou tendo como princípio a Rede Tecnologia Social (RTS) e o entendimento de que o conceito se refere a uma dupla dimensão por um lado como um marco analítico-conceitual e por outro a sua própria perspectiva de rede. Segundo essa proposta a Tecnologia Social se aproxima do processo conhecido como “inovação social”, e se apropria de suas dimensões estruturais seja software, hardware ou orgware:

“Assim, entendida como um processo de inovação a ser levado a cabo, coletiva e participativamente, pelos atores interessados na construção daquele cenário desejável, a TS se aproxima de algo que se denominou, em outro contexto, “inovação social”. (...) Esse conceito engloba, portanto, desde o desenvolvimento de uma máquina (hardware) até um sistema de processamento de informação (software) ou de uma tecnologia de gestão – organização ou governo – de instituições públicas e privadas (orgware)”.

DAGNINO, CRUVINEL E NOVAES, 2010, p20

¹⁰ Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social Renato Dagnino* Flávio Cruvinel Brandão** Henrique Tahan Novaes in: *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*.

Dentro desse conceito, a itinerância das Ações Territorializadas pode ser entendida como uma inovação cultural organizada no trabalho e na produção de suas atividades nos moldes do conceito de Tecnologia Social, para tanto se ampara nos três pilares que a caracterizam. Os referidos pilares que definem a TS são a participação social, transformação social e replicabilidade.

Primeiramente, é preciso contar com a participação social, quanto mais ela for participativa, mais popularizada, mais aberta e socialmente vinculada com a população, com aqueles que são atendidos, melhor. É importante para a equipe das Ações que essa manutenção da participação seja constante, tanto na prospecção de novos parceiros, entendendo em quais territórios as AT/MV podem atuar, na construção das ações educativas para o público, quanto na hora de receber o público nas atividades do Museu e nas avaliações do público, dos parceiros e da própria equipe da AT/MV.

O segundo pilar é o da transformação social. Os atores não podem sair do processo de uma Tecnologia Social da mesma maneira que entraram. Então a Tecnologia, ela tem que propor algum nível de transformação da realidade que cerca as pessoas a quem ela pretende atender. Nas Ações Territorializadas, as metodologias de itinerância são uma ferramenta que cumpre a função de organização de trabalho cultural nesses territórios, entendendo que o resultado dessa itinerância, dessa parceria com o parceiro local, é, em si, o elemento de transformação daquela realidade e de transformação também do próprio museu.

E o terceiro pilar é a replicabilidade: que a tecnologia desenvolvida seja uma tecnologia capaz de se replicar por outros atores e em outros contextos. Neste caso, a exposição Manguinhos Território em Transe já era um exemplo da possibilidade de replicabilidade do trabalho das Ações Territorializadas. Além disso, alguns parceiros sinalizam a possibilidade de desenvolverem outros projetos nessa perspectiva.



**Mediação da exposição Manguinhos: Território em transe
(Acervo Ações Territorializadas, 2019)**

Elizabeth Campos



Entrevistada traz o tema da Participação Social, elemento que considera imprescindível para a construção de saberes. Sinaliza entender que os processos não são simples, mas reforça que não há como construir conhecimento sem o diálogo.

[Acessar o vídeo](#)



2. Atividades educativas

“Eu lembro da escola que a gente foi no Rio das Pedras, que é até o bairro onde um dos bolsistas mora. E falar sobre Saneamento Básico, trazer um pouco da vida que tem na gota d’água, falar sobre Saneamento Básico, que é direito de todo ser humano, ouvir todas aquelas crianças falando foi surreal. Foi incrível para mim! Ouvir, trocar com eles, foi muito bom. (...) Eu nunca tinha tido contato com microscópio, foi a primeira vez aí na Fiocruz e as formações me ajudaram muito a pensar em como elaborar as atividades, realmente, pensando como é aquela cultura do lugar onde o aluno vive. Então, eu adorava elaborar as atividades, ajudar os outros bolsistas pensando, justamente, como aquele território funcionava para poder encaixar a atividade que a gente vai levar para eles. Foi muito incrível.” (informação verbal)¹¹

Thamires Isabelle - Ex-Bolsista Das Ações Territorializadas

Ao irmos ao território como já foi dito podemos trabalhar tanto com as atividades disponibilizadas pelo Museu da Vida, quanto com as desenvolvidas especificamente com os parceiros. Aqui abordaremos dois exemplos de cada dialogando como no primeiro caso as atividades são escolhidas e apropriadas pelos parceiros e como no segundo caso o processo de elaboração e execução é transformador para todos os envolvidos.

¹¹ Fala de Thamires Isabelle em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 03 de nov. 2021.

2.1. Atividades apropriadas pelos parceiros

Exposição “Manguinhos Território em Transe”

As itinerâncias da exposição Manguinhos Território em Transe são realizadas respectivamente em escolas públicas, Organizações Não Governamentais, Unidades básicas de saúde, Associação de moradores, Centros de Referência e Assistência Social, localizados em territórios de favelas e periferias da cidade do Rio de Janeiro e da região da Baixada Fluminense.

A exposição foi elaborada a partir de uma pesquisa de história social protagonizada pelos moradores do território relativo ao complexo de favelas de Manguinhos têm como objetivo promover reflexões sobre saúde, cultura, identidade e participação social junto aos territórios de periferia e favela. A mediação da visita é estruturada em conjunto com o parceiro que recebe a atividade, sendo várias vezes realizada em conjunto com esse parceiro junto ao público visitante. Diversas dinâmicas pedagógicas são adotadas e adaptadas conforme o envolvimento e retorno do próprio público que é estimulado a assumir o protagonismo das ações.

Buscamos em nossas itinerâncias realizar oficinas educativas, que tem como objetivo trabalhar temas ligados a exposição correlacionando-os com a vivência do público. Em alguns casos, desenvolvemos novas atividades de acordo com a necessidade do parceiro, também apresentamos nosso portfólio com atividades já realizadas como possibilidade.



Itinerância da exposição Manguinhos: Território em transe (Acervo Ações Territorializadas 2017)

Peça de teatro “O rapaz da rabeça e moça Rebeca

O espetáculo O rapaz da rabeça e a moça Rebeca foi montado em 2015 no Museu da Vida e estreou em dezembro do mesmo ano. A peça é uma adaptação de uma obra do cordelista cearense José Mapurunga intitulada O rapaz da rabeça e a moça da camisinha, que conta a história de um casal soro discordante fiel a linguagem cordelista, em formato de teatro de arena mantém um “tom” leve, descontraído, com bom humor e bastante música.

A peça foi projetada a partir de uma parceria entre o Museu da Vida/COC e o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas¹² (INI), também da Fiocruz,

¹² O INI é uma unidade da Fiocruz comprometida com pesquisas clínicas, ensino, serviços de referência e assistência em doenças infecciosas, integrando a Rede de Pesquisa Clínica da Fundação Oswaldo Cruz. Dentre seus principais serviços incluem-se as consultas ambulatoriais, exames, internação hospitalar de pacientes vivendo com HIV/Aids, doença de Chagas, entre outras.

com os objetivos de reduzir preconceitos e dialogar com o público jovem sobre a importância de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, com foco na Aids, além do hábito de fazer testes para identificação do HIV.

Essa foi a primeira peça de teatro itinerante desenvolvida pelo MV, circulou em escolas, associação de moradores, teatros e outros museus. Tal itinerância ocorreu tanto acompanhando o Ciência Móvel (Caminhão da Ciência do MV), quanto AT/MV, ou ainda sozinha, nesse caso apenas durante os anos de 2017 e 2018.

No caso da AT/MV, o trabalho com a peça surgiu a partir do diálogo da equipe da AT/MV com os alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Maré, em uma oficina de microscópio sobre o ciclo de vida do *Aedes* que ocorria em uma ação na própria unidade escolar. Quando foi constatado que alguns alunos de várias idades nunca haviam assistido uma peça de teatro e por conta de seu horário de trabalho (que incluía os finais de semana) não conseguiriam ir ao MV para assistirem. Foi então que a equipe acionando a rede informal com o Museu da Maré (que fica cerca de 100 metros do CEJA), e a equipe de atores e de produtores do MV em um grande esforço logístico conseguiu levar a peça ao Museu da Maré para que os alunos do CEJA e do entorno do museu pudessem assistir as apresentações da peça. Os professores do CEJA também puderam organizar as turmas e desenvolver os seus temas e conteúdos antes e depois das apresentações.

Cláudia Rose



Entrevistada relata a relação da Educação de Jovens e Adultos na Maré com a Educação Artística e relembra a experiência de apresentação de uma das peças teatrais do Museu da Vida junto ao grupo. A ação deu-se na Maré, por meio do grupo das Ações Territorializadas.

[Acessar o vídeo](#)

2.2. Oficinas desenvolvidas para a itinerância

Oficinas de exposição de garrafas pets¹³

Uma das primeiras atividades desenvolvidas em parcerias com professores das escolas públicas que receberam AT/MV foram as oficinas para elaboração de exposições com garrafas pets essa proposta nasceu do desejo principalmente dos professores de artes que queriam oportunizar aos alunos a vivência de elaborarem sua própria exposição. Este material (garrafa pet) já faz parte do cotidiano da ampla maioria dos educandos, sendo utilizada para embalar praticamente todos os líquidos, de remédios e bebidas. Mas ela também pode ser encontrada em outros tipos de embalagens e em outros setores da indústria, como o têxtil, que usa o material como matéria-prima para a fabricação de tecidos.

A proposta era que o público construísse sua própria exposição que ficava exposta na escola e cuja imagens depois eram disponibilizadas no *Facebook* da exposição “Manguinhos Território em Transe”. Assim, a primeira etapa era realizar debates sobre a sustentabilidade e a relação consumo/lixo com a degradação ambiental (usando dados e materiais de pesquisadores da Fiocruz), além do papel da produção industrial nesse processo de desequilíbrio. Ao mesmo tempo que os educandos exercitavam sua capacidade de expressão por meio do manuseio e transformação do material a ser exposto.

Rap e Ciência/NAID

O Rap e Ciência teve seu piloto realizada em 2017 na Policlínica Lincoln de Freitas Filho no Núcleo de Atenção Interdisciplinar do Desenvolvimento Infantil (NAID), localizada em Santa Cruz\ RJ. O objetivo que norteou a realização da atividade foi: promover a discussão acerca do conceito ampliado de saúde a partir da Exposição Manguinhos Território em Transe. A nossa visita contou com a realização de uma oficina de RAP junto ao público, tendo como foco o debate sobre participação social em saúde. Partimos de uma metodologia colaborativa junto aos nossos parceiros,

¹³ Essa atividade (desenvolvida nos primeiros anos) foi proposta por professores de arte da rede pública municipal da cidade do RJ, tanto de Manguinhos quanto da Maré. Os professores identificaram o interesse dos seus alunos pelas questões ambientais e o excesso de lixo nos seus locais de moradia.

sendo assim, buscamos envolver trabalhadores e pacientes no debate sobre o conceito ampliado de saúde no NAID.

O desenvolvimento das etapas dessa atividade foram: 1. contato com o espaço para apresentação do projeto; 2. planejamento da atividade educativa junto com a equipe do NAIDI (psicóloga, coordenadora do espaço); 3. realização da atividade educativa; 4. avaliação com os sujeitos participantes da mediação.

Sobre a experiência da itinerância no NAID, destacamos a relevância da atividade “RAP, Saúde e Consciência” onde, após a mediação da exposição Manguinhos Território em Transe, a partir de uma metodologia de roda de conversa temática sobre “saúde, participação e preconceitos”, foi construído coletivamente um RAP¹⁴, protagonizado pelos pacientes e profissionais da Policlínica. Por fim, ressaltamos a importância das trocas dialógicas que foram estabelecidas entre pacientes, trabalhadores do espaço em questão e a equipe de Ações Territorializadas do Museu da Vida.

Em 2018, repetimos a experiência das rodas de Rap/Rimas¹⁵¹² com os jovens em escolas públicas, nessas atividades a arte produzida na favela para favela assume centralidade na intercambialidade dos debates com a ciência e a promoção da saúde nas nossas ações territorializada de popularização da ciência.

¹⁴ Um parceiro da equipe que atuou junto o tempo todo foi o MC Einstein (atuante da baixada fluminense) que ajudou o grupo a organizar as rimas e colaborou decisivamente na oficina.

¹⁵ Um dos nossos bolsistas naquele ano MC Xandy, de Manguinhos colaborou na viabilização dessas rodas e para o debate interno do papel rap no trabalho da AT/MV.



Atividade educativa (2018)

3. O que já mudou...

A entrada nos territórios sempre pretendeu ter um papel transformador na realidade com as quais esse trabalho teve contato, o que torna a etapa de trabalho aqui descrita central e fundamental para ações territorializadas, porém, para sermos coerentes, é importante abordar e exemplificar a transformação pela qual passou a equipe AT/MV e principalmente o Museu da Vida nesse encontro com a população e os trabalhadores que atuam nos territórios de favela e periferia.

Atualmente podemos identificar um legado de caráter estruturante dessa dimensão de trabalho quando observamos por exemplo os debates sobre a conformação de um linha clara de comunicação dialógica em suas redes sociais direcionada também para o público de favelas e periferias, desenvolvida pela equipe do Numid/MV, o reforço de um debate no MV e na COC sobre como estabelecer parcerias que estimulem a pesquisa e preservação referente a história, memória e patrimônio nos territórios da Maré e Manginhos em articulação com atores desses territórios, bem como, o debate que veio se consolidando também sobre “curadoria com participação social” nas exposições, inicialmente no MV e agora também na COC.

Porém, o trabalho AT/MV sempre se caracterizou pela sua reflexão – ação. Assim, a aproximação com esses territórios provocou ações de caráter mais prático ou colaboraram na elaboração de outras propostas. Podemos citar principalmente: a) o trabalho integrado de formação no pró-cultural e a participação dos educadores da “Seção Formação” e da “Seção de Educação para o Público” na formação dos bolsistas AT/MV; b) a própria formação dos bolsistas de graduação do Programa de iniciação a divulgação e popularização da ciência (PROPOP) que incorporou os debates sobre a territorialização e temas que aproximam o debate sobre ciência e saúde da realidade da população de favela e periferia; c) e ações educativas e projetos de pesquisa inovadores de popularização da ciência com base territorial.

Para concluir esse capítulo entendemos ser importante compartilhar três exemplos de experiências desse último item desenvolvidas pelo MV nos últimos anos que incorporaram a perspectiva territorializada para popularizar a ciência.

Essas experiências com perfis bastante distintas se entrecruzam ao manterem a centralidade do diálogo de base territorial e com recorte claro com os movimentos sociais e as populações socio vulnerabilizadas. Todas herdaram da AT/MV, além da base conceitual desenvolvida ao longo do período e da rede de contatos com os parceiros, a perspectiva territorial com foco na saúde.

Projeto Hip Hop e Saúde (2015-2016)

Essa atividade foi desenvolvida em 2015, no âmbito da exposição “Pelos Caminhos do SUS”, a exposição foi uma parceria com o Conselho Nacional de Saúde e contou com a colaboração de pesquisadores Observatório História e Saúde, vinculados à Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e tinha entre seus objetivos desmistificar o tema apresentando avanços e desafios do SUS, bem como, ampliar o diálogo com a sociedade civil e com os movimentos sociais sobre o SUS. Cabe destacar que em 2016, a atividade aconteceu junto alguns eventos do Museu no Centro de Recepção.

A partir da articulação que AT/MV já tinha com artistas do território de Manguinhos e da inauguração da exposição surgiu o projeto que tinha como objetivo principal colaborar para aproximar os princípios, e os desafios e êxitos do SUS da população de favela. O projeto contou com a presença dos rappers Big Papo Reto, Tapre Poetiza, Xandy Mc e o DJ Cris Beats ZN. A produção foi realizada por Careca Arts, produtor cultural de Manguinhos, contando com o apoio da equipe AT/MV do Museu da Vida.

Foram realizadas oficinas que reuniram os referidos rappers dos territórios de favelas, onde após leituras e sessões de filmes seguidos de debates envolvendo educadores do museu, os artistas da favela elaboraram canções de Hip Hop com diversos temas provocativos para apresentações de Hip Hop para o público da exposição e após as apresentações os rappers junto com os mediadores do museu fizeram um debate com o público.

Nesta ação os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer (e cantar) vários aspectos do Sistema Único de Saúde no ritmo do Hip Hop. Ao final da visita à exposição Pelos Caminhos do SUS (2015), a apresentação musical encadeou uma discussão sobre o SUS de maneira divertida e consciente. Em diversos eventos do MV ao longo de 2016 foram feitas outras apresentações do Hip Hop saúde. Esse processo converge com um debate que começava a ganhar força na equipe da AT/MV,

principalmente em seus processos formativos sobre a importância de aproximar o debate da ciência com a arte/cultura produzida dentro das favelas. Um trabalho que através da arte promova saúde e efetivamente aproxime a popularização da ciência da vida cotidiana da favela, principalmente da juventude da favela.

Parceria com o Projeto Marias (2017)

O projeto foi criado pela ativista social Norma Maria de Souza para auxiliar as famílias da comunidade de Manguinhos, que possuem algum membro que necessita de cuidados especiais. Fundado em 1998, por Norma Maria quando ela deu à luz a seu filho Kevyn, que nasceu com paralisia cerebral vem tentando melhorar a qualidade de vida dele e das pessoas com deficiência de Manguinhos e outras favelas. Assim, surgiu o Projeto Marias, identificando como essas mães lidam com as dificuldades, e seu entendimento e implicações desta relação: família x pessoas com deficiência.

O objetivo do projeto é trazer informações e melhorias para estas mães e filhos com deficiência possibilitando o acesso nas áreas de educação, saúde, mercado de trabalho e benefícios sociais entre outros já garantidos por Lei.

Entre as atividades desenvolvidas no projeto estão cursos de artesanatos, aulas de reforço escolar no contraturno das escolas, grupos ajuda mútua entre as mães, além de passeios coletivos para equipamentos culturais e redes de solidariedade diversas que vão desde apoio a segurança alimentar das famílias, passando por compartilhamento de informações sobre tratamento e assistência de saúde para as crianças.

A parceria do Museu da Vida com o Projeto Marias tinha como objetivo trazer o público com deficiência assistido pelo projeto para o MV e proporcionar uma formação para os bolsistas voltada para a questão da diversidade e da acessibilidade, resultando na realização de atividades, vivências de mediação. Em contrapartida o MV ajudava a promover algumas das ações do projeto. Durante o ano de 2017 (período de vigência da parceria) uma bolsista de pedagogia da AT/MV que participava integralmente das formações da equipe apoiava o projeto nas ações de reforço escolar e junto com a equipe profissional da AT/MV planejava e acompanhava a visita das mães e dos seus filhos do projeto ao MV, por fim, a equipe redigia relatórios que eram encaminhados a coordenação do então Serviço de Visitação e Atendimento ao Público do museu.

Projeto Zika (2017-2021)

A “Pesquisa Científica e Tecnológica para Inovação em Educação e Comunicação para a Prevenção da Zika e Doenças Correlatas nos Territórios” envolveu um conjunto de ações que tencionou o fortalecimento de um modelo de educação ambiental, sanitária e de popularização da ciência nos territórios de Manguinhos (RJ), serra da Bocaina Paraty (RJ), Maricá (RJ) e Ceilândia (DF). O projeto coordenado pela pesquisadora Nísia Trindade Lima foi contemplado por um edital do governo federal que reuniu três ministérios (Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Ministério da Ciência e Tecnologia) para promover projetos que ajudassem a pensar respostas a emergência sanitária da Zika e suas doenças correlatas (2015/2016).

O objetivo geral do projeto é:

“Desenvolver um modelo de educação ambiental, sanitária e de popularização da ciência, que facilite a vigilância, a promoção da saúde e a prevenção de riscos e agravos diante da tríplice epidemia em escolas e comunidades, fortalecendo a ação intra e intersectorial entre as Redes de Atenção à Saúde, de Educação Básica, Técnica e Superior; de Ciência e Tecnologia e demais atores do território”.

Destacamos que a equipe AT/MV representou o Museu da Vida e a Casa de Oswaldo Cruz, se juntando a outros atores da Fiocruz¹⁶, nas ações de resposta a emergência sanitária atuando no território de Manguinhos, integrando mutirões¹⁷ de sensibilização da população para enfrentamento da crise e posteriormente foi chamada a integrar a equipe Fiocruz para formular e organizar a proposta para o já citado edital do governo federal.

¹⁶ No momento da emergência sanitária a Fiocruz se organizou em várias frentes a nível nacional para tentar colaborar na resposta aquela situação e a presidência fez uma solicitação para que as unidades técnicas científicas da instituição localizadas no campus Manguinhos participassem de uma mobilização local com a prefeitura (Essa era uma das frentes de resposta a crise). A Casa de Oswaldo Cruz, por meio das Ações Territorizadas do Museu da Vida respondeu a solicitação de forma imediata.

¹⁷ A equipe da AT/MV com apoio de educadores do Serviço de Visitação e Atendimento ao Público do MV disponibilizou nas favelas de Manguinhos (nas ruas, praças e Associações de moradores) tanto a exposição “Manguinhos Território em Transe”, quanto a oficina com microscópios sobre o “Ciclo de Vida do aedes aegypti”. Essa mobilização articulou a Fiocruz e Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do RJ.

A participação das Ações Territorializadas transcorreu em quatro momentos distintos durante a pesquisa, sendo estes: na escrita da proposição do projeto; no processo seletivo de bolsas; na mobilização social junto à comunidade, escolas públicas e instituições de saúde do território de Manguinhos; na realização de atividades educativas e de popularização da ciência com a itinerância da exposição Manguinhos Território em Transe.

E durante a pandemia de COVID 19 a equipe AT/MV colaborou com a rede de disparos de postagem de cards sobre arboviroses voltadas para as redes sociais, particularmente o aplicativo de *WhatsApp*. O sistema de disparos foi desenvolvido pela equipe de pesquisa junto com os parceiros do território.

Diante do desafio de realizar ações de divulgação científica sobre o tema das arboviroses no cenário pandêmico junto ao território de Manguinhos e demais territórios envolvidos no trabalho, a equipe de pesquisa identificou o aplicativo *WhatsApp* como uma ferramenta importante com alto grau de penetração junto as populações dos territórios.

Por meio de uma rede de parceiros que participaram do processo de criação e disparos de diferentes *cards*, o projeto teve como objetivo: chamar a atenção para a prevenção e o cuidado em relação às arboviroses, sobretudo na iminência da emergência sanitária da COVID-19; ampliar ações de Divulgação Científica no território de Manguinhos e associar a luta por direitos em Manguinhos à garantia da Saúde no território. Esse trabalho continua em fase de execução.

A escolha por esses três exemplos (Projeto Hip Hop e Saúde; Parceria com o Projeto Marias; Pesquisa Científica e Tecnológica para Inovação em Educação e Comunicação para a Prevenção da Zika e Doenças Correlatas nos Territórios) foi um esforço por exemplificar a diversidade de ações impactadas de diversas formas pela perspectiva de trabalho de popularização a ciência de base territorial com foco na saúde que esse percurso de encontro e comunhão com os territórios de favelas e periferias provocaram no trabalho educativo do Museu da Vida.

“É muito comum no depoimento dos bolsistas mediadores do Museu a fala de como a vinda dessa juventude, muitas vezes das crianças desse território, mexem com a zona de conforto e com a perspectiva de trabalho deles, dos educadores do Museu”

(Alessandro Batista – Educador do Museu da Vida e fundador das Ações Territorializadas)



Nesse momento, de 2014, 2015, fui dar aula em outra escola, numa escola muito próxima do Museu da Maré, que é o CEJA Maré, o Centro de Educação de Jovens e Adultos, uma escola exclusiva de Educação de Jovens e Adultos. O Museu já tinha antes uma parceria com essa escola e a parceria eu acho que envolvia, desde muito antes de eu dar aula ali, o Museu da Vida. Foi importante perceber essa abertura do Museu da Vida para a escola, porque como é uma escola exclusiva de Educação de Jovens e Adultos, ela funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. E à noite é sempre muito complicado ter ações voltadas para os estudantes, porque a gente não consegue inserir atividades. Existe a demanda, uma das ações importantes da EJA é agenda cultural e sempre em diálogo com equipamentos culturais da cidade. Mas para o pessoal da noite não, porque, geralmente, a gente tem peças de teatro sim em alguns lugares, mas, geralmente, as ações que a gente consegue para o pessoal da manhã e da tarde estão fechadas para a noite. O Museu da Vida sempre se colocou muito parceiro, nesse sentido, não só de abrir o espaço para acolher esses alunos, como ter ações dentro da escola e no horário noturno. Algumas ações foram realizadas e algumas em parceria com o Museu da Maré foram realizadas também no Museu da Vida. Uma dessas ações foi, justamente, a oficina com microscópio, que foi muito interessante, porque mobilizou todos os estudantes de todos os turnos, mas o pessoal da noite, particularmente. O Museu da Maré ficou aberto também, à noite, para receber esses estudantes, e era aberto para todas as escolas, é claro, mas, especialmente para o CEJA. Então, essa oficina que é a ‘Há Vida na Gota D’água’, que os monitores do Museu levavam, muito sensíveis para essa questão da Divulgação Científica para moradores das favelas e não só para aquele público de adolescentes e

jovens, mas também para adultos trabalhadores, que vinham do trabalho e chegavam na escola já à noite. Trabalhar essa relação mais próxima com eles, perceber essa realidade, foi fundamental. Essa parceria foi fundamental para a escola e para o Museu da Maré também, porque abriu o Museu, a galeria, para essas ações que envolvem a comunidade e valoriza esse conhecimento. Não é só um conhecimento trazido de fora para dentro, mas é um conhecimento que vai ao encontro dos saberes e fazeres desse público trabalhador, morador da favela. Isso é fundamental, dá uma dinâmica, uma vida para essa ação, tanto da escola, quanto do Museu da Maré. Ter essas parcerias e essa experiência foi fundamental. (informação verbal)¹⁸

**Cláudia Rose – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/
Museu da Maré**



Leonardo Bueno



Entrevistado fala sobre a apropriação de espaços científicos por parte de moradores de territórios favelizados e elogia as Ações Territorializadas pela realização de provocações que dialogam com o cotidiano das pessoas.

[Acessar o vídeo](#)

¹⁸ Fala de Cláudia Rose em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 de out. 2021.

CAPÍTULO 04

Quando a favela e periferia vão ao Museu da Vida: as ações do Expresso da Ciência

Quando a favela e periferia vão ao Museu da Vida: as ações do Expresso da Ciência



Essa ideia do Expresso da Ciência era outra questão que nós discutimos muito. Como você intensificar e otimizar as restrições de acesso que aconteciam do ponto de vista não só geográfico, mas também do ponto de vista das condições que essas populações tinham de chegar até o Museu. Uma série de iniciativas foram feitas e tentadas com relações a incentivos na relação com as escolas. Formas de facilitar o acesso ao campus de Manguinhos, que era o grande atrator desse fascínio que a Fiocruz tem e, a partir daí, você começava a capturar a atenção das pessoas e trabalhar com os temas que eram centrais para a atividade do Museu, mas eu disse: 'bom, e mais adiante, como é que a gente chega numa forma?' E nós, naquela época, trabalhávamos com muitas associações de cooperações e visitamos o Museu do Rio Grande do Sul, onde eles tinham sido pioneiros na confecção do que é o equivalente a esse Expresso da Ciência. Eles construíam os ônibus e saíam fazendo o trabalho itinerante de atuação do Museu. Esse processo, inclusive, foi interessante, porque num grande momento onde se viu afirmação muito forte do Museu da Vida no plano não só nacional, mas internacional, quando eu propus, foi aceito e aí fiquei como presidente do que era chamado board das redes de museus. E aí pegava a RedPOP, a rede europeia, asiática, dos Estados Unidos e nós fizemos aqui o Congresso Mundial de Museus, ali na Rio Centro. Foi um feito extraordinário. Trouxemos, se eu não me engano, se a memória não está falhando, também esse ônibus, caminhão expresso,

lá do Rio Grande do Sul. Essa foi uma das questões que a gente perseguiu bastante, mesmo depois da Lei Rouanet, e se tornou um braço fundamental de saída, de ida para outras áreas que não eram atingidas pela geografia do Museu. (informação verbal)¹

Paulo Gadelha – Ex-presidente da Fiocruz/ Coordenador da Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030



Jonatan Jesus



Entrevistado recorda a visita de uma de suas turmas ao Museu da Vida e à Fiocruz. Em seu relato, sinaliza o encantamento de seus alunos com o dia de atividades e com as experiências que viveram.

[Acessar o vídeo](#)

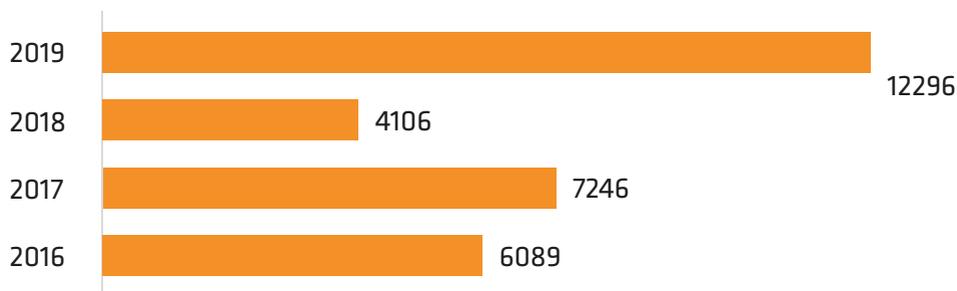
O expresso da ciência é uma iniciativa que existe desde 2015, a partir da habilitação do programa “Amigos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura²”, tal iniciativa consiste em ampliar acesso de unidades escolares públicas ao Museu da Vida e demais grupos de movimentos sociais, Organizações Não Governamentais, grupos organizados de Unidades Básicas de Saúde e Centros de Referência e Assistência Social em territórios socialmente vulnerabilizados, de forma que possam colaborar para um contexto de inclusão social em espaços museais. O funcionamento constitui-se a partir do estabelecimento de uma rede de parceria entre esses grupos e o Museu.

¹ Fala de Paulo Gadelha em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 18 de out. 2021

² O programa “Amigos do Museu da Vida: uma rede de saúde, ciência e cultura”, reúne parceiros públicos e privados, unidos em um único objetivo: fortalecer e ampliar as ações dos projetos desenvolvidos pelo Museu da Vida.

Durante os anos de 2015 a 2019, o Expresso atendeu quase trinta mil pessoas de escolas públicas, ONGs e demais grupos citados. Estes visitaram o Museu, por meio do projeto, abrangendo alguns municípios da Baixada Fluminense, Zona Norte, Zona Oeste do Rio de Janeiro, da cidade de Itaboraí, São Gonçalo e Niterói.

Visitantes por ano



Visitantes Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2021.

O Expresso é a materialização de um desejo antigo do Museu da Vida, que, a partir da Lei de Incentivo à Cultura – a Lei Federal de Incentivo à Cultura, conhecida como Lei Rouanet³ – que habilitou, nos anos de 2014 e 2015, o MV à captar recursos, para um projeto anual de apoio ao trabalho do Museu, que tem entre seus subprojetos o Expresso da Ciência, que trata-se, na realidade, de um ônibus, alocado com os recursos da lei de incentivo, e que é “plotado” com um *layout* desenvolvido pela equipe de designers do Museu.

Nesse mesmo movimento, o grupo gestor do MV compreendeu que o trabalho das Ações Territorializadas deveria compreender a gestão do Expresso da Ciência, pois representava uma oportunidade de complementar o processo dialógico de “ida” e “vinda” dos territórios onde a Fiocruz está inserida. Vale ressaltar que esse trabalho procura aproximar espaços de produção da ciência, como a Fiocruz, espaços de

³ A Lei de Incentivo à Cultura, amplamente conhecida como Lei Rouanet (Lei nº 8.313/91), foi criada com a proposta principal de oferecer recursos financeiros a projetos artísticos. Por meio dela, profissionais e grupos de diversas áreas da arte têm conseguido capital para se desenvolver e realizar filmes, projetos musicais, projetos museais, peças teatrais e todos os tipos de manifestações culturais. Além da Lei Rouanet, que é federal, diversos estados têm suas próprias leis de incentivo fiscal, que podem variar. Elas oferecem, basicamente, abatimento fiscal no ICMS, enquanto as que são de âmbito municipal garantem isenção de parte do ISS. Existente na cidade do Rio de Janeiro, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura oferece incentivo fiscal para empresas da capital carioca.

cultura, como o Museu da Vida, de territórios urbanos socialmente vulnerabilizados. De forma que o trabalho das Ações Territorializadas, além de ir ao encontro das pessoas nesses territórios, estabelece em sua metodologia, também vinculada à perspectiva de Tecnologia Social, como já vimos antes, a vinda dessa população ao museu.

As Ações Territorializadas fazem o movimento de ida aos territórios, por diversos meios, e com o expresso da ciência realiza também a vinda da população de favelas e periferias ao Museu da Vida, para que essa população possa conhecer as exposições de longa duração do Museu, as exposições temporárias, o borboletário, os prédios históricos, atividades sobre meio ambiente e sustentabilidade, o teatro do Museu, as ações cênicas do Museu entre outras coisas. Esse movimento permite a ocupação de um espaço público, por um segmento da população que tem pouco ou nenhum acesso aos equipamentos culturais da cidade e, conseqüentemente, a equipamentos museais.



Peça Conferência Sinistra (acervo Museu da Vida, 2017)

É importante destacar que a mobilidade urbana é um fator impeditivo para que os moradores de favelas e periferias possam ir até os museus e demais equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. Várias pesquisas no campo dos museus e no campo da cultura, demonstram isso. Isso é de conhecimento público e as pesquisas de audiência de público que o Núcleo de Estudos de Público e Avaliação de Museus (NEPAM) do Museu da Vida realiza ao longo dos mais de vinte anos de história da instituição ratificam essa informação.

As pesquisas publicadas nos Cadernos do Museu da Vida⁴ confirmam que entre os principais fatores de impedimento para que o público acesse o museu é o seu deslocamento pela cidade para chegar ao museu ou outros espaços de cultura. Seja por causa da distância ou a falta de recursos financeiros. Então, desde os primeiros anos de funcionamento do Museu, essa questão já era de conhecimento da equipe, portanto, já era um desejo que houvesse um projeto que trouxesse essa possibilidade de sanar esses problemas de mobilidade. Assim o museu poderia alcançar um público potencialmente interessante.

Essas experiências e as constatações das pesquisas de público do Museu da Vida aumentaram o desejo por atender esse público que não tinha tanta facilidade de acessar espaços museais. O Expresso da Ciência passa a ser gerido pela AT/MV e a complementar o trabalho das Ações Territorializadas.

⁴ *Série de publicações organizadas pelo Núcleo de Estudos de Público e Avaliação de Museus (NEPAM), nesse caso destaque para o volume 4: Cadernos do Museu da Vida – O que dizem os ausentes – Um estudo quali-quantitativo sobre visitas agendadas e não realizadas no MV 2002/2011.*



Expresso da Ciência (acervo Museu da Vida, 2016)

Os três critérios básicos para o uso do Expresso da Ciência são: a) o parceiro deve estar localizado e atender as populações dos territórios de favela ou periferia, ou em caso de não estar localizado no território de favela deve atender a população desses territórios; b) o parceiro deve ter recebido as atividades da AT/MV seguindo os protocolos estabelecidos e os princípios educacionais; c) os territórios primários da Fiocruz (Manguinhos e Maré) terão um percentual do total de viagens reservadas para eles definido previamente pela Coordenação do Serviço de Educação do MV.

Já no primeiro ano de implantação do Expresso da Ciência havia uma perspectiva de que o ônibus poderia ser um grande elemento de divulgação do trabalho do Museu da Vida e da própria Fiocruz. Ele circularia pela cidade do Rio de Janeiro, Baixada Fluminense, por Niterói, entre outras cidades, levando o nome do Museu da Vida sendo o grande elemento de publicidade desse trabalho. Ao mesmo tempo havia também uma perspectiva de que esse ônibus fosse um elemento de inclusão e acesso à cultura e ao conhecimento científico. Essas duas visões nesse momento de implementação se colocavam de forma contrastantes e havia receio de que não pudessem ser compatíveis, contudo, após alguns debates iniciais prevaleceu a tradição do MV de aliar capacidade comunicacional aos princípios educativos que defende a inclusão social e a emancipação política.

O “Expresso” deveria estar, de fato, vinculado a metodologia de trabalho da AT/MV, de forma que ao servir como elemento de acesso para espaços de cultura e conhecimento, colaborasse para o fortalecimento da dimensão pedagógica crítica e emancipatória da AT/MV. Exercendo o papel de um polo de atratividade para parceiros desses territórios. Assim, podemos compreender esse acesso à cultura também na sua dimensão de promoção de ambientes saudáveis e, portanto, muito mais do que um elemento de publicidade, de divulgação do trabalho.

Tendo essa perspectiva como contexto, a metodologia de itinerância do trabalho das Ações Territorializadas se adaptou para incluir o ônibus e, assim, fortalecer ainda mais o trabalho de proximidade, que é fundamental, tanto com as escolas, como com os demais grupos que AT/MV se relaciona. Essa mudança foi importante porque ajudou a manter o contato com os parceiros para além da “ida” a campo ampliou a possibilidade de mantermos a já citada rede informal com parceiros dos territórios.

Uma coisa que esse trabalho das Ações Territorializadas com o Expresso da Ciência nos ensinou nesse nosso caminhar, é que se trata de uma ação muito potente, uma ação que permite que algumas pessoas se desloquem pela primeira vez para fora dos territórios onde nasceram e cresceram, que permite que pessoas convivam em ambientes que, normalmente, não teriam acesso com informações e com trabalhos, mas que também valoriza o saber e a identidade dessas pessoas quando constrói com elas e com aqueles que com elas convivem e trabalham no dia a dia aproveitem a experiência museal. Porque não é só uma simples visita ao Museu, é conhecimento e a entrada num espaço público que você, provavelmente, não entraria ou entraria raras vezes na sua vida, mas é uma entrada qualificada, é uma entrada construída a partir da sua vivência, e da sua formação e da sua experiência. (informação verbal)⁵

(Alessandro Batista – Educador do Museu da Vida e fundador das Ações Territorializadas)

⁵ Fala de Alessandro Batista em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 nov. 2021.



A gente começou seis anos atrás com a ideia de propiciar experiências de formação no território. Principalmente, numa parte de Manguinhos que é, quem conhece mais a comunidade, João Goulart e CHP2, que é onde fica a parte chamada de Coreia, uma parte muito marcada pela violência armada, com os confrontos e todas as violências aí colocadas com o uso de arma de fogo, mas também essa violência grande, que é a ausência de políticas inclusivas, políticas cidadãs, políticas para a juventude, para as crianças desse território. Começou por aí o Recriando Manguinhos e a gente sempre precisou de parceiros, porque sempre foi um momento importante estar no território, mas tem o momento da saída. Para essas crianças e jovens que, normalmente, não têm opção, que quase vivem numa situação aprisionada muitas vezes no território, que não dá muita alternativa cultural-educativa, ter parceiros como as Ações Territorializadas do Museu, a ASFOC também apoiou, mas mais na parte logística, a Cidade das Crianças... Mas no caso das Ações Territorializadas foi no sentido das crianças poderem, principalmente as crianças, mas todos, crianças e adolescentes, poderem ter a experiência de se projetar, se pensar como cientistas. Algo que é um papel que muitas vezes a escola em periferias urbanas e favelas tem dificuldade em construir essa possibilidade na criança, que vem dessa origem mais pobre de renda, de almejar ser pesquisador, de almejar ser sujeito de transformação, sujeito crítico, ter autonomia para isso. Quando as crianças e os jovens puderam não apenas estar ali na experiência da tenda, mas também conhecer o laboratório, ver como é a projeção de um cérebro humano, colocar um avental também da pesquisa, muitas vezes de laboratórios, equipamento de proteção, conhecer a história do seu território também é muito importante, mas tudo isso são experiências que normalmente essas crianças e jovens não têm nos seus espaços escolares, exceto em alguns projetos que a gente consegue construir, que existe, mas a regra não é essa, de poder acessar esses espaços e ouvir um discurso diferente do que é oferecido como possibilidade para essa criança e juventude, de forma geral. As crianças não têm, muitas vezes, não tinham e ainda não têm, na sua maioria, porque as escolas não conseguem propiciar isso. É muito difícil, inclusive. É importante dizer, por exemplo, passeios, o trabalho de campo. Os passeios são muito difíceis essas escolas conseguirem

promover. Poder conhecer outros espaços culturais, outros espaços de ciências. Pela localização e sobretudo pela forma do trabalho, acolhimento, respeito às dúvidas, o respeito também à linguagem que vem da favela, tudo isso a gente, pelo Recriando Manguinhos, considera muito importante e encontra em espaços raros, como os permitidos pelas Ações Territorializadas do Museu da Vida.

**Leonardo Bueno – Recriando Manguinhos/ Coordenação da
Cooperação Social da Presidência da Fiocruz**



O ônibus consegue ser, ao mesmo tempo, um elemento de divulgação do trabalho da Fiocruz e do Museu e consegue ser também um elemento de inclusão e acesso, como preconizava o trabalho das Ações Territorializadas. O que fica claro quando conseguimos visualizar no mapa da região metropolitana do Rio de Janeiro a diversidade das regiões, por onde o “Expresso” circulou divulgando o MV/Fiocruz e o quanto coincide a predominância maior de áreas que não possuem equipamentos culturais.

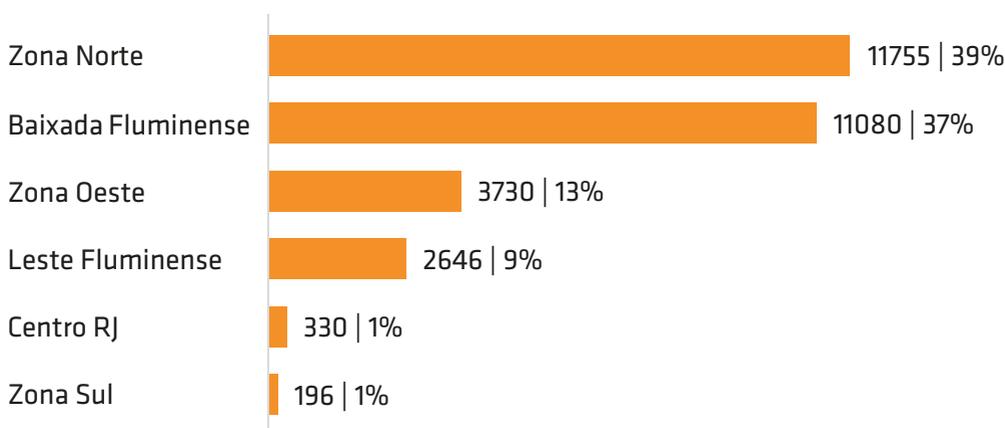


Mapa de abrangência das Ações Territorializadas, 2021. Crédito: Barbara Mello

O mapa permite verificarmos a multiplicidade de locais por onde o projeto circulou no decorrer desses anos funcionando como veículo difusor do nome do MV/Fiocruz.

De forma complementar podemos também, pelos gráficos abaixo, observar a distribuição do público atendido pelo expresso da ciência nos territórios da zona oeste, zona norte e baixada. Locais onde o investimento em equipamentos culturais é historicamente insuficiente e onde residem 3.910.095 pessoas, correspondendo a 22% da população do Estado do Rio de Janeiro, segundo os dados de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

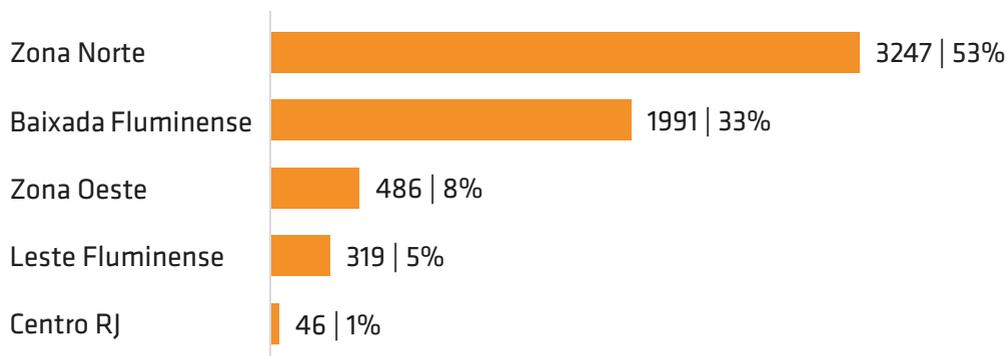
Visitantes por região



Regiões alcançadas pelo Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2021.

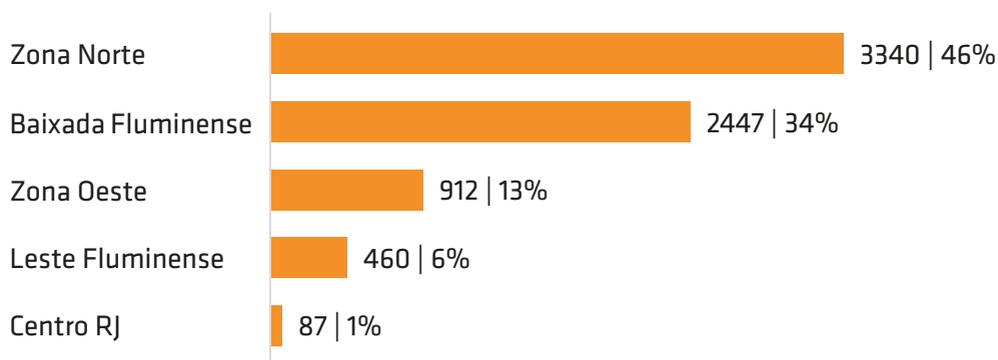
Ao decompormos por ano o percentual de público atendido por região pelo “Expresso da Ciência”, identificamos em ordem a permanência de priorização a região norte da cidade do Rio de Janeiro, onde estão a maioria das favelas da cidade do Rio de Janeiro, a baixada Fluminense e a regiões oeste da cidade, essas duas últimas regiões periféricas no quadro metropolitano que possuem também inúmeras favelas e que historicamente são desassistidas de equipamentos culturais e de projetos de divulgação e popularização da ciência.

Visitantes por região em 2016



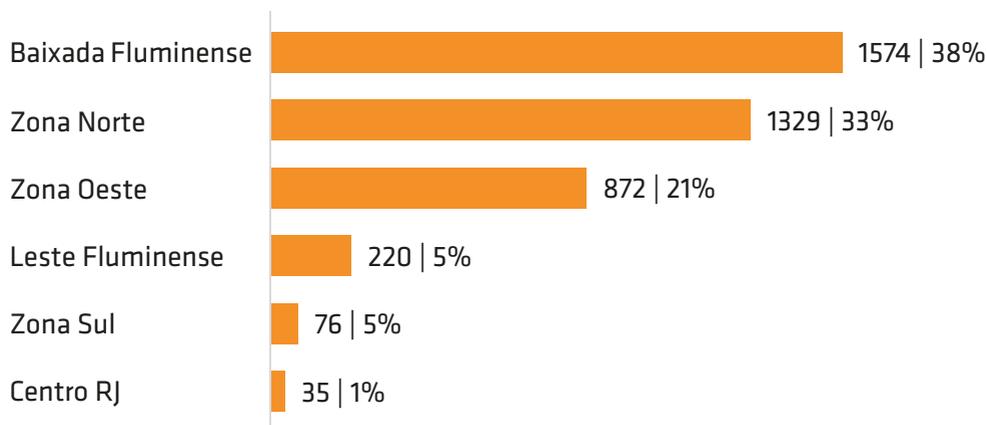
Regiões alcançadas pelo Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2016.

Visitantes por região em 2017



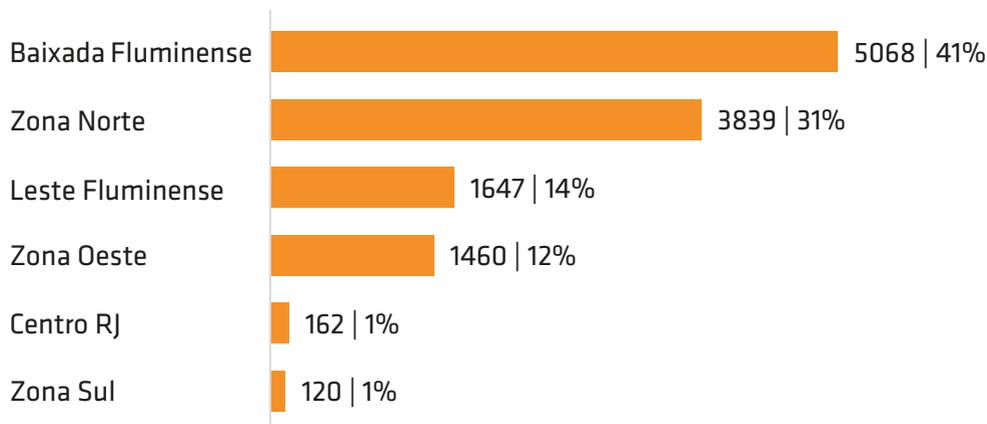
Regiões alcançadas pelo Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2017.

Visitantes por região em 2018



Regiões alcançadas pelo Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2018.

Visitantes por região em 2019



Regiões alcançadas pelo Expresso da Ciências, Ações Territorializadas, 2019.

Alguns fatos precisam de esclarecimento ao observarmos os gráficos acima. O primeiro já apontamos houve uma predominância das regiões mais populosas, com nenhum ou pouquíssimos equipamentos culturais e que a população enfrenta dificuldade de mobilidade para se deslocar dentro do perímetro metropolitano. Vale ressaltar que o agendamento do expresso precisa seguir o agendamento da “ida” da AT/MV ao encontro dos parceiros conforme vimos no capítulo 3, o encontro pode ser solicitado pelo parceiro e para tanto é feita uma lista de cadastramento por ordem

de contato (desde que o parceiro preencha o critério “a” e respeitando o critério “c”), o outro caminho é a prospecção de parceiros em territórios que por diversos fatores apontados nas avaliações da equipe foram identificados de interesse do trabalho. Seja para mantermos o caráter difusor do trabalho ampliando a diversidade de regiões por onde o ônibus circula, seja para atingir de forma mais equânime favelas e regiões periféricas pouco alcançadas ou ainda não alcançadas. Por exemplo, podemos constatar que em 2018 e 2019 incluímos mais parceiros de favelas da zona sul da cidade do RJ em relação aos anos anteriores, em 2019, pela primeira vez, houve mais parceiros da região leste fluminense do que da zona oeste da cidade do RJ. Destacamos também que em 2019 conseguimos durante boa parte do ano ter mais de um ônibus graças ao apoio que tivemos também pela lei de incentivo a cultura municipal de ISS.



A gente tem essa oportunidade de estar aprendendo com os alunos, levá-los a outros espaços de formação. Acho que proporcionar a esses alunos a oportunidade de experimentar várias formas de aprendizagem diferenciadas das que a gente consegue oferecer a eles no dia a dia. Experiências e algumas atividades, tem uma atividade que, se eu não me engano, é a sala sensorial. Tem uma parte que é sensorial. E a gente já utilizou essa prática algumas vezes, a gente se apropriou dessa atividade para trabalhar com os alunos de uma maneira adaptada. Acho que o Museu traz muitas ideias, tanto para os professores, quanto para os alunos, de estratégias, de formas novas de aprendizagem. (...) A oportunidade que a gente teve de desenvolver essa parceria foi muito boa porque trouxe experiência. A gente traz um conteúdo para o aluno, mas pelas limitações que a gente tem na escola, fica um conteúdo muito teórico. As experiências, a prática, a linguagem utilizada muitas vezes também se torna mais dinâmica, mais atrativa. As interações que os alunos fizeram foram muito positivas, tanto a visita, quanto receber. Eu acho que foi muito legal realmente esses dois momentos. A gente tem com muito carinho esses momentos lá na escola e estamos torcendo para

que essa pandemia se estabilize, melhore, para a gente poder também recebê-los outras vezes, se possível, e visitá-los. É sempre positiva essa visita. É enriquecedor para os alunos, são dias que eles nunca esquecem. (informação verbal)⁶

**Jonatan Jesus – Professor da rede municipal do Rio de Janeiro
parceiro das Ações Territorializadas**



Segundo o depoimento e avaliação qualitativa dos nossos parceiros esse trabalho é extremamente potente para a construção de uma cidadania plena, de uma cidadania que reforce a participação social, a democracia na nossa sociedade, mas que também demonstra a importância de que o Estado cumpra com o seu papel de fomentador e elaborador de políticas públicas, seja de acesso à cultura e conhecimento científico, seja de mobilidade urbana, que permita esse acesso dentro dos grandes centros urbanos do nosso país. É preciso fazer valer o que está previsto em nossa constituição (1988) que cabe ao Estado garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura. Políticas públicas sérias feitas nas três esferas (municipal, estadual e federal), que priorizem o acesso à cultura e a ciência de crianças e jovens de favelas e periferias, podem abrir janelas de transformação da realidade, melhorando todo o quadro social das nossas cidades e do nosso país.

Vanessa Lins



Entrevistada rememora a ida de estudantes da escola em que trabalha ao Museu da Vida e à Fiocruz. Narra falas de seus alunos, algumas expectativas criadas por eles e a superação destas. Sinaliza a importância de processos de aprendizado extraescolares.

[Acessar o vídeo](#)



⁶ Fala de Jonatan Jesus em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 10 de set. 2021.

CAPÍTULO 05

Entre subúrbios, becos e vielas promovendo afetos

Entre subúrbios, becos e vielas promovendo afetos

Ao longo dos últimos anos, o adensamento do trabalho das Ações Territorializadas levou a uma ampliação de parcerias interinstitucionais, bem como, de parcerias com os movimentos sociais de favelas e periferias. Esse duplo movimento para dentro e para fora da instituição fez com que AT/MV assumisse um papel muito importante para o Museu da Vida e para a COC, por um lado aproximando os territórios do cotidiano e das ações do museu e por outro alinhando as ações do museu com as ações e políticas da Fiocruz. Este quadro mostra a dinâmica “viva” do trabalho da AT/MV e suas múltiplas possibilidades de provocar interconexões entre a Fiocruz e os movimentos sociais dos territórios.

É importante destacar que exatamente porque o trabalho das Ações Territorializadas está em constante construção, a sua dimensão da interlocução com o território acaba por se desdobrar tanto em ações mais imediatas com parcerias pontuais com os movimentos sociais quanto em ações estruturantes que acabam por alterar mesmo o debate e a produção do saber dentro do museu. Ambos os desdobramentos deixam legados para o Museu da Vida e para a Fiocruz, se compreendermos esse trabalho como parte do processo histórico de amadurecimento dessa instituição na sua relação com as populações dos territórios dos quais faz parte – Maré e Manguinhos. Hoje, a Curadoria com Participação Social é o desdobramento estruturante mais impactante do trabalho territorializado que o museu desenvolve. A Curadoria com Participação Social permite que o Museu da Vida/ COC funcione como um espaço de encontro/articulação das populações dos territórios e demais atores institucionais da Fiocruz.

Esse movimento de construção das exposições junto aos parceiros de movimentos sociais de favela que AT/MV provocou o debate no MV é parte do processo histórico, onde o MV se integra a uma longa trajetória da Fiocruz. Mais adiante iremos aprofundar nossa reflexão relativo a esta proposta curadoria participativa.

Neste capítulo, você encontrará a seguinte disposição de temas: (1) Ações de parcerias imediatas provocadas pela AT/MV, no movimento de proximidade com os territórios; (2) Ações de caráter estruturantes provocadas pela AT/MV, especificamente abordaremos a proposta de Curadoria com Participação Social (CPS) desenvolvido no Museu da Vida, incluindo toda a trajetória de elaboração desse conceito; (3) Apresentação das políticas e programas institucionais da Fiocruz com as quais o trabalho territorializado do MV se alinha; (4) A relação do trabalho da AT/MV e sua contribuição com o debate de sustentabilidade, tanto para pensar uma proposta de “Campus Parque” para Fiocruz, por meio do MV, quanto para pensar a colaboração da popularização da ciência na constituição de redes que colaborem para a promoção de territórios saudáveis e sustentáveis.

1. A vida exige ação não temos tempo de esperar: Ações de parcerias imediatas provocadas pela AT/MV.



**Visita noturna da EJA-Manguinhos ao Castelo Mourisco, em 2019.
Créditos da foto: Maria Buzanovsky**

Podemos elencar alguns legados mais pragmáticos que o trabalho das Ações Territorializadas, por meio dos Seminários de Curadoria com Participação Social, nos deixou. Estes seminários surgiram a partir das avaliações da AT/MV logo na implementação do trabalho, onde a equipe identificou a demanda por participação em processos decisórios e na produção compartilhada de saber.

Em ambos os seminários (2016 e 2019) havia a demanda por uma participação continuada e estruturante na vida institucional, mas também na vida do território e principalmente uma urgência na demonstração de que a parceria efetivamente valorizava a produção dos territórios de favelas, assim desde o início compreendemos que era preciso provocar debate sobre as estruturas de produção de saber, mas paralelamente atuar de forma pragmática com os atores sociais demonstrando que o Museu da Vida e por consequência a Fiocruz, por meio do trabalho territorializado fortalecia desde o início a “luta” diária das populações desses territórios.

Dentre os exemplos dessas parcerias citamos: a) a produção de RAPs para exposição “Pelos Caminhos do SUS” do Museu da Vida, desenvolvida pelo grupo “Hip Hop e saúde”; b) a visita noturna ao Castelo Mourisco, organizada pelo Museu da Vida - expressão de uma parceria com turmas da EJA em Manguinhos (EPSJV/Rede CCAP Manguinhos e Colégio Municipal Juscelino Kubitschek); c) a série de vídeos do aniversário de 21 anos do Museu da Vida, realizada pelo coletivo Cafuné na Laje, oriundo da favela do Jacarezinho; d) consolidação da parceria junto ao coletivo *Ballet* Manguinhos; e) parceria com o “coletivo cultural experimentalismo brabo”, no projeto de cordéis para valorizar e homenagear personalidades que integram a história de Manguinhos.

a) Os RAPs para exposição “Pelos Caminhos do SUS” do Museu da Vida (2015), desenvolvida pelo grupo “Hip Hop e saúde” já foram abordados no “Capítulo 3 desse *ebook*. A junção de rappers e educadores do museu em torno de pensar como aproximar as questões do SUS da juventude de favela foi um grande e ousado ensaio nos primórdios do trabalho da AT/MV e foi um dos momentos que evidenciou a potência da arte e da cultura produzida nas favelas em diálogo com o saber da Fiocruz.

b) A visita noturna, realizada pelo Museu da Vida ao Castelo Mourisco (2019) em parceria com o EJA em Manguinhos foi uma atividade piloto para se manter semestralmente (o que não foi possível em virtude da pandemia da COVID 19), que oportunizou acesso dos estudantes/trabalhadores a um dos principais patrimônios da ciência e da saúde brasileira, que de outra forma não poderiam acessar o museu. Pois muitos dos alunos trabalham durante o dia inclusive aos finais de semana.

c) Os vídeos do aniversário de 21 anos do Museu da Vida, realizada pelo coletivo Cafuné na Laje, teve o protagonismo de profissionais da cultura e da juventude da favela do Jacarezinho, em uma série de sete vídeos temáticos e comemorativos pelos 21 anos do Museu da Vida e os 120 anos da Fiocruz (2020), onde foi possível dividirmos um pouco dos valores e abordamos também a importância para o MV dos visitantes. Os trabalhos foram realizados no segundo semestre de 2019.

d) Aprofundamento da parceria junto ao coletivo *Ballet* Manguinhos teve uma inflexão quando o MV realizou ações conjuntas na programação de férias do museu (2018/2019) e simultaneamente colaborou na divulgação da campanha do coletivo de arrecadação de recursos para aquisição da sede do *Ballet*, atualmente localizada no bairro de Maria da Graça ao lado da favela de Manguinhos.

e) Produção de cordéis em parceria com o “coletivo cultural experimentalismo brabo” (2019-2021), para valorizar e homenagear personalidades de Manguinhos destacando a luta e o protagonismo dos moradores de Manguinhos em sua própria história, relacionando com saúde em seu sentido ampliado e o diálogo entre o saber científico e o saber popular.

Uma das marcas mais negativas do Brasil são as desigualdades sociais, e na relação saúde-doença as faces dessas desigualdades se manifestam de forma ainda mais contundente em territórios de favelas. Mas precisamos estar atentos para a importância de procurar seriamente e dentro dos limites evidentes de nossas instituições atender as expectativas e fortalecer as ações/atividades dos movimentos sociais emancipatórios das favelas e periferias. Assim, reconhecer as desigualdades sociais, e simultaneamente tencionar as instituições de fato a

terem que lidar com a realidade desses territórios, para além dos debates (que são fundamentais), mas para que junto com os movimentos possamos colaborar para o enfrentamento do sistema que alimenta o processo de geração dessa desigualdade.

Danielle Cerri



Entrevistada relata a experiência da visita noturna ao Castelo Mourisco, uma parceria do Museu da Vida com a Educação de Jovens e Adultos de Manguinhos. As Ações Territorializadas possibilitaram essa ação com o público adulto trabalhador de territórios favelizados.

[Acessar o vídeo](#)



2. Curadoria com participação social: democratizando a construção do conhecimento

Paulo Gadelha



Entrevistado traz o debate dos processos de desenvolvimento de pesquisas junto a parceiros diversos e, ao tocar nesse ponto, menciona a experiência das Ações Territorializadas, destacando as interações realizadas por grupos que consideram o território como elemento fundamental em suas formulações.

[Acessar o vídeo](#)



A criação do Museu da Vida se deu a partir, pelo menos do que a Maré participou, de um processo muito participativo, desde o início. A formação dos monitores se dá a partir de uma relação muito respeitosa e construída coletivamente. Não existia uma hierarquia de saberes ou de posição: “ah, quem é do Museu da Vida vai ter aqui a primeira e última palavra”. Não, havia sempre um diálogo. Então desde o início do Museu já existia essa preocupação com a construção coletiva e participativa dos projetos e do próprio encaminhamento das políticas do Museu. O Seminário da Curadoria com Participação Social veio muito tempo depois da formação, da inauguração do Museu da Vida, mas acredito, pelo que eu pude acompanhar, que ele está nessa trajetória aí, nessa premissa de ouvir e de construir coletivamente. E surge o conceito de Curadoria com Participação Social, mas na verdade essa Participação Social e esse ouvir, construir coletivamente, já existiam desde a origem do Museu.

Quando a gente se reúne em 2016, lá na Tenda da Ciência, e conversa sobre as experiências, trazendo pessoas representantes de várias instituições, vários coletivos e dos movimentos sociais, foi muito importante. Essa troca dos olhares, dos diferentes olhares das militâncias realizadas dentro dos territórios. Tinham representantes de Manguinhos, da Maré, da Maré não era só o Museu. Vejo essa questão da própria ligação histórica entre o Museu da Vida e o Museu da Maré, da importância da nossa participação nesse processo. Como a gente já vinha, desde a formação do Museu, construindo essa ideia que a gente chama de Curadoria Coletiva, onde não só uma pessoa ou só um grupo pensando as exposições, mas onde todas as pessoas envolvidas no processo são importantes e a gente traz olhares também de fora. Olhares de pessoas que não estão no território, mas que têm um saber importante para a construção da exposição. E tudo se coloca numa roda para dialogar. Foi isso que o seminário em 2016 provocou: esse diálogo, essa troca, essa importância, até porque a gente também estava pensando já na construção, na prática, da exposição dos rios. Rios em Movimento. Ela já se deu nesse processo de participação coletiva, onde a gente reuniu várias pessoas para pensarem juntos, como uma artista plástica pensar também a construção de uma exposição temporária, a

partir justamente da inserção dos vários atores, dos diferentes atores, nesse processo.

Vejo que tudo isso, que logo depois culminou com a roda de conversa e depois com a criação do Fórum Favela Universidade, está mesmo numa perspectiva do início lá do Museu. É claro que isso também poderia acontecer mesmo que o Museu não tivesse surgido nessa perspectiva de uma construção coletiva, que tenha a preocupação com o olhar e com o diálogo com os territórios do entorno. Mesmo que não tivesse surgido assim, provavelmente em algum momento haveria essa mudança. Até porque essas mudanças se dão num movimento muito além de uma visão interna, de uma constituição interna dos museus. Essas mudanças estão acontecendo na sociedade, elas influenciam de fora para dentro também, mas eu acredito que nesse processo do Museu da Vida já havia essa perspectiva desde o início da criação do Museu. Então, vejo que trabalhar nessa perspectiva da Curadoria com Participação Social é, digamos, um desdobramento até que já se esperava de um museu como o Museu da Vida. Buscar essa interação em tudo, inclusive, na construção das exposições.

E me vi participando dessa mesa e acho que é muito importante a participação do Museu da Maré num seminário como aquele que aconteceu e depois no desdobramento (...) Na Tenda também, que é o segundo seminário que ocorre. No ano em que inaugura a exposição Rios em Movimento. E como esse processo é lento e acho que ele é lento porque envolve vários atores e o respeito. Porque poderia ter uma vanguarda: “vamos tocar, vamos fazer a toque de caixa e vamos levar, a gente consegue”. Conseguiria, mas aí não teria essa participação dos territórios tão ativa, tão fortemente, de forma tão orgânica e pensando de fato como isso vai acontecer. Então, se faz um seminário, dois, três. Se ouve, se organiza, se sistematiza essas experiências em relatórios e aí se buscam projetos e propostas de como conseguir trabalhar coletivamente. Isso é um processo e é lento, porque é respeitoso.

Vejo a participação do Museu da Maré tão importante para o Museu da Vida, quanto também para o próprio Museu da Maré. Porque trazer essa

experiência de um museu que está inserido num território como é o território da Maré, trazer essa experiência, o olhar tanto do território, mas um olhar que já traz essa questão do museu, o papel do museu para esse seminário, para esse processo da Curadoria com Participação Social é importante, porque amadurece tanto os nossos processos internos, quanto também colabora para fomentar outras experiências, que venham também nessa mesma linha de uma participação democrática, que trate com respeito a opinião, o olhar e as experiências daqueles que participam do processo. (informação verbal)¹

**Cláudia Rose – Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré/
Museu da Maré**



No campo dos museus as exposições estão entre os principais produtos que tais instituições podem oferecer a seus públicos e o Museu da Vida junto à sua rede de parceiros tem pensado em como produzi-las de forma mais dialógica, assegurando a participação social em todas as etapas de seu desenvolvimento.

O Conceito de Curadoria com Participação Social (CPS) foi construído por educadores trabalhadores do Museu da Vida² durante as suas vivências com o trabalho territorializado em locais vulnerabilizados social e ambientalmente em espaços urbanos. É um conceito pensado durante a construção de uma proposta de exposição itinerante que trata sobre a Covid-19 em territórios de favelas e que ainda está sendo desenvolvida. Dessa maneira no MV define a CPS da forma abaixo:

“Considerando as interfaces entre cultura e saúde, nós entendemos, no Museu da Vida, como curadoria com participação social, denominada pela sigla CPS, como um processo de democratização do poder em ações de construção

¹ Fala de Cláudia Rose em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 de out. 2021.

² No processo de construção desse projeto participaram da elaboração do conceito de CPS: Alessandro M. F. Batista, Clarice Ramiro, Inês Nogueira, Maria Paula Bonatto, Miguel de Oliveira, Priscilla Abrantes todos os trabalhadores do Museu da Vida.

do conhecimento entre especialistas e movimentos sociais/ organizações/ moradores de territórios sócio-ambientalmente vulnerabilizados, promovendo a legitimação de discursos e identidades sócio-culturais, por meio da construção de exposições. Esse processo envolve uma dinâmica de comunicação em condições equânimes, a partir de uma perspectiva dialógica freireana, possibilitando a participação e o protagonismo das populações desses territórios. E como produto temos a sistematização de bens culturais para construirmos acervos e expografias de cunho popular, compondo exposições preferencialmente itinerantes, mas não apenas, associadas a processos educativos, emancipatórios, para fins de promoção da saúde.”

O conceito de Curadoria com Participação Social é um conceito ainda em construção e sob a luz da reflexão e da experiência acumulada ao longo de anos no Museu da Vida. E, por isso, se distingue de co-curadoria ou de curadoria participativa desenvolvida por outros museus, em outras partes do mundo. Esse acúmulo de experiência tem como ponto catalisador o trabalho das ações territorializadas que acaba por interferir inclusive na forma como o MV vai passar a atuar nos últimos anos dentro da Casa de Oswaldo Cruz e dentro da própria Fiocruz.

2.1. A dupla inserção do Museu da Vida

A singularidade do Museu da Vida reside em sua dupla inserção. A primeira referente ao fato de sermos um museu de ciência dentro da Fundação Oswaldo Cruz, que é uma das grandes instituições de pesquisa e produção de insumos e produtos no campo da saúde no Brasil e na América Latina. Uma instituição inclusive fortemente comprometida com a potencialização e afirmação do Sistema Único de Saúde (SUS) e de uma saúde voltada para uma cidadania plena, plural e emancipatória da sociedade brasileira. Estar dentro dessa instituição nos confere um local diferenciado para pensar um museu de ciência que se abra para participação da sociedade.

Além disso, a segunda inserção se refere ao fato de que o MV e a Fiocruz estão localizados na Zona Norte do Rio de Janeiro, próximo à região da Leopoldina e entre dois grandes complexos de favelas: o Complexo de favelas de Manguinhos e o Complexo de favelas da Maré. E é bom ressaltarmos algumas características desses territórios que são importantes. Manguinhos, por exemplo, tem aproximadamente 48 mil habitantes, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a Maré tem aproximadamente 140 mil habitantes. Ambos os territórios, em sua maior parte, são considerados áreas de construções subnormais, pelo mesmo IBGE. Também os dois territórios se caracterizam por violento controle social exercido sobre a maioria dos seus moradores, com violações de direitos civis e políticos, por aparelhos de coerção públicos e privados. No geral, possuem pouco acesso a direitos sociais (educação, saúde, ambiente, habitação etc.) e ambos os territórios também, à despeito de possuírem altas taxas de desemprego e precarização acentuada do trabalho, registram intensa circulação de mercadorias e prestação de serviços, o que demonstra uma potência do ponto de vista econômico. E mesmo ambos os territórios possuindo poucos equipamentos culturais e raríssimos investimentos em cultura, sendo marcadamente influenciados pela cultura de massas veiculada pelos grandes meios de comunicação, demonstram a existência de diversos coletivos que se organizam em torno do desenvolvimento de atividades culturais, apontando para uma grande pujança e vitalidade no que tange a vida e produção cultural nesses ambientes.

O trabalho das Ações Territorializadas está diretamente ligado ao diálogo com os movimentos sociais, grupos culturais, escolas, unidades básicas de saúde e outros atores atuantes nos territórios onde a Fiocruz está inserida. A partir da metodologia da itinerância, explicada em capítulos anteriores, esses parceiros começam então a sinalizar para a equipe da AT/MV que existe o interesse em duas coisas fundamentais.

A primeira é da continuidade da ação, do diálogo e da troca entre quem leva a equipe nesses territórios e de quem traz esses territórios para dentro da Fiocruz. É a partir daí que vem o segundo ponto: a possibilidade desses parceiros conversarem com a equipe das AT/MV sobre as nossas ações enquanto museu. Uma vez que, de maneira ou de outra, nós participamos das ações e construções deles, eles passam a ter interesse também de participar das ações e construções do museu.

Esse movimento dialético e dialógico de interação e integração com esses parceiros provocou na equipe de trabalho das Ações Territorializadas uma reflexão e uma necessidade de um olhar para dentro do trabalho da equipe. E, de forma mais abrangente, um olhar para dentro do Museu da Vida. Foi um convite para ver como a equipe AT/MV poderia afetar os processos da equipe do Museu a partir das relações estabelecidas com esses parceiros.

E isso se deu não só com os movimentos sociais, como nós falamos, e o coletivos culturais, mas também com algumas unidades básicas de saúde, algumas unidades de educação, com as quais nós nos relacionávamos de maneira um pouco mais duradoura naquele momento. Lembro aqui, particularmente, de dois exemplos - a Escola Municipal Juscelino Kubitschek, em Mangueiras, que chegou a trabalhar a sua política pedagógica em interlocução com temas das ações territorializadas do Museu da Vida, e o Centro de Educação de Jovens e Adultos da Maré, que foi outro parceiro estratégico que triangulou a parceria com o Museu da Maré.

(Alessandro Batista - Educador do Museu da Vida e fundador das Ações Territorializadas)

A demanda por ampliação do diálogo nas ações do museu, tanto por parte da equipe da AT/MV quanto por parte dos parceiros, resultou na reflexão de como levar esse debate para o MV. Porém, era preciso também dialogar com o acúmulo teórico que a equipe das ações territorializadas já havia adquirido naquele momento. Portanto, de qual participação nós estaríamos falando e como fazer isso?

Além dos conceitos de Paulo Freire, Renato Dagnino e Maria Gohn³, já mencionados em capítulos anteriores, realizamos outros debates fundamentais reaproximando uma interlocução com a referência conceitual dos museus comunitários e de favela, como o Museu da Maré.

³ A perspectiva de democratização do saber referida no texto, já foi explorada e exemplificada no capítulo 2 desse ebook.

Era importante, então, discutir em que nichos de poder era preciso provocar reflexões para ter um debate efetivo sobre democratização de poder, pelo menos no âmbito do museu. Entendemos que, dentro do campo da museologia, existe um local que é o cerne, a expressão máxima de qualquer museu: a produção das suas exposições. Nessa dimensão do trabalho dos museus, existe um núcleo, um epicentro de acúmulo de poder que é o local da curadoria das exposições⁴.

Olhamos para esse trajeto, à luz do debate acumulado no campo da museologia social e no campo dos museus comunitários, olhamos para como é que seria isso num museu de ciência. A verdade é que não tínhamos resposta e entendemos que não tínhamos que ter. Percebemos que era importante fazer esta pergunta e procurar responder com os atores envolvidos. Ou seja, os demais trabalhadores e pesquisadores do Museu da Vida, os parceiros dos movimentos sociais e das escolas, que estivessem dispostos a fazer esse diálogo.

Se nós olharmos em retrospectiva para a própria história do Museu da Vida, nós vamos entender que o histórico de construção dessa metodologia de Curadoria com Participação Social tem como ponto de inflexão do trabalho das Ações Territorializadas. O conseqüente desdobramento na realização dos seus Seminários de Curadoria com Participação Social começa a ser gerido anteriormente, não é fruto espontâneo dessa demanda de participação e do trabalho das Ações Territorializadas. É a partir dessa demanda constituída, mas dialoga com um processo que remonta às próprias origens do Museu da Vida.

Um dos pontos importantes dessa discussão é a participação do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) na fundação do Museu da Vida e a participação de lideranças dos territórios de Maré e Manguinhos. Essa troca resulta também na inspiração de museus dentro das comunidades, que é o caso do Museu da Maré.

A partir desse processo de retomada da trajetória que a equipe das Ações Territorializadas organiza os primeiros seminários que tem como tema a Curadoria com Participação Social.

⁴ CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. [S.l.: s.n.], 2006.

2.2. Os seminários de Curadoria com Participação Social (CPS)

A partir dessa reflexão, a equipe das Ações Territorializadas, na época vinculada ao Serviço de Visitação e Atendimento ao Público do MV, propõe a realização de um seminário, na época chamado de Co-curadoria com Participação Social de Exposições, ocorrido em setembro de 2016. Esse seminário reuniu representantes de movimentos sociais, militantes populares, estudantes, universitários, pesquisadores das áreas de ciências sociais e humanas e profissionais do Museu da Vida. Ele tinha como objetivo provocar uma discussão de novas possibilidades de exposições museológicas com participação popular e a ampliação do diálogo desses movimentos com o Museu da Vida. Esse foi o grande objetivo desse primeiro encontro.

Começamos então a provocar, dentro da equipe, debates importantes. Eles convergem, na época, com um outro debate interno ao Museu sobre a construção de uma política de exposições que estava sendo gestada. Havia sido criado um grupo de trabalho, para pensar essa política de exposições e esse seminário provoca o GT e o museu para a necessidade de se levar as reflexões sobre Curadoria com Participação Social para o debate sobre a política de exposições do museu. Fortalece também as redes de solidariedade que nós estabelecemos com os movimentos sociais, principalmente dos territórios de Manguinhos e da Maré. E dois parceiros são fundamentais nesse momento e continuam conosco até atualidade, mantendo viva essa rede informal de parceiros que mantemos articulada em torno do trabalho das Ações Territorializadas. Um dos parceiros já foi citado, é o CEASM – Museu da Maré – e o outro é a Casa Viva – Rede CCAP de Manguinhos. Mas vários outros vão também, a partir daí, se juntar e manter conosco essa relação.

Esse primeiro Seminário foi uma grande sinalização de que o trabalho das Ações Territorializadas, implementado um ano antes, em 2015, tinha vindo para ficar e tinha a disposição de levar a demanda e o debate da Participação Social para dentro do Museu da Vida e para a vida institucional do Museu.

Isso foi um marco e um ganho em si, independentemente de qualquer outra ação mais pragmática em que esse primeiro encontro tenha se desdobrado, e ele se

desdobrou. Muitas ações, surgiram a partir daí, por exemplo, a participação dos parceiros da AT/MV nos eventos do Museu que se intensificam.

a) Primeiro Seminário de Curadoria com Participação Social (2016)

O trabalho desenvolvido pelas Ações Territorializadas do Museu da Vida fortaleceu uma rede de trocas de experiências e saberes com os territórios de Manguinhos e Maré, demais favelas e bairros periféricos que se desdobrou em uma reflexão conjunta sobre a importância da participação social no cotidiano dos museus, particularmente no Museu da Vida.

Nesse sentido, durante os dias 08, 09 e 10 de setembro de 2016, ocorreu “*Primeiro Encontro de Curadoria: Participação Social de Territórios Socialmente Vulnerabilizados em Exposições*”. O evento contou com a colaboração de diferentes atores e agentes sociais de Manguinhos e Maré. O diálogo constituído ao longo do evento, buscou destacar a importância da escuta da sociedade civil, convergindo com as diretrizes da FIOCRUZ, conforme documento do seu 8 congresso interno, que indica a participação social como um eixo de trabalho fundamental para o fortalecimento do SUS e a efetivação do seu papel enquanto instituição pública.

O objetivo do evento foi “provocar a discussão sobre a importância da escuta e atuação de populações socialmente vulnerabilizadas em ações de divulgação e popularização da ciência em Museus”. O evento foi composto por quatro etapas complementares, sendo estas: 1) Abertura com a exibição do esquete teatral “Conferência Sinistra”; 2) mesas de debates⁵, intercaladas com apresentações de artistas dos territórios de Manguinhos e Maré (Poetas, rappers, entre outros); 3) roda de conversa com os parceiros das Ações Territorializadas e os profissionais do

⁵ A primeira mesa teve como objetivo debater experiências participativas em museus e ações culturais junto a territórios de favela com destaque para experiências desenvolvidas a partir da perspectiva da Museologia Social teve como convidados: Cláudia Rose (Historiadora, Professora, Pesquisadora e Representante do Museu da Maré), Felipe Eugênio (Historiador e Coordenador de Projetos da Cooperação Social - FIOCRUZ), Mário Chagas (Professor Doutor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio). Seu Bezerra e Dona Celeste, poetas e ativistas sociais de Manguinhos. A segunda mesa teve como tema o debate sobre a formação do conceito de favela e ausência de direitos nesses territórios e ainda a capacidade de resistência dessa população teve como convidados: Marcos Alvito (Professor, Doutor, Historiador e Antropólogo da Universidade Federal Fluminense - UFF. Área de atuação: cultura popular carioca e história das favelas); Norma Maria (Psicopedagoga, Militante e Criadora do Projetos Marias - Manguinhos); Alessandro M. F. Batista (Historiador, Educador e Chefe do Serviço de Visitação Atendimento ao Público do Museu da Vida - FIOCRUZ); Seu Bezerra (poeta e ativista social de Manguinhos) e MC Xandy (Rapper, pedagogo e ativista social de Manguinhos).

Museu da Vida; 4) a construção de um Grupo de Trabalho para avaliação e escrita da síntese do evento. O encerramento do encontro contou com a apresentação da peça teatral “Eles não usam tênis Naique” produzida pelo grupo teatral Cia Marginal, da Redes Maré.

b) Segundo Seminário de Curadoria com Participação Social (2019)



2º Seminário de Curadoria com Participação Social, 2019.
Creditos da imagem: Maria Buzanovsky.

Com o passar dos anos, veio a necessidade de fazer um segundo encontro, que ocorreu em abril de 2019. Nesse seminário não usávamos mais o termo Co-curadoria, por entender que estávamos, realmente, propondo algo diferenciado no campo dos museus, principalmente, no campo dos museus de ciências, era uma Curadoria com Participação Social muito específica e não cabia mais trabalhar com aquela terminologia de co-curadoria. Ainda que não tivéssemos a definição conceitual bem-acabada desse conceito, entendíamos que era uma inovação no campo da Cultura associado ao campo da Saúde, que se apresentava numa perspectiva realmente nova. Ancorados nessa perspectiva realizamos o segundo encontro, já

com essa nova ótica de uma Curadoria com Participação Social influenciada por uma dimensão crítica da organização da vida social.

Se o primeiro encontro tinha como objetivo promover o debate sobre a possibilidade de ampliar o diálogo, o segundo já teve o caráter mais pragmático e diretivo de conhecer experiências culturais participativas, visando inclusive o protagonismo dessas experiências realizadas pelos movimentos sociais das comunidades onde a Fiocruz está inserida e a coletiva construção de estradas para que se pudessem propor curadorias com participação social e que essa participação pudesse ser transformadora dentro das rotinas de museus de ciências, em particular do Museu da Vida. Então, era olhar para como a participação se dava com os parceiros desses territórios, como eles mobilizavam, articulavam, capilarizavam e dialogavam nos seus territórios, de forma a tentar aproveitar os mecanismos e possibilidades outras nesse sentido.

E, logo de cara, uma das primeiras conclusões a qual chegamos, ainda após esse segundo seminário, é de que não existe uma fórmula para se discutir a participação social da curadoria de exposições. Nós temos diretrizes, princípios, métodos de escuta, mas a construção compartilhada do processo é o método mais importante. Melhor do que uma fórmula dada de mecanismo de escuta ou um instrumento, é saber que existem várias possibilidades de instrumento de escuta, várias possibilidades de estabelecimentos de diálogos e isso deve ser discutido, acertado e pactuado com os interlocutores, parceiros, aqueles que você quer que sejam coparticipes da produção compartilhada do conhecimento por meio da exposição. Esse é, talvez, o primeiro grande salto de amadurecimento que tivemos ao longo desse processo.

Dessa forma, nos dias 12 e 13 de abril de 2019, foi realizado o 2º Encontro de Curadoria com Participação Social, a sua construção contou com vários parceiros dos territórios (Museu da Maré, Rede CCAP Manguinhos, EJA/Manguinhos) e com o apoio da Coordenação de Cooperação Social da presidência da Fiocruz, onde coletivamente organizamos a proposta do evento. Foi um encontro dinâmico, com relatos de experiências e grupos de trabalho. No primeiro dia os temas discutidos foram “Ações educativas em exposições participativas”, “Comunicação” e “Metodologias participativas para a escolha de temas para exposições”. Já no segundo dia os debates foram sobre “Criação de exposições com participação social: desafios e problemas”, “Iniciativas culturais, participação social e garantia de direitos” e “Mobilização em

ações culturais: construir e agir. A proposta é aprofundar as reflexões do primeiro encontro, realizado em setembro de 2016, e encaminhar ações coletivas que, na prática, ampliem os canais de escuta e participação social na curadoria de exposições. Podemos relacionar ainda como desdobramentos desse encontro as ações abaixo:

- ✓ Produção e lançamento de livro, para publicizar a produção de saberes construída no evento, apresentando os referenciais teóricos que sustentam o debate sobre curadoria e participação social (válido para os dois seminários 2016 e 2019);
- ✓ Ampliação do debate acerca da importância sobre curadoria e participação social junto aos trabalhadores do Museu da Vida;
- ✓ Atualização da Exposição Manguinhos Território em Transe (desdobramento do segundo evento);
- ✓ Abertura do Museu da Vida no período noturno, em parceria com os programas de educação de jovens e adultos do território;
- ✓ Diálogo continuado com os aparelhos culturais dos territórios (Biblioteca Parque de Manguinhos, Casa do Trabalhador de Manguinhos, Museu da Maré, Lona cultural da Maré);
- ✓ Produção de exposição temporária a partir da metodologia de curadoria Participativa, o que encontrou ressonância no grupo de trabalhos que estava iniciando suas atividades para a exposição “Rios em Movimento”;
- ✓ Realização de encontros regulares sobre participação em curadoria, com oficinas para a construção de propostas expositivas junto a trabalhadores do MV e membros da rede parceiros;

A CPS vem emergindo como um importante legado estrutural do trabalho da AT para o Museu da Vida e para a Casa de Oswaldo Cruz, um exemplo disso é a incorporação do seu debate na política de exposições temporárias da COC, que entre outras questões estabeleceu a CPS como uma de suas diretrizes, sempre que possível as exposições temporárias no âmbito da unidade deverão trabalhar com essa perspectiva de curadoria. Vale salientar que também no que concerne a exposições de longa duração do MV a CPS está apontada como marco de referência, mas exploraremos isso mais adiante.



A curadoria também nesse processo de dialogar, de trazer os moradores e moradoras do território para pensar as exposições, é de uma riqueza muito grande, porque, para além da questão da inclusão desses sujeitos enquanto pensadores, também traz aquilo que a gente sempre fala para eles: que a educação é transformadora, é emancipatória. Dá-se uma concretude para essas palavras que a gente tanto fala, de transformação, de emancipação. Eles se sentem de fato agentes transformadores de alguma coisa, eles estão ali. A gente teve, se não me engano, dois ou três encontros em que alguns estudantes participaram e foi ótimo, porque eles levaram também para os demais estudantes da EJA essa posição de como eles se sentiram supervalorizados nos seus saberes. Nossa, isso para a gente é muito freireano e traz realmente a concretude do que a gente fala tanto para eles. E também traz uma contribuição numa via de mão dupla, porque, com todos esses saberes que eles carregam de uma atuação dentro do território ou mesmo as vivências que eles têm dentro desses territórios, engrandece de uma forma muito importante aquilo que é falado, aquilo que é comunicado e como se é comunicado, e para quem se é comunicado. Então, se a gente quer, de fato, atingir esse público, atingir essas pessoas, trazê-las para o debate, trazê-las para a reflexão conjunta, coletiva, é fundamental.

Esse processo de interface os estudantes, para pensar, inclusive, para entender o que é curadoria e como eles eram importantes ali, como o que eles tinham a agregar era tão importante para o museu da Fiocruz, isso, para o estudante da classe trabalhadora, morador de favela, não é de pouca monta. Foi incrível

e a gente espera que esses diálogos se fortaleçam, se amplifiquem e que a EJA e o Museu possam estar sempre em conjunto, em diálogo, para, exatamente, fazer esse papel tão importante, essa função social, esse papel de trazer essas pessoas, esses sujeitos que são normalmente tão excluídos para um papel de destaque que é o que eles realmente merecem, dentro daquilo que a gente pensa, daquilo que a gente faz enquanto instituição. (informação verbal)⁶

Danielle Cerri – Professora da Educação de Jovens e Adultos em Manguinhos



3. Alinhamento institucional com a Fiocruz

No transcorrer desse caminhar, o trabalho das Ações Territorializadas obteve o reconhecimento e parcerias com movimentos sociais, as escolas do território, os atores do território, estabelecendo também diálogo com outros atores da Fiocruz que estão nesses territórios trabalhando, seja no território de Manguinhos, seja no território da Maré, seja nos territórios de favela em geral, no Rio de Janeiro.

Esses outros atores da Fiocruz ao longo do tempo convidaram a Casa de Oswaldo Cruz, por intermédio do trabalho das Ações Territorializadas do Museu da Vida, a compor e se articular, na construção de diversos programas e políticas institucionais da Fundação Oswaldo Cruz. Esse movimento ajudou o MV e a COC a participar do debate sobre a redefinição do lugar da própria Fiocruz em suas diversas formas de intervenção nos territórios, para além de pensar a relação imediata do Museu da Vida com seu território, notadamente Manguinhos e Maré, o que está em jogo é o modo pelo qual uma instituição pública atua e refaz o sentido de sua atuação a partir das demandas territoriais.

⁶ Fala de Danielle Cerri em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 22 de out. 2021.

Dentre os vários programas e políticas institucionais que o acúmulo da AT/MV colaborou podemos destacar o Programa Institucional Territórios Saudáveis e Sustentáveis, o PITSS (2019), a Agenda Jovem Fiocruz (2019), programa de promoção da saúde – FIOPROMOS (2018), a Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030 (2017) e especialmente a política de divulgação científica da Fiocruz:

O Programa Institucional Territórios Saudáveis e Sustentáveis (PITSS) é um voltado para a indução, articulação e fortalecimento de ações territorializadas que promovam saúde e sustentabilidade nos territórios, principalmente os socio ambientalmente vulneráveis.

A Agenda Jovem Fiocruz (AJF) é uma plataforma colaborativa voltada para as juventudes brasileiras que articula temas do Sistema Único de Saúde (SUS) com a Política Nacional da Juventude. A AJF desenvolve iniciativas nas áreas de pesquisa; educação, informação e comunicação; serviços em saúde e ações territorializadas.

O programa de promoção da saúde da Fiocruz – FIOPROMOS (2018), se propõe a induzir a integração entre os grupos que desenvolvem ações de Promoção da Saúde na Fiocruz para elaboração de projetos com os territórios, em redes sociotécnicas com foco na geração de produtos e processos que envolvam a troca entre os saberes científico e popular, com ênfase nas Tecnologias Sociais em Saúde, bem como, pretende articular as ações com os demais programas institucionais em rede, e com os Programas formais de ensino e de extensão da Fiocruz, para apoiar as ações dos projetos nos/com os territórios a partir das diretrizes definidas no Termo de Referência de Promoção da Saúde da Fiocruz. Tem a intenção também de fortalecer a Política Nacional de Promoção da Saúde e as ações para o cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

A “Estratégia Fiocruz para a Agenda 2030” (EFA 2030), trata de uma estratégia institucional que considera a análise histórica, de conjuntura e prospecção de futuro da Fiocruz. A estratégia incorpora o documento das Nações Unidas ao desenvolvimento estratégico e ao programa de trabalho da Fiocruz em médio e longo prazos, com um entendimento que parte da determinação social da saúde e de temas conexos, dos estudos sociais de ciências, da ecologia de saberes e da teoria crítica sobre inovação e de modelos de desenvolvimento, nas relações locais e globais.

A política de divulgação Científica Fiocruz estabelece princípios, diretrizes, orientações e responsabilidades na construção de uma divulgação científica, democrática, dialógica, aberta e participativa, que reconhece a especificidade do campo da saúde, de modo a cumprir com a missão da Fiocruz, em especial os compromissos da sociedade e do fortalecimento do SUS. Dessa forma fortalece o campo da Divulgação Científica (DC) na Fiocruz e aprofunda a integração da divulgação ao fazer científico e a responsabilidade social da instituição. A DC é parte da função social da Fiocruz, instituição pública de Estado, voltada para a produção do conhecimento científico e inovação, assim a DC deve atuar na construção de ambientes e instrumentos que permitam à população brasileira participar de forma mais democrática e cidadã nos debates que envolvem a ciência e tecnologia, em particular no campo da saúde, colaborando no enfrentamento das desigualdades sociais.

O trabalho das Ações Territorializadas colaborou para que o MV e a COC se articulassem com os programas e políticas institucionais acima citados porque consegue servir como umnexo, um trabalho que atua em uma dimensão de fronteira entre os campos da popularização da ciência e da saúde, tendo por base a perspectiva territorializada para a promoção de territórios sustentáveis e saudáveis.

4. AT/MV, as redes territorializadas e o futuro...

Nesse item abordaremos como o acúmulo de experiências do trabalho territorializado do MV, por meio da adesão da sua equipe as redes⁷ que se criaram no território indicam a possibilidade de contribuição dessa abordagem de popularização da ciência em favelas, para o aprofundamento da relação do próprio MV e da Fiocruz com o território.

Essas experiências estão sendo incorporadas no debate de construção do programa de sustentabilidade de um dos principais projetos estratégicos da COC/Fiocruz que quando estiver plenamente implementado afetará diretamente do MV. Trata-se do

⁷ São diversas as redes que se criaram no território ao longo dos anos nesse item abordaremos duas bastante significativas por representarem como as determinações sociais podem atuar sobre a vida da população.

projeto de revitalização do Núcleo Arquitetônico e Histórico de Manguinhos⁸ (NAHM), que pretende atingir o conjunto de prédios originais da Fiocruz disponibilizando a maior parte de sua área para usos culturais, que assim integrarão as áreas de exposições do MV, que também passará a se chamar Museu da Vida Fiocruz (MF).

a) As redes territoriais e a luta por territórios Sustentáveis e Saudáveis (TSS)

O primeiro exemplo que vamos apresentar de rede territorial da qual a equipe da AT/MV colaborou na construção representando o MV/COC foi a “Rede de controle do *aedes* em Manguinhos” que surgiu no contexto da epidemia de Zika⁹ no Brasil em 2016. Tratava-se de uma resposta conjunta da Fiocruz, da secretaria municipal de saúde do RJ e das lideranças sociais do território de Manguinhos como mobilização para enfrentar epidemia que assolava o país naquele momento, por meio de mutirões para identificar focos do *aedes aegypti* e disseminar informações sobre o ciclo de vida do mosquito e ao mesmo tempo esclarecer a população sobre epidemia.

A rede se reunia quinzenalmente no turno da noite em vários lugares do território (inclusive dentro da Fiocruz) para organizar a agenda de mobilização dos mutirões e os melhores mecanismos de comunicação com a população do território. Agentes comunitários de saúde, agentes de vigilância em saúde e ambiental, garis comunitários, lideranças sociais e articuladores locais junto com trabalhadores de diversos setores da Fiocruz participaram desse processo. A rede construiu um cronograma de visitação das 15 favelas que compõem o Complexo de Manguinhos, e que integra o Plano de Controle do *Aedes Aegypti* em Manguinhos.

⁸ O conjunto eclético de edificações no campus da Fiocruz é composto pelas antigas instalações da Fazenda Manguinhos e pelas edificações que foram erigidas entre 1904 e 1919, formando o Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM). O núcleo é composto pelas edificações projetadas pelo engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Jr., com grande participação do próprio Oswaldo Cruz: o Castelo Mourisco (prédio principal); o Pavilhão do Relógio ou da Peste; a Cavalariça; o Quinino ou Pavilhão Figueiredo Vasconcellos; o Pombal ou Biotério para Pequenos Animais; o Hospital Evandro Chagas e a Casa de Chá.

⁹ O surto de vírus Zika foi o maior surto desse tipo de vírus da história, que ocorreu entre abril de 2015 e novembro de 2016. O número de casos no Brasil, onde o vírus surgiu entre agosto de 2013 e Abril de 2014, atingiu o seu pico no primeiro semestre de 2015, afetando cerca de 10 a 15 por cento da população brasileira em 2016. Cerca de um em cada cinco casos, a infecção pelo vírus resulta em uma doença conhecida como febre Zika, que causa sintomas como febre e erupções cutâneas. A infecção em mulheres grávidas foi relacionada com microcefalia em recém-nascidos através da transmissão de mãe para filho.

O objetivo dos mutirões foi identificar possíveis criadouros do vetor, estimular os moradores a exercerem um controle sistemático dos pontos mais favoráveis à formação de criadouros em suas casas, e esclarecer sobre o ciclo de vida do mosquito, além de debater sobre a epidemia e sua relação com acesso a água e a coleta regular de lixo dois problemas crônicos em favelas no Rio de Janeiro. Foram realizadas imersões nas comunidades Varginha, Nelson Mandela, Samora Machel, no conjunto habitacional Embratel, entre outros. Educadores da AT do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) e agentes da Vigilância Sanitária do Cap 3.1 instalaram tendas com maquetes e microscópios para mostrar à população os diferentes estágios de desenvolvimento do vetor: do ovo à larva, pupa e fase alada. E diversos materiais informativos foram distribuídos durante essas ações.

A segunda rede territorial que vamos abordar como exemplo que a equipe da AT/MV colaborou foi a “Rede de combate à violência em Manguinhos”, criada em 2017, que constituiu uma comissão contra a violência em Manguinhos para organizar reuniões mensais, as atividades e ações para conter a escalada da violência que avançava de forma preocupante nos territórios de favelas. Particularmente com uma sequência de ações violentas por parte das forças policiais e uma onda de assassinatos em Manguinhos, que cresceram no contexto de falência do projeto de Unidades de Polícia Pacificadora¹⁰ (UPPs) do governo do Estado do RJ.

Essa rede reuniu movimentos sociais, organizações e coletivos de Manguinhos e outras favelas da cidade para denunciar a violência armada e os cada vez mais recorrentes episódios de violações de direitos que moradores, trabalhadores e estudantes no território. O direito à vida era com frequência, o direito mais violado nesses territórios. Infelizmente ainda é o direito mais violado. Quando o mais básico dos direitos é desrespeitado, todos os outros, que seriam capazes de garantir cidadania e dignidade, se mostram cada vez mais distantes.

¹⁰ *O programa modelo de policiamento comunitário, as UPPs, criado em 2008, prometia acabar com a violência crônica das favelas do Rio de Janeiro dominadas pelo tráfico de drogas. A ideia era que o Estado abandonasse a tática de confronto e passasse a ocupar as favelas, levando não só a polícia, mas também uma ampla gama de serviços públicos. A ocupação policial aconteceu, mas os serviços nunca chegaram. Desde 2012 as UPPs já vinham mostrando sinais de esgotamento. Ataques às bases em áreas supostamente pacificadas se tornaram comuns, confrontos entre policiais e traficantes passaram a ser mais violentos e a vitimar cidadãos inocentes, e um crescente número de denúncias de abuso de poder e corrupção viraram rotina em quase todas as 38 unidades espalhadas pela cidade. Mas foi com o agravamento da crise econômica, a partir de 2015, que os problemas começaram a ficar mais explícitos. Primeiro em áreas mais distantes do centro, e depois em toda da cidade.*

A constituição da comissão contra a violência, em 2017, com reuniões regulares de moradores, coletivos, organizações comunitárias e com apoio da Fundação Oswaldo Cruz (que integra o território de Manguinhos) para discutir estratégias de enfrentamento à violência e violações de direitos, possibilitou a articulação de uma agenda ativa de atividades em Manguinhos, como o I e II Sábado Cultural “Eu só quero É ser feliz”, com carta de repúdio à violência armada e em defesa da Biblioteca Parque de Manguinhos, respectivamente. A AT/MV esteve presente com a exposição “Manguinhos território em transe” e colaborou com diversas atividades culturais nesses eventos e participou de várias reuniões e divulgou em suas redes sociais as atividades da rede e da comissão.

Além disso, a Comissão também pressionava por uma agenda com as instâncias de governo responsáveis para garantir os direitos dos moradores e moradoras de favela. Foi promovida uma busca de diálogo com outras favelas da cidade e fortalecer uma rede popular que pressionava o poder público para garantir os direitos humanos e constitucionais da população de favela.

Estes dois movimentos são exemplos de como a colaboração em redes organizadas por iniciativas dos moradores do território de Manguinhos de forma continuada fortalecendo a luta dos movimentos sociais e reconhecendo o problema dos moradores como problema também da Fiocruz. Permitiu o MV/COC por meio do trabalho da AT/MV ganhar o reconhecimento, por parte, dos movimentos e das lideranças locais referente ao compromisso do MV em construir conjuntamente territórios saudáveis capazes de gerir sua própria capacidade de propor um modelo de governança democrática.

b) O NAHM, Sustentabilidade e o “Campus Parque”.

O Plano do NAHM estabelece um reposicionamento do Museu da Vida, com maior interdisciplinaridade e atuação mais voltada para cultura, memória e lazer para um público mais amplo e diversificado. O projeto prevê que as exposições do MV ocupariam os espaços históricos teriam uma organização temática baseada nos grandes eixos de planejamento estratégico da Fiocruz e da Casa de Oswaldo Cruz: saúde pública no Brasil; ciência e tecnologia em saúde; saúde, ambiente e sustentabilidade; acervos culturais da saúde e Fiocruz e as cidades.

Ancorado no eixo temático “Saúde, Ambiente e Sustentabilidade” o projeto NAHM, prevê a construção de programa de sustentabilidade que está sendo construído,

reunindo entre outras estratégias todo acúmulo que a unidade possui nessa dimensão incluído o trabalho da AT/MV.

Essa dimensão essencial do plano toma como orientação a conservação integrada, requalificação sustentável, educação ambiental e a participação social em seus processos. Há, portanto, de se considerar conjuntamente no caso desse plano de requalificação, a valorização do patrimônio cultural e natural do campus, e das favelas, a melhoria da coesão social com o fomento da cidadania e da valorização das diversidades, e a promoção da vitalidade socioeconômica do território. Através da apropriação social do campus pela sociedade, em particular a população moradora dos territórios, busca-se um maior interlocução e criação de redes de sociabilidade e convivência, com impactos positivos na circulação de informação científica de qualidade e apoio em momentos de crise, como aconteceu na atual pandemia de COVID 19. Essa apropriação é maior quanto maior for a própria participação dessas populações nos próprios processos decisórios e nas concepções de projeto que serão aplicados nessa área. Ampliar os mecanismos de participação social dentro do Plano de Requalificação do NAHM e ações conjuntas de educação ambiental são, portanto, o principal aspecto a ser desenvolvido pelo projeto e nas ações do futuro Museu da Vida Fiocruz requalificado.

Nesse sentido o conceito e as experiências de CPS desenvolvido pelo MV, a partir do trabalho da AT, foram incorporadas ao debate de construção do programa de sustentabilidade do NAHM, sendo uma das diretrizes para o desenvolvimento das exposições de longa duração que estarão nos prédios.

No campus parque da Fiocruz, os espaços de longa duração serão a grande atração e estarão baseados nos eixos temáticos do projeto NAHM e na incorporação da população dos territórios da Fiocruz nos processos de compartilhamento do saber. Assim, a constituição do próprio “Campus Parque”, pode ser compreendido como uma iniciativa de articulação de saberes e práticas sobre a determinação socioambiental da saúde, e por consequência poderá colaborar na melhoria da qualidade de vida e sustentabilidade dos territórios. À medida que forem sendo entregues as exposições do NAHM, criam a oportunidade de uma relação mais próxima com a sociedade, em especial com o território onde se situa a instituição.

Em 2021, a Casa de Oswaldo Cruz, tendo o protagonismo do Museu da Vida, promove um Acordo de Cooperação Técnica, que envolve uma parceria com Museu da Maré/

CEASM, Ecomuseu Manguinhos/ Rede CCAP e a Coordenadoria de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz. O objetivo deste acordo é a indução, articulação e fortalecimento de ações que envolvam a memória, a divulgação científica e a cooperação social na região de Manguinhos e Maré. O trabalho das Ações Territorializadas do Museu da Vida colabora de forma direta para esse processo e a ele se integra, mantendo um alinhamento progressivo e intenso com os programas e políticas institucionais da Fiocruz.

Todos os desdobramentos expostos nesse capítulo demonstram o quanto frutífero está sendo o trabalho territorializado desenvolvido pelo MV nos últimos anos. Explicitando que este é um trabalho que tem como fundamento central a defesa da democracia e da cidadania, enquanto valores que fortalecem o SUS e o trabalho da própria Fiocruz, trazendo para primeiro plano a redução das desigualdades sociais e suas diversas formas de reprodução.

Leonídio Madureira



Entrevistado fala da importância das Ações Territorializadas na Promoção da Saúde, na defesa de políticas públicas saudáveis, na defesa do SUS, na construção de uma ciência cidadã e na construção de Territórios Sustentáveis e Saudáveis. .

[Acessar o vídeo](#)



CAPÍTULO 06

Considerações: exercícios para não esmorecer

Considerações: exercícios para não esmorecer

Madrugada Vida Favela

Madrugada triste na favela
Sem batuque, sem cheiro de panela.
Beco a fora nem ninguém me incomodar.
Levo um susto, mas que chato
É o barulho do sapato.
No telhado o gato mia
Seu olhar me arrepia.
Afinal chego na pista
No trabalho o tempo passa
A coragem me arrasta
Quando chego à tarde na favela
Tem batuque e tem cheiro de panela
Caminho pelo beco passo a passo
Vou sorrindo disfarçando meu cansaço
Vejo a filha da vizinha
Frita peixe na cozinha
Molecada joga bola
Seu Jorge toca viola
Chego em casa, que alegria
Tudo bem com a família
Bato um papo com a vizinha
Vou pra casa descansar
Que amanhã é outro dia.

(Poema de Celeste Estrela - artista e ativista cultural da favela de Manguinhos)

“Sem esmorecer, para não desmerecer”.

(Oswaldo Cruz)

1. A travessia de uma tormenta e a solidez de um trabalho

A frase de Oswaldo Cruz encarna o “espírito” do trabalho das Ações Territorializadas, e que podemos estender também para o trabalho de elaboração desse *ebook*. Pois remete a uma relação de determinação e engajamento típica do trabalho da ciência, típica dos pioneiros da ciência brasileira, ou ainda, dos primeiros cientistas da Fiocruz que trabalharam em condições bastante adversas e que fizeram ciência no Brasil. Pesquisadores pioneiros da instituição que olhavam para o território do Brasil como um território que precisava ser desvelado para superar as desigualdades no campo da saúde. Essa frase de Oswaldo Cruz expressa ideia de que a ciência tinha que estar a serviço do país e do enfrentamento dos seus problemas, e que isso requer determinação, requer esforço.

O trabalho das Ações Territorializadas do Museu, portanto, parte de um duplo esforço. Um esforço em aliar conhecimento científico produzido numa instituição de ponta, como a Fiocruz, com uma das questões mais importantes e latentes na sociedade brasileira, o enfrentamento a desigualdade social. Não entraremos no debate sobre as causas e desdobramentos dessa desigualdade, mas o que é importante registrarmos é que, nesse duplo movimento de empenho, a gente precisa integrar esse debate referente ao enfrentamento a desigualdade social, ao debate sobre produção da ciência, sobre divulgação desse conhecimento científico.

Mas o empenho e o comprometimento com o “rigor metodológico¹” (no sentido Freireano do Termo) também se apresentaram em nosso percurso como fundamentais. E aqui cabe explicar que o “rigor” significa o compromisso em garantir o processo de construção do conhecimento vinculado com o valor da democracia, e, portanto, com a garantia do diálogo e pelo respeito entre os envolvidos no processo. De tal forma, que todo empenho deve manter o trabalho educativo e comunicacional verdadeiramente dialógico, comprometido com

¹ Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

a perspectiva histórica do saber e em constante processo de (re)construção e resignificação, ou seja, ao mesmo tempo um processo vivo e comprometido com a vida.

Assim, a promoção de “trocas” e interconexões entre saberes tão distintos entre si quanto os envolvidos em um trabalho de popularização da ciência com foco na saúde em territórios de favelas, requer o respeito mútuo entre os diferentes saberes, bem como, o reconhecimento de que cada saber carrega uma especificidade não hierarquizada que pode contribuir para o aperfeiçoamento e aprimoramento dos envolvidos nesse processo.

O Museu da Vida da Fiocruz quando, por meio da AT/MV, realiza o movimento de encontro com as populações de favelas e periferias em seus territórios, ao mesmo tempo que promove a ocupação do espaço público institucional da cultura e da ciência, por essa mesma população historicamente excluída desses espaços. Se apresenta como elemento de convergência entre os saberes populares², e os saberes científicos, a ciência produzida em seus espaços consagrados na sociedade, pelo seu corpo de pesquisadores profissionais. Quando esse diálogo “vivo” ocorre, as transformações sociais se colocam em curso, pois os atores sociais da favela se transformam, mas também os ambientes de produção da ciência, a própria ciência se transforma e com eles o próprio fazer de popularizar a ciência se refaz de forma constante.

No nosso atual contexto duas novas grandes dimensões conjunturais adversas se somaram as adversidades historicamente conhecidas (dessas falaremos mais adiante) de se trabalhar em territórios de favelas e periferias no Brasil. A primeira diz respeito a ascensão de um movimento global político reacionário, ancorado em perspectivas de menosprezo pela cultura e de negacionismo da ciência. A segunda está relacionada com a realidade pandêmica, que a COVID 19 disseminou por todo planeta, ceifando vidas, transformando o comportamento e as relações humanas, agravando problemas econômicos e ampliando a desigualdade social.

A ascensão do reacionarismo político e do negacionismo científico em escala global alcança também o Brasil, realçando aqui o abismo econômico, político, social do

² *Os saberes populares contido nos movimentos sociais emancipatórios, nas escolas públicas, nas unidades básicas de saúde, nos centros de referência e assistência social, dentro dos coletivos culturais, populares, nas organizações não governamentais, nas organizações políticas locais.*

nosso país e refletindo ainda o abismo entre o senso comum e o saber científico. Esse último ponto, o abismo entre eles certamente colaborou para um momento tão polarizado da vida social como o que vivemos hoje, o que facilitou a emergência de movimentos que buscam uma perspectiva negacionista da ciência, da história, da cultura e que ao mesmo tempo fomentam a desinformação, o pânico moral e a insegurança política e social. Então precisamos entender essa distância para compreendermos como atravessar esse momento.

As Ações Territorializadas, portanto, configuram um esforço de colaborar para o protagonismo das camadas sócio ambientalmente vulnerabilizadas. A participação dessas pessoas sob crivo do diálogo com movimentos sociais, a serviço de causas que protejam minorias oprimidas, que respeite uma democracia que empodere uma maioria socialmente desfavorecida, respeite o seu universo simbólico, evidencie e se posiciona diante das suas lutas. A AT/MV colabora com o trabalho da Fiocruz fortalecendo particularmente as dimensões da promoção da saúde, e da vigilância popular em saúde.

Então pensar esse trabalho da AT/MV na perspectiva popular é pensar que no contexto atual não podemos deixar que a maior parte da nossa população, fique vulnerável a esse movimento reacionário. É grave deixá-los vulneráveis ao desconhecimento sobre questões que envolvem a ciência, questões essas que vão desde as questões climáticas, até as questões que envolvem a saúde (principalmente), entre outras. É preciso disputar corações e mentes. É preciso debater francamente sobre ciência. Aproximar o debate sobre o fazer da ciência e a sua relação com a vida das pessoas sem medo de assumir suas limitações, mas sem abandonar a evidente contribuição da ciência para a melhoria da vida moderna. Para que possamos não apenas divulgar o conhecimento científico, mas também popularizar a perspectiva que a ciência deve primordialmente estar a serviço daqueles que produzem e reproduzem a vida na nossa sociedade.

A segunda nova adversidade conjuntural que estamos vivendo diz respeito a realidade pandêmica, da COVID 19 (2020 e 2021), o que coincide com o período em que esse *ebook* foi desenvolvido. Como já falamos esse contexto de pandemia encontra o planeta, em uma conjuntura extremamente complexa de movimentos internacionais anti-ciência, que espalham informações falsas, as *Fake News*, inclusive sobre a pandemia, sobre o vírus, as suas origens, seus efeitos, sua letalidade.

A pandemia de Covid-19 atingiu o nosso planeta e impôs uma realidade totalmente diferenciada, diferente de tudo que nós tínhamos experimentado até então. Mudança de hábitos foram necessárias e adaptações, principalmente, no que tange o isolamento e o distanciamento social. Isso foi obrigatório em, praticamente, todo o planeta, atingindo, inclusive, espaços de cultura como, o Museu da Vida. Museus no mundo inteiro tiveram que fechar as suas portas da noite para o dia, usando, quase que exclusivamente, a comunicação virtual para dialogar com seus públicos e com a sociedade em geral³. É bem verdade que esse modelo de comunicação já existia antes, já vinha num crescente, mas a necessidade do isolamento social fez esse modelo comunicacional alcançar outro patamar de relevância para a sociedade como um todo, mas para os museus em particular.

Isso exigiu, no caso do Museu da Vida, muita criatividade. Na realidade, nossa criatividade foi posta à prova nessa pandemia. Foi necessário, para não fugir do lugar comum, nos reinventarmos, o que proporcionou a continuidade do próprio funcionamento do Museu e colocou à prova a capacidade de trabalhar na fronteira da arte, ciência, educação e comunicação de uma forma nunca testada pelo Museu da Vida, apresentando isso tudo no ambiente virtual. Então, a necessidade de trabalhar isso pautando a questão da memória, identidade e irmanando nossos trabalhadores, estudantes e o público do Museu para o enfrentamento daquele que está sendo o maior desafio enfrentado pela humanidade, no século XXI, até agora.

A própria decisão de fechamento das portas para o atendimento ao público e a suspensão das atividades extramuros ganhou contornos angustiantes naquelas primeiras semanas de março de 2020. Na medida em que, de um lado o Museu da Vida não podia ser um ambiente que propiciasse a disseminação do vírus, ao manter suas atividades, aglomerando pessoas, por outro lado não podíamos de forma irresponsável tomar nenhuma atitude precipitada que naquele momento pudesse promover uma mensagem de insegurança e contribuir para a disseminação do medo na sociedade. Então, nosso trabalho foi no sentido de mantermos de forma permanente uma comunicação direta tanto com a direção da Casa de Oswaldo Cruz, quanto com à sala de situação criada pela presidência da Fiocruz,

³ Segundo a UNESCO e o ICOM em 2020, noventa por cento 90% (<https://pt.unesco.org/news/covid-19-unesco-e-icom>) dos museus do mundo todo fecharam suas portas, muitos fecharam em definitivo por falta de suporte econômico, vários conseguiram se comunicar com seus públicos pelas redes sociais e em ambientes virtuais, para aqueles que ou já tinham as ferramentas (Caso do MV) ou conseguiram constituir as suas redes.

para monitoramento e enfrentamento da pandemia. Essa comunicação constante permitiu que, com a avaliação dos especialistas da Fiocruz, pudéssemos trabalhar no limite para tomada de decisão sobre o encerramento das atividades presenciais, monitorando, diuturnamente, as condições sanitárias da cidade e as informações que chegavam na instituição para sabermos se podíamos ou não manter o funcionamento. Assim a equipe de gestão do museu deliberou pelo fechamento quando de fato veio a orientação nesse sentido. Inclusive, cessando as atividades extramuros que incluíam o trabalho das Ações Territorializadas.

O Museu da Vida buscou se alinhar, durante todo esse período, com o trabalho da Fiocruz, colaborando, mesmo que de forma, às vezes, singela, com ações que variavam desde a doação de duas mil máscaras e luvas descartáveis que tínhamos armazenadas em nossa reserva técnica, gerida pelo serviço de museologia⁴. Essa doação foi feita imediatamente, bem como a disponibilização imediata da área de visitação do Museu, do Centro de Recepção do Museu, que é uma área ampla, aberta, com infraestrutura, para o funcionamento de um posto avançado de informação e orientação destinado a organizar a procura por atendimento de Covid-19 no campus da Fiocruz. E com essas contribuições, logo na primeira semana, o Museu começou a entrar no esforço da instituição para enfrentamento da pandemia.

O trabalho da AT/MV como apresentamos anteriormente nesse *ebook* consiste fundamentalmente em circular e promover a circulação de pessoas em espaços de grande adensamento populacional, o que poria em risco a vida do nosso público e dos nossos trabalhadores. Como diante dessa situação poderíamos colaborar? Essa foi uma questão que levantamos imediatamente. Aqui iremos elencar para o leitor como organizamos o trabalho nesse período. Ao realizarmos esse exercício na realidade exemplificaremos como esse trabalho ganhou solidez ao longo dos últimos anos.

Nesse momento, as Ações mantiveram de forma alternativa o contato e o apoio às populações de favelas e periferias de várias maneiras. Aqui vamos exemplificar quais foram as atividades da AT/MV nesse esforço durante o momento de virtualização do trabalho do MV, principalmente porque a desigualdade digital também se

⁴ Essa doação foi feita para o Centro de Saúde Germano Sinval Faria, que é uma Unidade Básica de Saúde de pesquisa da Fiocruz, vinculada a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP), para atendimento primário na saúde, que atende a população do complexo de favelas de Mangueiros, no momento imediato à interrupção do atendimento presencial de público.

agudizou de maneira extremamente cruel no período pandêmico, expondo chaga social da desigualdade. Dessa forma poderemos ter uma noção do quão sólido foi o trabalho nos anos anteriores. A relação dialógica estabelecida com os parceiros, as redes criadas ajudaram de maneiras distintas a manter a relação entre o MV e a Fiocruz com os parceiros dos territórios de favelas e periferias, principalmente com Manguinhos e Maré.

a) Contribuições em ações da Fiocruz

Colaboração campanha “Se liga na corona”:

É uma campanha desenvolvida pela Fiocruz, especificamente, para dialogar com públicos de favelas sobre questões da Covid-19. Essa campanha citada, “*Se Liga no Corona*”, tinha como foco a prevenção ao novo Coronavírus, considerando as condições de vida e habitação de populações em situação de vulnerabilidade socioambiental. O conteúdo produzido pela campanha envolvia radionovelas, spots para carros de som, peças e vídeos para mídias sociais e cartazes que ficavam disponíveis para *download* no portal da Fiocruz e do portal Maré Online. Em virtude do trabalho realizado por anos pela AT, o MV é chamado a dar apoio a esta campanha pelas Coordenações de Comunicação Social (CCS) e de Cooperação Social (CCPS)⁵ ligadas a presidência da Fiocruz. Assim, o Núcleo de Mídias e Diálogo com Público (NUMID) do MV⁶ e a equipe da Ações Territorializadas do MV são acionadas para replicar informações da campanha sobre a Covid-19 nas suas redes sociais; enviando postagens para os parceiros de territórios de favela; fornecendo contatos ou articulando diretamente atores desses territórios para que integrassem a campanha. Essa solicitação feita ao MV reflete o reconhecimento do trabalho da AT, de que o museu hoje tem um diálogo estabelecido com esse segmento da população e com esses territórios.

Chamada Pública para Apoio às Ações Emergenciais junto às Populações Vulneráveis (edital) no enfrentamento à Covid-19

O Museu também foi convidado a participar, junto com muitos outros setores da Fiocruz, em outra ação, a Chamada Pública para Apoio às Ações Emergenciais junto

⁵ A Coordenação de Comunicação Social e a Coordenação de Cooperação Social por orientação da presidência da Fiocruz desenvolveram a campanha conjuntamente com movimentos e organizações de favelas.

⁶ O NUMID é o setor do MV vinculado a Chefia do museu responsável pelo site e redes sociais do MV, bem como, por realizar um diálogo de proximidade com público. Atualmente a equipe AT/MV está vinculada ao Núcleo de Desenvolvimento de Público (NUDEP) uma subestrutura do Serviço de Educação do MV.

às Populações Vulneráveis - um edital para o enfrentamento à pandemia Covid-19, que atendeu projetos e movimentos sociais e demais organizações de todo país em 2020. O Museu participa desta ação, colaborando na divulgação e na comissão de avaliação do edital.

O foco desse edital eram ações emergenciais que colaboravam para frear a disseminação do novo vírus junto a populações socioambientalmente vulneráveis; ou que contribuam para garantir condições mínimas de sobrevivência a famílias impactadas pelas medidas de isolamento social necessárias ao controle da pandemia. Todas as ações propostas deveriam prever, em sua execução, o cumprimento dos protocolos de higiene recomendados para impedir a disseminação do coronavírus. As áreas de interesse da chamada foram: Segurança Alimentar; Comunicação; Saúde mental; Ações que favoreçam a observância das medidas preconizadas pelas autoridades sanitárias; e assistência específica a idosos, pessoas com doenças pré-existentes e com deficiências, gestantes e outros grupos de risco.

Doação de máscaras

Por conta do trabalho desenvolvido em favelas no RJ, o museu foi procurado por coletivos que estavam envolvidos em uma ação de distribuição de máscara para populações de territórios vulnerabilizados socialmente, de forma a colaborar na distribuição para os territórios os quais a Fiocruz está inserida. O MV procedeu uma intermediação entre campanha “*Heróis Usam Máscaras*”⁷ e a presidência da Fiocruz para a doação de cem mil máscaras de pano para as favelas da Maré, Manguinhos e Jacarezinho, o que acabou acontecendo numa parceria do Museu com a Coordenação de Cooperação Social da Presidência.

Esta campanha foi coordenada pelo “Instituto Rede Mulher Empreendedora” com ONGs de mulheres costureiras para produção de máscaras, posterior distribuição para idosos, pessoas imunodeprimidas e em situação de vulnerabilidade social. A campanha beneficiou também as costureiras, gerando fonte de renda para estas trabalhadoras.

⁷ Esta campanha foi uma ação conjunta dos bancos Bradesco, Itaú e Santander, com concepção do Instituto BEI, para viabilizar a produção de máscaras para a população brasileira.

b) Ações de formação e diálogo com professores parceiros

Colaboração com Pró-cultural - MV

Do ponto de vista da participação da AT/MV em ações de formação junto a parceiros, a única que a equipe contribuiu durante o período de pandemia foi a participação no módulo “Historicidade, Identidade e Território” do curso do Pró-Cultural, do próprio Museu, que funcionou em 2020 e 2021 de maneira virtual com o apoio da presidência da Fiocruz, que doou equipamentos eletrônicos e planos de internet, para esses alunos de favelas que faziam o curso em 2020 e para a turma nova que fez o curso em 2021 de forma que o curso conseguiu se manter de forma virtual. No ano de 2020 e 2021, as Ações Territorializadas participaram com apenas dois encontros em cada ano, o que é uma versão resumida do módulo, trabalhando os temas de negritude, racialidade, as origens das favelas e suas relações com a Promoção da Saúde.

Formação dos bolsistas AT/MV no ano de 2020

Mantivemos ao longo de 2020, o grupo de bolsistas AT/MV, selecionados no início de março daquele ano e que já haviam feito a sua formação inicial, que integra as etapas de formação desse trabalho, como já foi visto no capítulo 2 desse *ebook*. Estavam iniciando a etapa seguinte da sua formação. Esse grupo de bolsistas continuou tendo a sua formação virtual, de maneira regular, com encontros quinzenais, nesse sentido, e permaneceram trabalhando, debruçados sobre as avaliações dos parceiros, propondo a reformulação de conteúdo e *layout* da exposição Manguinhos Território em Transe. Assim, a equipe AT/MV profissional com o auxílio desses bolsistas, ao longo de 2020, consultando a equipe de concepção original da exposição e abrindo interlocução com alguns consultores do território de Manguinhos, tudo de maneira virtual, desenvolveram conteúdo de revisão, e reformularam a exposição Manguinhos Território em Transe, trazendo novos temas que apareciam nas avaliações, trazendo novas questões que os bolsistas apresentavam a partir dos seus territórios de origem.

Essa reformulação da exposição foi concluída no ano de 2021, a partir da interlocução da equipe AT/MV, e outros educadores do MV com os profissionais do Serviço de *Design* do Museu. A nova versão da exposição será lançada no início de 2022.

Ratificamos que os bolsistas AT/MV participaram das formações virtuais continuadas junto com os demais bolsistas do MV por todo período de suas bolsas, ao longo de 2020.

Diálogo com professores parceiros

No decorrer de 2020, realizamos um trabalho de pesquisa junto aos professores parceiros da AT, atuantes na Zona Oeste do Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense, com os quais já havíamos estabelecido interlocução antes da pandemia. A equipe AT/MV realizou algumas entrevistas com os referidos professores, via aplicativo de WhatsApp e pelo aplicativo TEAMS, a partir de um roteiro com perguntas abertas que abordavam os impactos da pandemia de Covid-19 na dimensão educativa, em quais condições estavam conseguindo realizar seu trabalho, a relação com os alunos, as fontes de informação sobre a COVID 19 e a pandemia, entre outros aspectos.

Neste processo, os docentes evidenciaram o aumento da evasão escolar, o fortalecimento da insegurança alimentar e a flexibilização do trabalho na modalidade de ensino remoto. Do mesmo modo, destacaram a importância da interlocução estabelecida pelo Museu da Vida da Fiocruz nas redes sociais digitais, com destaque para as *lives* e postagens no Instagram rebatendo as “fakes News” sobre a Covid-19 no Brasil. Este trabalho gerou uma matéria no site do Museu da Vida.



Nós fazíamos um projeto, na Rede CCAP/Casa Viva, de audiovisual, capacitação. E foi bem legal que muitos dos nossos estudantes, naquele período, fizeram parte do “Território em Transe”. Cito muito o “Território em Transe” porque acho que é um projeto precursor de muito do que a gente vive hoje nessa relação território e Fundação Oswaldo Cruz. Essa relação de troca, de proximidade, de chegada com as demandas, com as questões. Foi uma coisa que foi construída ao longo do tempo e o projeto “Território em Transe” fez parte dessa construção. E aí muitos dos jovens que estavam nessa perspectiva da fotografia e do audiovisual fizeram parte da construção do “Território em

Transe”. Muitos destes jovens a gente vê hoje cineastas, a gente vê um outro caso bem rico para nós que está na Justiça Global, onde ela fala dessa questão dos presidiários, aborda mais essas questões da violência. Nós temos outra, é porque a gente evita falar nomes, mas se você quiser, eu posso nomeá-las mesmo também. Se for interessante, eu posso dar os nomes. A gente vê a Raquel, estou até falando, que está na ONG Fase, onde ela tem um trabalho muito importante com as mulheres, com essa questão das violências. Então foi uma caminhada pela comunidade que trouxe viço, vamos dizer assim, para aqueles que participaram com o objetivo e o afã de contribuir mais para o seu lugar e até mesmo numa perspectiva de crescimento das suas próprias vidas pessoais. Participei, ainda mais quando caminhou pelo território, de algumas exposições. Acho que a gente poderia pensar nisso, talvez não nesse momento por N questões, mas voltar de novo para o território, para permitir que o território dialogue e converse sobre o seu lugar, as suas perspectivas, acho que é uma proposta muito rica e interessante. Caminhar pelas ruas de Manguinhos, mostrando Manguinhos, é dizer para a população que ela tem potência, que ela tem a sua força e tem oportunidade de se colocar e quem sabe até fazer diferente. (informação verbal)⁸

Elizabeth Campos – Casa Viva/ Rede CCAP



c) Demais ações com participação AT/MV

Manguinhos Solidário

O Manguinhos Solidário atua há cinco anos no auxílio aos moradores da favela em demandas emergenciais, como as enchentes que todos os anos assolavam a favela de Manguinhos. Desde o início de 2020, a iniciativa está direcionada ao combate à Covid-19, reunindo coletivos, ONGs e instituições com o foco da ação passando a ser as demandas de alimentos da população do território, a distribuição de material de higiene pessoal, de limpeza e a divulgação de informações seguras sobre o Coronavírus para a população da favela.

⁸ Fala de Elizabeth Campos em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 05 nov. 2021.

A AT/MV desde a origem do coletivo participou das reuniões e das ações e permaneceu colaborando mesmo durante a pandemia participando das reuniões virtuais desse coletivo, divulgando, por exemplo, a vaquinha *online* e demais ações que necessitavam de apoio nas redes sociais e no site do Museu, bom como, repassando informações seguras produzidas pela Fiocruz e difundidas nos seus canais oficiais pensando adaptação de textos para materiais informativos impressos, entre outras coisas.

Outra luta importante que contou com o empenho do Manguinhos Solidário durante a pandemia apoiada pelo AT/MV, foi o pleito pela reabertura da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Manguinhos, que encerrou suas atividades no dia 06 de janeiro de 2021, durante a segunda onda da pandemia no RJ, devido ao fim dos contratos dos profissionais da saúde. A UPA foi reaberta em abril de 2021, após muitas manifestações presenciais dos moradores, abaixo assinados e campanhas nas redes sociais. A organização e luta dos moradores contou com nosso apoio e solidariedade e conseguiu superar o descaso com a população e a falta de garantia de direitos.

Fórum Favela Universidade

O Museu ainda permaneceu participando de diversas articulações nos territórios de favelas. Uma das principais, sem dúvida nenhuma, foi a continuidade das ações do Fórum Favela Universidade, do qual as Ações Territorializadas do Museu da Vida e a Coordenação de Cooperação Social da Fiocruz tiveram participação na constituição, entre os anos de 2017 e 2018, junto à Pró-Reitoria de extensão da UFRJ, o Museu da Maré, o CEASM e a Rede CCAP Manguinhos, além do Conselho Comunitário de Manguinhos, entre outros atores desses dois territórios: Maré e Manguinhos. O Fórum continuou se reunindo todos os meses, de maneira virtual, fazendo debates importantes para a favela, disseminando informações seguras sobre a questão da pandemia tanto na Maré, quanto em Manguinhos. As Ações Territorializadas no Museu permaneceram engajadas e ativas todo o tempo, compondo o grupo de trabalho de pesquisa, o grupo de trabalho de comunicação do Fórum e o grupo de trabalho da Primeira Jornada Científica de Favelas.

A Jornada teve como principal objetivo promover a divulgação sócio-técnico-científica-cultural de projetos e iniciativas produtoras de conhecimento, conduzidas por moradores, estudantes universitários e lideranças sociais das favelas e periferias do Estado do Rio de Janeiro. O evento, foi totalmente virtual aconteceu entre os

dias 16 a 20 de novembro de 2021, contou com simpósios temáticos, apresentações culturais, rodas de conversa de projetos de extensão, oficinas, minicursos, além de atividades artísticas e culturais. A iniciativa além do apoio da Fiocruz e da UFRJ, também contou com o apoio da Universidade Federal Fluminense (UFF), Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Fundação Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (Uezo) e Instituto Federal de Educação.

O Fórum Favela Universidade se organiza em grupos de trabalhos temáticos que se organizam da seguinte forma: GT de Pesquisa: para mapear a trajetória dos estudantes egressos e suas produções científicas; GT de Saúde Mental: centrado na análise dos impactos psicossociais advindos das experiências dos estudantes na universidade; GT de Participação Social: com foco no fortalecimento de espaços de memória e identidade; GT de Comunicação: com objetivo de desenvolver estratégias de comunicação interna e divulgação dos encontros. Todos os Gts permaneceram em atividade, por meio de reuniões virtuais, durante a pandemia e desenvolveram diversas ações a grande maioria virtuais. A equipe da AT/MV continuou participando ativamente dos GTs colaborando de várias formas para mitigar o impacto da pandemia para o Fórum.

Parceria com *Ballet Manguinhos*

O *Ballet Manguinhos* iniciou suas atividades em 2012, atuando em um território vulnerável e cheio de desigualdades, desde então atendeu mais de três mil (3000) alunos, produzindo oito (8) espetáculos, tendo um público total de mais vinte e cinco mil (25000) pessoas. Atualmente apresenta o espetáculo “Mulher: Poder e Resistência”, atendendo gratuitamente cerca de 300 meninas e meninos⁹. O coletivo pretende por meio da arte, cultura e educação oportunizar vivências para seus alunos e alunas de forma ampliar os horizontes de cidadania dos mesmos e fortalecer valores como liberdade, democracia, valorização do estudo e do trabalho.

A AT/MV e o *Ballet Manguinhos* já eram parceiros antes da pandemia em diversas ações pontuais ou em ações de lutas coletivas em defesa da garantia dos direitos da população no território. Porém, durante a pandemia de COVID 19, o *Ballet* passou pelo seu momento mais difícil, pois perderam vítima do coronavírus a

⁹ Informações extraídas do site: <http://www.balletmanguinhos.com.br/> em 18 de novembro de 2021

sua diretora, idealizadora, e fundadora, a qual rendemos homenagens aqui nesse *ebook*, a Daiana dos Santos. Intensificamos essa relação, mantendo contato com equipe que continuou a frente do projeto, contando com a produção de textos das suas coordenadoras no site do MV com temas diversos, dando apoio e orientação logístico para o desenvolvimento de projetos, além de colaborar na divulgação do *Ballet* nas nossas redes sociais.

Parceria com coletivo cultural “Experimentalismo Brabo”

Trata-se de um coletivo de provocação artística surgido no Complexo de Favelas de Manguinhos (Rio de Janeiro-RJ), cujas ações propõem a reflexão sobre afeto, solidariedade e cultura da paz. Propõe novas formas dos moradores se relacionarem com próprio território, com mundo, com o outro e consigo mesmo.

Em suas ações o “Experimentalismo Brabo” envolve atores sociais raramente “visíveis” na cena de agitação cultural, como idosos institucionalizados, ou moradores de territórios favelizados, o Experimentalismo Brabo tem o desafio de inovar nas práticas de arte e cultura em territórios de exclusão. Provoca condições para o debate sobre as relações de opressão, onde o oprimido se percebe como ser pensante, como ser político, amplificando a escuta para sua voz. Defendendo os valores do associativismo e de práticas solidárias.

O Experimentalismo e AT/MV, durante a pandemia de COVID 19 deram continuidade a parceria que já haviam estabelecido referente ao projeto “Memórias de Manguinhos em cordel” projeto de valorização da memória de Manguinhos, realizado conjuntamente, por meio de *lives* e da produção de cordéis de personagens marcantes do território, exaltava a luta, a memória e a cultura do território de Manguinhos. Ao todo foram lançados 11 cordéis, dos quais 5 durante a pandemia, que registram a vitalidade cultural e organizativa do território de Manguinhos contribuindo para o fortalecimento da identidade local.

Colaboração Favela Cineclube e gabinete de crise do Morro da providência

Além disso podemos citar outras ações que exemplificam como o trabalho da AT/MV abriu canais de interlocução com movimentos sociais e organizações de favela e ao mesmo tempo associou na perspectiva desses parceiros o MV como uma interface da Fiocruz junto aos seus territórios.

Um bom exemplo disso é o apoio ao Gabinete de Crise da favela da Providência, criado pela união dos projetos sociais da região e moradores locais para auxiliar a população da Zona Portuária com informações e orientações de como proceder em caso de infecção por coronavírus. O AT/MV intermediou a doação de materiais informativos sobre o Coronavírus, materiais impressos da Fiocruz para distribuição na favela, além de divulgar em suas redes sociais ações do gabinete.

Outra colaboração que exemplifica essa percepção da AT/MV como interface da Fiocruz parceira desses movimentos e coletivos foi ação conjunta com projeto Favela Cineclubes ligado ao Morro da Providência e à favela da Maré. Desde agosto de 2016, o Favela Cineclubes exibe no Morro da Providência, filmes que carregam valores do gueto e a ressignificação do povo preto e pobre das Favelas e periferias do mundo todo. Em 2021, o projeto convidou o MV para concorrer ao edital vinculado a lei Aldir Blanc de apoio à cultura, assim, o museu se colocou como parceiro do Favela Cineclubes que foi contemplado e em plena pandemia conseguiu manter suas atividades de forma virtual e depois quando permitido pelas condições sanitárias, também, presencial seguindo todos os protocolos de segurança.



As Ações Territorializadas compõem a grande cesta de produtos, serviços e projetos que a Fiocruz desenvolve com os territórios. Posso citar para você aqui, a gente tem convênios. Por exemplo, a Cooperação Social atua em convênio com a Casa Viva/Rede CCAP no projeto do Ecomuseu. A própria Casa Viva com a Cooperação Social, junto com a Casa de Oswaldo Cruz, têm buscado desenvolver ações no âmbito da Curadoria com Participação, debates sobre saúde e literatura, saúde e artes. A gente tem, pela Escola Politécnica, o núcleo de Educação de Jovens e Adultos, que é importante. A gente tem a própria atenção do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. A gente tem a Fiocruz, no projeto Conexão Saúde, que oferta testagem de Covid e telemedicina em parceria com agentes da sociedade civil organizada tanto para Mangueiras, quanto para a Maré. Enfim, são várias iniciativas, várias

ações. Eu não saberia listar todas. E isso eu estou falando de hoje, de 2021. Se a gente for fazer um recuo temporal essa cesta aumenta.

Nesse sentido eu acho que uma coisa legal que as Ações Territorializadas, pelo menos no meu entendimento, busca fazer é estar sempre presente e trocando conhecimentos e montando o seu plano de ação e sua agenda com uma sensibilidade do tempo do território. Acho que isso é legal porque é o fazer participativo na veia. Muitas das vezes o projeto de pesquisa, o pesquisador pega o projeto, tem início, meio e fim, tem que fazer as entregas e atropela o tempo do território, porque precisa fazer uma entrega. E aí, não necessariamente, o outro lado, que é colocado para fazer junto, consegue acompanhar. Então, acabam saindo projetos altamente desvirtuados por conta dessa questão. E aí estou falando não apenas da relação Fiocruz-território, mas de qualquer agente externo que pretenda atuar junto aos territórios de favela. E quando falo junto aos territórios de favela, estou me referindo aos seus coletivos, aos seus grupos de organização popular, enfim, aos movimentos sociais de um modo geral. (informação verbal)¹⁰

**André Lima – Conselho Comunitário de Manguinhos/
Coordenação da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz**



d) Aniversário Solidário do Museu da Vida (2021)

Em 2020, como estávamos em processo de reorganização interna muito forte e em virtude do crescente número de vítimas da pandemia, pela primeira vez na história, não foi realizado um evento comemorativo do aniversário do museu. No ano seguinte (2021), elaboramos uma mobilização marcante inspirada pelo trabalho da AT/MV, que foi o Aniversário Solidário do Museu da Vida. Por conta do expressivo número de vítimas da pandemia de COVID 19, houve uma leitura de que não existia motivos para realização de um evento de caráter festivo, mas a compreensão do grupo gestor do MV era de aproveitar a data para potencializar o apoio aos parceiros mais próximos dos territórios de Maré e Manguinhos. De tal forma foi idealizada a

¹⁰ Fala de André Lima em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 27 de out. 2021.

criação de um evento virtual, uma grande live com alguns parceiros do trabalho da AT/MV.

Assim, a equipe AT/MV convidou o Museu da Maré, a Rede CCAP Manguinhos, o Projeto Marias, Como Posso Ajudar Meu Filho Especial, o *Ballet* Manguinhos e o Manguinhos Solidários para compor uma grande live, tendo como tema segurança alimentar e solidariedade em tempos de pandemia. A campanha para doação de recursos para compra de alimentos e materiais de higiene iniciou com dois meses de antecedência ao evento pelo site do MV e suas redes sociais, contando também com o apoio dos parceiros envolvidos na divulgação da campanha e do evento. A campanha se estendeu até o dia 30 do mês de junho de 2021, com prestação conta pública feita pelo MV.

A pandemia escancarou as desigualdades sociais no Brasil e infelizmente recolocou o nosso país no mapa da fome global, justamente por isso, foi necessário organizar a campanha para fortalecer as doações aos parceiros que enfrentavam o endurecimento dos problemas econômicos nos seus respectivos territórios, aonde a realidade já vinha visivelmente se degradando antes mesmo da crise sanitária.

Estamos juntos (TMJ) e vem de longe...



No primeiro semestre de 2017, para você ter uma noção, Manguinhos foi o bairro onde mais houve homicídio no Rio de Janeiro todo. E é um período complicado porque é um período também de transição das Unidades de Polícia Pacificadora, que num primeiro momento reduz os conflitos, as mortes, no primeiro ano, mas depois não se sustenta e aí volta. 2017 é um ano de inflexão negativa, nesse sentido, porque voltam a subir os índices de violência armada e todo o impacto devastador que isso tem na saúde, principalmente, dos moradores de Manguinhos. E uma iniciativa que começa, tem o Conselho Comunitário de Manguinhos, mas tem um momento importante que é quando os estudantes, os profissionais da Educação de Jovens e Adultos da Escola Politécnica de Saúde, a EJA de Manguinhos, junto com o Museu da Vida, a

ASFOC – o sindicato da Fiocruz – e os coletivos de Manguinhos, organizados no Conselho Comunitário, se reúnem para tentar construir alternativas e dar visibilidade para o que estava acontecendo e, sobretudo, tentar frear essa escalada da violência. Então, se reedita o ‘Caminho da Paz com Garantia de Direitos’, se colocam na Leopoldo Bulhões, que é uma rua marcada pelo apelido pejorativo de Faixa de Gaza, no sentido de se referir aos conflitos. A ideia de ocupar a rua com barracas, de participar das reuniões que planejam como vai ser esse ato, que é um ato político e cultural contra a violência, sem dúvida ganha muito mais força quando a gente tem aliados como as Ações Territorializadas do Museu da Vida, a Cooperação Social e toda a Escola Politécnica, que tem, nesse caso da Rede, um papel super importante. A gente consegue atingir uma mídia e mostrar que não é esse tipo de política que a gente quer. A gente quer uma política garantidora de direitos, inclusive, na Segurança Pública, e que valorize a vida, que priorize a vida e a dignidade humana. Ter parceiros como o Museu levando microscópio, levando materiais de Divulgação Científica, levando banners para um ato como esse, mostra o quanto isso incentiva o morador a ter essa intenção, mostra que se importa. Não se importa só do muro para dentro da Fiocruz, mas se importa com a vida de quem vive em todo esse território. E a partir daí que se constrói a Comissão Contra a Violência e se fortalece os espaços onde é possível construir a governança: o Conselho Comunitário, o Conselho de Saúde – Conselho Gestor Intersetorial, que é o CGI Manguinhos. Isso ajuda tanto a mobilização desses espaços, quanto o entendimento e o acesso à informações, por parte dos moradores, que, normalmente, não chegam e são necessárias para se lutar por garantia de direitos, por melhoria na qualidade de vida e na transformação dos indicadores que, normalmente, são muito negativos em relação à Manguinhos e que só foi possível subir um pouco nos últimos dez anos por essa organização comunitária, luta e articulação com espaços como a Fiocruz e outros parceiros. A UFRJ teve algumas ações também em relação à violência, mas não só, também na luta por saneamento. E a partir dali é que se potencializa essa força de transformação e permite se falar de governança democrática. Porque muitas vezes são territórios onde, os territórios de favela de maneira geral, não estou falando especificamente de Manguinhos, a grande maioria não elege nem o seu presidente de Associação de Morador, que é um espaço super importante. Muitas vezes ele nem elege, é imposto por quem controla

o território pela força das armas de fogo e pela violência. Então, ações como essa estimulam a governança que se contrapõe a essa só da violência e do autoritarismo, da violação de liberdades políticas e da participação básica. Começa a romper, começa a permitir um horizonte de governança, realmente, democrática, não apenas a democracia formal, de se votar de dois em dois anos, mas aquela que interessa. Se apropriar, efetivamente, da política, do Estado democrático de Direito, que só existe muitas vezes como abstração para a maioria dessa população. Ele tem que ser garantido na prática e a governança democrática que a gente defende é essa que tenha a participação de organizações de mulheres, organizações de população negras, grupos de agentes comunitários de saúde, agentes de endemia, que todos esses atores que produzem no território sejam ouvidos também na hora de decidir sobre a vida deles, sobre a política pública que será implementada naquele território. (informação verbal)¹¹

**Leonardo Bueno – Recriando Manguinhos/ Coordenação da
Cooperação Social da Presidência da Fiocruz**



Abordaremos agora como percorremos um caminho que nos levou a manter essas ações todas e a manter uma relação de proximidade com os territórios de favelas e periferias durante esse período de pandemia.

Vale ressaltar que a pandemia de Covid-19 no Brasil mostrou que não estamos todos no mesmo barco. As diferenças abissais da sociedade brasileira ficaram ainda mais evidentes nesse momento de pandemia. E quem mais sentiu o peso da crise sanitária e econômica na sociedade foram as pessoas mais pobres, particularmente as pessoas que moram em favelas e que moram nas periferias das grandes cidades. O acesso, por exemplo, ao mundo *online*, não se dá de forma igual. A despeito da afirmação amplamente difundida, que diz que no Brasil existem mais celulares do que pessoas, e que qualquer pessoa tem acesso à internet, o que constatamos junto com os nossos parceiros, é que existem pessoas com muitos celulares, alguns milhões com equipamentos de baixa qualidade tecnológica e outro contingente

¹¹ Fala de Leonardo Bueno em entrevista concedida à equipe de Ações Territorializadas, Museu da Vida, Rio de Janeiro, em 29 de set. 2021.

enorme de pessoas sem nenhum equipamento. E quanto ao acesso à internet, se dá de maneira extremamente seletiva, através de aplicativos muito específicos que não permitem um acesso à internet minimamente satisfatório, para a maior parte da população que mora em favela e periferia e outras tantas pessoas sem acesso nenhum.

E a fome e o desemprego bateram à porta de maneira trágica desse segmento populacional com a imposição do isolamento social, que era a única solução possível naquele momento para o Brasil e para o mundo, pois ainda não existiam vacinas ou tratamentos eficazes contra a Covid-19. O uso de máscaras, o distanciamento social eram as maneiras de salvar vidas, de evitar mortes. Essa população, por conta disso, sofre ainda mais os impactos da pandemia. O desemprego atinge essas pessoas de forma brutal e a fome com ele. Então, os movimentos sociais organizados, os coletivos parceiros com os quais AT/MV manteve contato nos últimos anos, se mobilizaram para enfrentar essa situação. Esses parceiros foram a linha de frente nos territórios de favelas e periferias, para eles rendemos toda homenagem com esse *ebook*. A frase “nós por nós mesmos” nunca fez tanto sentido para os favelados e periféricos do Brasil como nesses dois últimos anos de pandemia.

E o Museu da Vida, por meio das Ações Territorializadas, teve a percepção e a posição pedagógica de ser participe dentro do possível e colaborador das redes de solidariedade composta por esses movimentos. Mantendo também o contato com profissionais da educação que fizeram o possível e o impossível para apoiar seus educandos.

Mas como percorremos o caminho de chegar até aqui e alcançar a confiança dos movimentos e demais organizações?

Esse é um processo que não ocorre de maneira instantânea ou voluntarista. É preciso ter como base um trabalho pedagogicamente construído, politicamente pensado e efetivamente pautado na franqueza e no dialogismo. Podemos citar os momentos importantes de luta e reivindicações, em que AT/MV estava presente junto aos parceiros de Manguinhos e Maré, onde a Fiocruz está situada. Em várias situações nossa equipe estava na organização e nas ações levando oficinas e outros elementos do trabalho de divulgação e popularização da ciência debatendo a relação da saúde com a garantia de direitos e a importância de se discutir a serviço de quem a ciência se coloca na nossa sociedade, em pleno quadro reivindicatório dessas populações.

Nos últimos anos, participamos de maneira intensa de várias dessas lutas e podemos citar algumas delas:

✓ *Momento de crise do governo do estado do Rio de Janeiro*, onde vários equipamentos culturais e educacionais do território de Manguinhos foram abandonados, fechados por falta de recursos financeiros, entre os anos de 2015 e 2017, como, por exemplo, a Biblioteca Parque de Manguinhos Marielle Franco, a Casa da Mulher de Manguinhos, outros enfrentaram grave crise como o Centro de Referência da Juventude (CRJ), ou ainda o Colégio Estadual Luiz Carlos da Vila, entre outros equipamentos. Foram os movimentos sociais e coletivos de Manguinhos que pressionaram os poderes públicos para manterem os equipamentos, evitando o seu fechamento definitivo (exceto a casa da mulher que de fato não existe mais). A Biblioteca Parque foi ocupada e permaneceu parcialmente funcionando¹². AT/MV se manteve ao lado dos movimentos que os convidaram a participar das ações de mobilização para a defesa desses equipamentos e da própria cultura no território.

✓ *Resposta e a emergência da Zika e suas doenças correlatas*. Outro momento significativo já citado nesse *ebook*, foi o enfrentamento dessa epidemia entre 2015 e 2016. A Fiocruz, junto com a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, com os movimentos sociais organizados, participou dos mutirões no território de Manguinhos, com suas oficinas, e outras atividades para chamar a atenção da população para o problema da necessidade de controlar o *Aedes aegypti*.

✓ *Retorno da escalada da violência em Manguinhos*, em 2017, com a crise do projeto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), foi criada uma Rede Contra a Violência em Manguinhos. A AT/MV junto com outros setores da Fiocruz participaram dessa rede, que foi proposta pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos do território, pelo Conselho Comunitário de Manguinhos.

✓ *Enchentes recentes em Manguinhos*, ocorridas entre 2017 e 2018 tiveram grande impacto na vida dos moradores. As chuvas que causaram enchentes no território, que fizeram com que os movimentos sociais e coletivos criassem uma rede de mobilização denominada Manguinhos Solidário, do Conselho Comunitário de Manguinhos, que articula vários desses atores promoveu essa iniciativa. A equipe das Ações Territorializadas esteve presente divulgando

¹² Cabe ressaltar que nessa ocupação praticamente todos os movimentos sociais e coletivos de Manguinhos se uniram na defesa da Biblioteca, a liderança do processo coube ao Ballet Manguinhos, principalmente na figura da sua diretora Daiana dos Santos, que acabou vítima da COVID 19.

esse trabalho, compondo, fortalecendo essa rede recém-criada. Atualmente o Manguinhos Solidário, está na linha de frente da Covid.

✓ Ocupação militar da Maré, ocorrida entre 2014 e 2015, foi um período tenso com enfrentamentos armados e diversas vítimas fatais, o que provocou uma mobilização pela paz feita pelos movimentos sociais da Maré, fortalecendo o debate sobre a importância de se pensar um projeto de segurança pública que garantisse os direitos e a vida dos moradores de favelas no Rio de Janeiro. Uma parte da equipe AT/MV participou das manifestações pela paz no território além de manifestar apoio aos movimentos sociais e moradores da Maré nas suas redes sociais.

✓ *Ameaça a sede do Museu da Maré*, entre os anos de 2014 e 2015 estivemos juntos com o Museu da Maré - CEASM, na campanha pela manutenção da sede do Museu da Maré, que esteve sob risco de despejo da sua sede, após o término do contrato de comodato feito em 2006, na sua inauguração. A AT/MV com apoio da direção da casa de Oswaldo Cruz e junto a várias outras instituições e organizações participaram de movimento criado pelo próprio Museu da Maré chamado “**Museu da Maré Resiste!**”, que lançou um abaixo-assinado pela desapropriação do imóvel em favor do Museu e organizou a Caminhada da Resistência. Além de desenvolver diversas ações culturais no território no intuito de sensibilizar os governos municipal, estadual e federal.

A combinação entre restrições materiais e ausência de implementação de políticas públicas, caracterizam e marcam diretamente os territórios de favela da cidade do Rio de Janeiro e os territórios de periferia. Então, entendermos que as populações desses territórios são colocadas em situação de vulnerabilidade. O que denota a importância de pensarmos táticas e estratégias contra hegemônicas nesses territórios. Apoiar à luta de organização pela salvaguarda da vida das pessoas desses territórios, fortalecendo os movimentos sociais e coletivos culturais e políticos, os profissionais que atuam nesses territórios, como os professores, os agentes comunitários de saúde (demais profissionais da saúde), os assistentes sociais, as lideranças comunitárias desses territórios é uma tarefa fundamental. Atuar no enfrentamento à desinformação, às *Fake News*, com uma comunicação dialógica, buscando a interlocução permanente com os comunicadores populares e todas as organizações que atuam nessa área. Fortalecer processos educativos que promovam a valorização do saber popular com um olhar histórico crítico que ressignifique o conhecimento científico e colabore na ampliação da participação popular na tomada de decisões em nossa sociedade também é tarefa primordial.

Nossa estrada está em aberto, compreendemos que percorremos um caminho considerável, porém ainda há muito pela frente. A inconclusão é uma característica da nossa espécie. Somos seres inconclusos reconhecer que somos esses sujeitos inacabados em permanente processo social de busca é provavelmente um dos processos de autoconhecimento mais rico para os seres humanos. Assim é também a perspectiva desenvolvida pelo trabalho das Ações Territorializadas que reconhecem a determinação dos seus limites históricos, culturais e sociais, no entanto, propõe continuar a busca pela realização da tarefa histórica de superar esses mesmos limites.

Alessandro Batista



Entrevistado inicia sua fala explicando a razão de existir do trabalho das Ações Territorializadas no Museu da Vida - a democratização do saber científico na sociedade moderna e a busca incessante por processos mais equânimes de conquistas de direitos. Pauta a opção metodológica de se fazer essa obra no formato de um *ebook*, abordando a importância dos aspectos comunicacionais, e perpassa pelos capítulos, apresentando-os.

[Acessar o vídeo](#)

Referências Bibliográficas

8ª Conferência Nacional de Saúde: discurso de Sergio Arouca. Produção: Centro de Informação Científica e Tecnológica da Fiocruz (CICT). Departamento de Comunicação e Saúde (DCS). Brasília, DF: Fiocruz/CICT, 1986. 1 arquivo MP4 (42min 33s), son., color. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/48681>. Acesso em: out. 2020

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2018. E-book interativo. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/livro/como-e-por-que-desigualdades-sociais-fazem-mal-saude-e-book-interativo>. Acesso em: 17 nov. 2021.

BARBOSA, J. L. Cidadania, território e políticas públicas. *In*: SEMINÁRIO RIO DEMOCRACIA, 2., 2008, Rio de Janeiro. **Segundo Seminário do Projeto Rio Democracia**: caderno de textos. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2009. Disponível em: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Cidadania-Territo%CC%81rio-e-Poli%CC%81ticas-Pu%CC%81blicas_Por-Jorge-Luiz-Barbosa.pdf. Acesso em: 25 out. 2021.

BATISTA, A. M. F.; GONZALEZ, A. C. de S.; OLIVEIRA, D.; BARROS, H. da S. A formação de mediadores no Museu da Vida: múltiplas vivências. **Journal of Science Communication – América Latina**, v. 3, ed. 2, A05, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.03020205>. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46496>. Acesso em: 17 set. 2021.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/physis/a/msNmfGf74RqZsbpKYXxNKhm/?lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2021.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. Iniquidades em saúde no Brasil, nossa mais grave doença: comentários sobre o documento de referência e os trabalhos da Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, set. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000900033>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/4rwBHbDqtgcHDLFC3WSxZ9q/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2021.

CAMPOS, A. **Do quilombo à favela**: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.

DAGNINO, R.; BRANDÃO, F. C.; NOVAES, H. T. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. *In*: TECNOLOGIA social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004. p. 15-30. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/tecnologia-social-uma-estrategia-para-o-desenvolvimento>. Acesso em: 25 out. 2021.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DICIONÁRIO de Favelas Marielle Franco. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Dicion%C3%A1rio_de_Favelas_Marielle_Franco&oldid=12031. Acesso em: nov. 2020.

ESTRELA, Celeste. **Coroação Preta**. Rio de Janeiro: [s. n.], 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **1º Encontro de cocuradoria debate possibilidades de exposições museais com participação popular**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/1-encontro-de-cocuradoria-debate-possibilidades-de-exposicoes-museais-com-participacao-popular#.YcCQ6dDMLDd>. Acesso em: nov. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **2º Encontro de Curadoria com Participação Social acontece nos dias 12 e 13 de abril**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1162-2-encontro-de-curadoria-com-participacao-social-acontece-nos-dias-12-e-13-de-abril>. Acesso em: nov. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **Museu da Vida**: plano museológico Museu da Vida 2017-2021. Rio de Janeiro, 2017. 44 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44593>. Acesso em: set. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **Programa de Produção Cultural**: relatório turma 7. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz, 2018. 135 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **Projeto A curadoria com participação social na produção da memória da saúde em favelas e periferias urbanas**: uma metodologia de inovação cultural em prol de territórios sustentáveis e saudáveis. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz, 2020. 16 p. Texto base, posteriormente adaptado para a submissão ao Edital Inova Fiocruz Territórios Saudáveis e Sustentáveis 2020 sob o número 64171632935426 em 10 jan. 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. Serviço de Educação em Ciência e Saúde. **Programa de qualificação de monitores**: curso de formação de monitores para museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz, 2010. 12 p. datilografado.

GERMANO, M. G; KULESZA, W. A. **Popularização da ciência**: uma revisão conceitual. Caderno Brasileiro de Ensino de Física. Florianópolis: Departamento de Física - UFSC. vol. 24, n. 1, p. 7-25, abr. 2007.

GOHN, M. da G. Educação não-formal na pedagogia social. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, [s. l.]. **Proceedings online...** São Paulo: Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 11 set. 2021.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2021.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, M. T. (org.). **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

GONZALEZ, L. O terror nosso de cada dia. **Raça & Classe**, Brasília, DF, ano 1, n. 2, p. 8, ago./set. 1987.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 395 p.

HENZE, I. A. M. **O curso de formação de monitores no conjunto das ações sociais da Fiocruz: considerações sobre sua pertinência na formação de jovens em espaços não formais**. 2011, 103 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8896>. Acesso em: 10 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 25 out. de 2021.

LIMA, C. M.; BUENO, L. B. (org.) **Território, participação popular e saúde: Manguinhos em debate**. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2010. 104 p. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/territorio-popular-saude-manguinhos.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MANO, S. M. F.; DAMICO, J. S. **O que dizem os ausentes**: um estudo quali-quantitativo sobre visitas agendadas e não realizadas no Museu da Vida 2002 - 2011. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2013. (Cadernos Museu da Vida, 4). 36 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/44485>. Acesso em: out. 2021.

MARANDINO, M. (org.). **Educação em museus**: a mediação em foco. São Paulo: FEUSP, 2008.

MARTELETO, R. M.; STOTZ, E. N. (org.). **Informação, saúde e redes sociais**: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 176 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/twj9s>. Acesso em: set. 2021.

MATTOS, R. C. Remoções de favelas na cidade do Rio de Janeiro: uma história do tempo presente. **Revista Outubro**, [s. l.], n. 21, 2013. Disponível em: http://outubrevista.com.br/wp-content/uploads/2013/02/out21_06.pdf. Acesso em: 04 nov. 2021.

MOURÃO, C. E. R.; GOMES, H. da S.; GUIMARÃES, V. F. Programa de produção cultural do Museu da Vida: olhando para o território. In: DUQUEVIZ, B. C.; SANTOS, L. M. S.; FAZZIONI, N. H. (org.). **Diálogos sobre saúde e protagonismo infanto-juvenil**: ações e desafios para a Fiocruz. Rio de Janeiro: Coordenadoria de Cooperação Social/Fiocruz, 2014. p. 15-27.

MUNANGA, K. (org.) **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, M. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 1998. In: SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 310p.

SILVA, J. de S. e; BARBOSA, J. L. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013. DOI: <https://doi.org/10.12957/cdf.2013.9062>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/view/9062>. Acesso em: 16 dez. 2021.

VALLADARES, L. do P. **Passa-se uma casa**: análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da aprendizagem**: práticas e mudança por uma práxis transformadora. 9. ed. São Paulo: Libertad, 2008. (Coleção Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 6).

VASCONCELLOS, M. das M. N. **Educação ambiental na colaboração entre museus e escolas**: limites, tensionamentos e possibilidades para a realização de um projeto político pedagógico emancipatório. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/123044>. Acesso em: 25 out. 2021.

ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.